

A Estrutura Lógica do Comportamento Humano

Michael Starks

DA PESQUISA DE DECISÃO

	Disposição*	Emoção	Memória	Percepção	Desejo	PI**	IA***	Ação/ Palavra
Efeitos Subliminares	Não	Sim/Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim/Não
Associativo/ Regra baseada	RB	A/RB	A	A	A/RB	RB	RB	RB
Contexto Dependente/ Abstrata	A	CD/A	CD	CD	CD/A	A	CD/A	CD/A
Serial/Paralelo	S	S/P	P	P	S/P	S	S	S
Heurístico/ Analítica	A	H/A	H	H	H/A	A	A	A
Necessidades funcionando Memória	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Dependente da Inteligência Geral	Sim	Não	Não	Não	Sim/Não	Sim	Sim	Sim
Carregamento Cognitivo Inibe	Sim	Sim/Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Facilita ou inibições de excitação	I	F/I	F	F	I	I	I	I

Reality Press Las Vegas

Copyright © Michael Starks (2019)

ISBN: 978-1-951440-62-6

Primeira Edição Fevereiro 2020

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, distribuída ou transmitida sem o consentimento expresso do autor.
Impresso e vinculado nos Estados Unidos da América.

"Mas eu não consegui a minha imagem do mundo me satisfazendo de sua correção: nem eu tenho isso porque estou satisfeito com sua correção. Não: é o fundo herdado contra o qual eu distingo entre verdadeiro e falso." Wittgenstein OC 94

"Agora, se não são as conexões causais com as quais estamos preocupados, então as atividades da mente estão abertas diante de nós." Wittgenstein "O Livro Azul" p6 (1933)

"Bobagem, Bobagem, porque você está fazendo suposições em vez de simplesmente descrever. Se sua cabeça é assombrada por explicações aqui, você está negligenciando lembrar-se dos fatos mais importantes." Wittgenstein Z 220

"A filosofia simplesmente coloca tudo diante de nós e nem explica nem deduz nada... Pode-se dar o nome 'filosofia' ao que é possível antes de todas as novas descobertas e invenções." Wittgenstein PI 126

"O que estamos fornecendo são realmente observações sobre a história natural do homem, não curiosidades; no entanto, mas sim observações sobre fatos que ninguém duvidou e que só não foram observados porque estão sempre diante de nossos olhos." Wittgenstein RFM I p142

"O objetivo da filosofia é erguer uma parede no ponto onde a linguagem pára de qualquer maneira." Ocasões Filosóficas de Wittgenstein p187

"O limite da linguagem é mostrado por ser impossível descrever um fato que corresponde a (é a tradução de) uma frase sem simplesmente repetir a frase (isso tem a ver com a solução kantiana para o problema da filosofia)." Wittgenstein CV p10 (1931)

"O maior perigo aqui é querer observar a si mesmo." LWPP1, 459

"Um processo de máquina poderia causar um pensamento process? A resposta é: sim. De fato, apenas um processo de máquina pode causar um processo de pensamento, e 'computação' não dá nome a um processo de máquina; nomeia um processo que pode ser, e normalmente é, implementado em uma máquina." Searle PNC p73

"... a caracterização de um processo como computacional é uma caracterização de um sistema físico de fora; e a identificação do processo como computacional não identifica uma característica intrínseca da física, é essencialmente uma caracterização relativa observadora." Searle PNC p95

"O argumento da sala chinesa mostrou que a semântica não é intrínseca à sintaxe. Agora estou fazendo o ponto separado e diferente de que a sintaxe não é intrínseca à física." Searle PNC p94

"A tentativa de eliminar a falácia homunculus através da decomposição recursiva falha, porque a única maneira de obter a sintaxe intrínseca à física é colocar um homunculus na

física." Searle PNC p97

"Mas você não pode explicar um sistema físico como uma máquina de escrever ou um cérebro identificando um padrão que ele compartilha com sua simulação computacional, porque a existência do padrão não explica como o sistema realmente funciona como um sistema físico. ... Em suma, o fato de que a atribuição da sintaxe não identifica mais poderes causais é fatal para a alegação de que os programas fornecem explicações causais de cognição... Há apenas um mecanismo físico, o cérebro, com seus vários níveis causais físicos e físicos/mentais reais de descrição." Searle PNC p101-103

"Em suma, a sensação de 'processamento de informações' que é usada na ciência cognitiva é um nível muito alto de abstração para capturar a realidade biológica concreta da intencionalidade intrínseca... Estamos cegos a essa diferença pelo fato de que a mesma frase "Vejo um carro vindo em minha direção", pode ser usada para registrar tanto a intencionalidade visual quanto a saída do modelo computacional de visão... no sentido de 'informação' usada na ciência cognitiva, é simplesmente falso dizer que o cérebro é um dispositivo de processamento de informações." Searle PNC p104-105

"Pode haver razões para ações que são vinculantes a um agente racional apenas em virtude da natureza do fato relatado na declaração da razão, e independentemente dos desejos, valores, atitudes e

Avaliações? ... O verdadeiro paradoxo da discussão tradicional é que ele tenta colocar a guilhotina de Hume, a rígida distinção de valor de fato, em um vocabulário, o uso do qual já pressupõe a falsidade da distinção." Searle PNC p165-171

"... todas as funções de status e, portanto, toda a realidade institucional, com exceção da linguagem, são criadas por atos de fala que têm a forma lógica de Declarações... as formas da função de status em questão são quase invariavelmente questões de poderes desonóticos... reconhecer algo como direito, dever, obrigação, exigência e assim por diante é reconhecer uma razão de ação... essas estruturas desonéticas tornam possíveis razões independentes do desejo para a ação... O ponto geral é muito claro: a criação do campo geral de razões baseadas no desejo para a ação pressuposto a aceitação de um sistema de razões independentes de desejo para a ação." Searle PNC p34-49

"Algumas das características lógicas mais importantes da intencionalidade estão além do alcance da fenomenologia porque não têm realidade fenomenológica imediata... Porque a criação de significado por insignificância não é conscientemente experimentada... ele não existe... Isso é... a ilusão fenomenológica. Searle PNC p115-117

"A consciência é causicamente redutível aos processos cerebrais... e a consciência não tem poderes causais, além dos poderes causais da neurobiologia subjacente... Mas a reducibilidade causal não leva à redutibilidade ontológica... consciência só existe como experimentado... e, portanto, não pode ser reduzido a algo que tenha uma ontologia de terceira pessoa, algo que existe independentemente das experiências." Searle PNC 155-6

"... a relação intencional básica entre a mente e o mundo tem a ver com condições de satisfação. E uma proposta é qualquer coisa que possa ficar em uma relação intencional com o mundo, e uma vez que essas relações intencionais sempre determinam condições de satisfação, e uma proposta é definida como qualquer coisa suficiente para determinar condições de satisfações, acontece que toda intencionalidade é uma questão de proposições. Searle PNC p193

Prefácio

"Aquele que entende que babuíno faria mais pela metafísica do que Locke" Charles Darwin 1838 Caderno M

Este livro é sobre comportamento humano (como são todos os livros de qualquer pessoa

sobre qualquer coisa), e assim sobre as limitações de ter uma ancestralidade recente de macacos (8 milhões de anos ou muito menos dependendo do ponto de vista) e palavras e ações manifestas no quadro de nossa psicologia inata como apresentado na tabela da intencionalidade. Como diz o famoso evolucionista Richard Leakey, é fundamental ter em mente que não evoluímos dos macacos, mas que de todas as formas importantes, somos macacos. Se todos tivessem uma compreensão real disso (ou seja, da ecologia humana e da psicologia para realmente dar-lhes algum controle sobre si mesmos), talvez a civilização teria uma chance. Como as coisas são, no entanto, os líderes da sociedade não têm mais compreensão das coisas do que seus eleitores e assim o colapso em anarquia e ditadura é inevitável.

A fim de fornecer uma visão geral da estrutura lógica do comportamento humano de maior ordem, que é da psicologia descritiva do pensamento de ordem superior (mente, linguagem, racionalidade, personalidade, intencionalidade), ou seguindo Wittgenstein, de jogos linguísticos, eu dar uma pesquisa crítica de algumas das principais descobertas de Ludwig Wittgenstein e John Searle, tendo como ponto de partida a descoberta fundamental de Wittgenstein – que todos os problemas verdadeiramente 'filosóficos' (ou seja, psicológicos de maior ordem) são os mesmos — confusões sobre como usar a linguagem em um contexto específico, e assim todas as soluções são as mesmas — olhando como a linguagem pode ser usada no contexto em questão para que suas condições de verdade (Condições de Satisfação ou COS) sejam claras. O problema básico é que se pode dizer qualquer coisa, mas não se pode significar (COS claro pelo Estado) qualquer expressão arbitrária e significado só é possível em um contexto muito específico. Faço uma análise da recente perspectiva moderna dos dois sistemas de pensamento, empregando uma nova tabela de intencionalidade e nova nomenclatura de sistemas duplos.

É fundamental entender por que nos comportamos como nos comportamos e por isso tento descrever (não explicar como Wittgenstein insistiu). Começo com uma breve revisão da estrutura lógica da racionalidade, que fornece algumas heurísticas para a descrição da linguagem (mente, racionalidade, personalidade) e dá algumas sugestões sobre como isso se relaciona com a evolução do comportamento social. Isso gira em torno dos dois escritores que encontrei o mais importante nesse sentido, Ludwig Wittgenstein e John Searle, cujas ideias eu combino e extenso dentro da estrutura do sistema duplo (dois sistemas de pensamento) que se mostrou tão útil na compreensão recente do comportamento e na pesquisa de pensamento e raciocínio. Como notei, há, em minha opinião, essencialmente total sobreposição entre filosofia, no sentido estrito das questões duradouras que dizem respeito à disciplina acadêmica, e à psicologia descritiva do pensamento de ordem superior (comportamento). Uma vez que se entendeu da percepção de Wittgenstein de que há apenas a questão de como o jogo de idiomas deve ser jogado, determina-se as Condições de Satisfação (o que torna uma declaração verdadeira ou satisfeita etc.) e que é o fim da discussão.

Uma vez que os problemas filosóficos são o resultado de nossa psicologia inata, ou como Wittgenstein disse, devido à falta de perspicuidade da linguagem, eles correm ao longo do discurso e comportamento humano, por isso há necessidade infinita de análise filosófica, não apenas no 'humano ciências' de filosofia, sociologia, antropologia, ciência política,

psicologia, história, literatura, religião, etc., mas nas "ciências duras" da física, matemática e biologia. É universal misturar as questões do jogo de linguagem com as reais científicas sobre quais são os fatos empíricos. O cientismo está sempre presente, e o mestre o colocou diante de nós há muito tempo, wittgenstein (a seguir W) começando com os Blue and Brown Books no início da década de 1930.

"Os filósofos veem constantemente o método da ciência diante de seus olhos e são irresistivelmente tentados a fazer e responder perguntas da maneira como a ciência faz. Essa tendência é a verdadeira fonte da metafísica e leva o filósofo à escuridão completa." (BBB p18)

No entanto, uma compreensão real do trabalho de Wittgenstein, e, portanto, de como nossa psicologia funciona, está apenas começando a se espalhar na segunda década do século XXI, devido especialmente ao P.M.S. Hacker (a seguir H) e Daniele Moyal-Sharrock (a partir do DMS), mas também para muitos outros, alguns dos mais proeminentes dos quais menciono nos artigos.

Horwich dá o resumo mais bonito que já vi de onde uma compreensão de Wittgenstein nos deixa.

"Não deve haver tentativa de explicar nossa atividade linguística/conceitual (PI 126) como na redução da aritmética de Frege à lógica; nenhuma tentativa de dar-lhe fundamentos epistemológicos (PI 124) como em significado relatos baseados em um conhecimento priori; nenhuma tentativa de caracterizar formas idealizadas dele (PI 130) como em lógicas de sentido; nenhuma tentativa de reformá-lo (PI 124, 132) como na teoria do erro de Mackie ou no intuicionismo de Dummett; nenhuma tentativa de agilizar isso (PI 133) como no relato de existência de Quine; nenhuma tentativa de torná-la mais consistente (PI 132) como na resposta de Tarski aos paradoxos mentirosos; e nenhuma tentativa de torná-lo mais completo (PI 133) como no assentamento de questões de identidade pessoal para bizarros "cenários de teleportação".

Embora existam inúmeros livros e artigos sobre Wittgenstein, na minha opinião apenas alguns muito recentes (DMS, H, Coliva etc.) chegam perto de uma apreciação completa dele, nenhum faz uma tentativa séria de relacionar seu trabalho a um dos outros gênios modernos do comportamento John Searle (a partir de agora S) e ninguém aplicou os poderosos dois sistemas de estrutura de pensamento a questões filosóficas do ponto de vista da psicologia evolutiva. Eu tento fazer isso aqui.

Eu forneço uma pesquisa crítica de algumas das principais descobertas de Wittgenstein e Searle sobre a estrutura lógica da intencionalidade (mente, linguagem, comportamento), tendo como ponto de partida a descoberta fundamental de Wittgenstein – que todos os problemas verdadeiramente 'filosóficos' são os mesmos — as confusões sobre como usar a linguagem em um contexto específico, e assim todas as soluções são as mesmas — olhando como a linguagem pode ser usada no contexto em questão para que suas condições de verdade (Condições de Satisfação ou COS) sejam claras. O problema básico é que se pode

dizer qualquer coisa, mas não se pode significar (COS claro do Estado para) qualquer expressão arbitrária e significado só é possível em um contexto muito específico. Analiso vários escritos por e sobre eles a perspectiva dos dois sistemas de pensamento, empregando uma nova tabela de intencionalidade e novas nomenclatura de sistemas duplos.

Quando li "On Certainty" há alguns anos, caracterizei-o em uma revisão como a Pedra da Fundação da Filosofia e Psicologia e o documento mais básico para entender o comportamento, e na mesma época em que o DMS estava escrevendo artigos observando que havia resolvido o velho problema epistemológico de como podemos saber algo com certeza. Percebi que W foi o primeiro a entender o que agora é caracterizado como os dois sistemas ou sistemas duplos de pensamento, e eu gerei uma terminologia de sistemas duplos (S1 e S2) que eu achei muito poderosa em descrever o comportamento. Peguei a pequena mesa que John Searle (a partir de agora S) vinha usando, expandi-la muito, e descobri mais tarde que ela se integrou perfeitamente com a estrutura sendo usada por vários trabalhadores atuais na pesquisa de pensamento e raciocínio.

Desde que foram publicados individualmente, tentei fazer com que as revisões e artigos do livro ficassem sozinhos, na medida do possível, e isso explica a repetição de várias seções, notadamente a tabela e sua explicação. Começo com um pequeno artigo que apresenta a tabela da intencionalidade e descreve brevemente sua terminologia e fundo. Em seguida, é de longe o artigo mais longo, que tenta uma pesquisa sobre o trabalho de W e S como se refere à mesa e assim a um entendimento ou descrição (não explicação como W insistiu) de comportamento.

É minha afirmação que a tabela da intencionalidade (racionalidade, mente, pensamento, linguagem, personalidade etc.) que apresenta proeminentemente aqui descreve mais ou menos precisamente, ou pelo menos serve como um heurista para, como pensamos e nos comportamos, e por isso engloba não meramente filosofia e psicologia, mas tudo o resto (história, literatura, matemática, política etc.). Note especialmente que a intencionalidade e a racionalidade como eu (juntamente com Searle, Wittgenstein e outros) a vêem, inclui tanto ações ou reflexos automatizados do Sistema 2 conscientes.

O astuto pode se perguntar por que não podemos ver o Sistema 1 no trabalho, mas é claramente contraproducente para um animal estar pensando ou duvidando de cada ação, e em qualquer caso, não há tempo para o lento, massivamente integrado Sistema 2 estar envolvido na constante stream de fração de segundo 'decisões' que devemos tomar. Como W observou, nossos "pensamentos" (T1 ou os "pensamentos" do Sistema 1) devem levar diretamente às ações.

A chave para tudo sobre nós é a biologia, e é alheia que leva milhões de pessoas inteligentes como Obama, Chomsky, Clinton e o Papa a defender ideais utópicos suicidas que inexoravelmente levam direto ao Inferno na Terra. Como W observou, é o que está sempre diante de nossos olhos que é o mais difícil de ver. Vivemos no mundo do Consciente Sistema Linguístico Deliberativo 2, mas é inconsciente, sistema reflexivo automático 1 que governa. Esta é a fonte da cegueira universal descrita por Searle como A Ilusão Fenomenológica (TPI), Pinker como A Ardósia Em Branco e Tooby e Cosmides como O Modelo Padrão de Ciência

Social.

Como notei, a Ilusão Fenomenológica (esquecimento ao nosso Sistema 1 automatizado) é universal e se estende não apenas ao longo da filosofia, mas ao longo da vida. Tenho certeza que Chomsky, Obama, Zuckerberg e o Papa seriam incrédulos se fossem informados de que sofrem do mesmo problema que Hegel, Husserl e Heidegger, (ou que diferem apenas em grau de viciados em drogas e sexo em serem motivados pela estimulação de seus cortices frontais pela entrega de dopamina (e mais de 100 outros produtos químicos) através do tegmentum ventral e do núcleo accumbens), mas é claramente verdadeiro. Enquanto os fenomenologistas só perderam muito tempo de muitas pessoas, eles estão desperdiçando a terra e o futuro de seus descendentes.

As modernas "ilusões digitais", confundem os jogos linguísticos do Sistema 2 com os automatismos do Sistema 1, e por isso não podem distinguir máquinas biológicas (ou seja, pessoas) de outros tipos de máquinas (ou seja, computadores). A alegação 'reducionista' é que se pode 'explicar' o comportamento a um nível "inferior", mas o que realmente acontece é que não se explica o comportamento humano, mas um "stand in" para ele. Daí o título da clássica revisão de Searle do livro de Dennett ("Consciência Explicada")- "Consciência Explicada". Na maioria dos contextos, a "redução" do comportamento emergente de nível mais alto para funções cerebrais, bioquímica ou física é incoerente. Além disso, para a "redução" da química ou da física, o caminho é bloqueado pelo caos e pela incerteza (e a teoria do caos tem se mostrado incompleta no sentido de Godel e indecidível). Qualquer coisa pode ser "representada" por equações, mas quando elas "representam" o comportamento de ordem superior, não está claro (e não pode ser claro) o que os "resultados" significam. Metafísica reducionista é uma piada, mas a maioria dos cientistas e filósofos não tem o senso de humor apropriado.

Eu esperava soldar meus comentários em um todo unificado, mas eu percebi, como Wittgenstein e pesquisadores de IA fizeram, que a mente (aproximadamente a mesma que a linguagem que Wittgenstein nos mostrou) é um motley de peças diferentes evoluiu para muitos contextos, e não há tal o inteiro r teoria exceto aptidão inclusiva, ou seja, evolução por seleção natural.

Finalmente, como nos meus 90 artigos e outros 9 livros, e em todas as minhas cartas e e-mails e conversas por mais de 50 anos, eu sempre usei eles ou eles em vez de 'seu/ela', 'ela/ele', ou o sexismo reverso de 'ela' ou 'ela', sendo talvez o único nesta parte da galáxia a fazê-lo. O uso escravizado desses vocáveis universalmente aplicados está, naturalmente, intimamente ligado aos defeitos em nossa psicologia que geram filosofia acadêmica, democracia e o colapso da civilização industrial, e deixo a descrição adicional dessas conexões como um exercício para o leitor.

Aqueles que desejam um quadro até à data detalhado para o comportamento humano da opinião moderna dos dois sistemas consultar meu livro Falandos Macacos 3ª Ed (2019), A Estrutura Lógica da Filosofia, Psicologia, Mente e Linguagem em Ludwig Wittgenstein e John

Searle 2ª Ed (2019), Suicídio Pela Democracia, 4ª Ed (2019), Entendendo as Conexões entre Ciência, Filosofia, Psicologia, Religião, Política e Economia Artigos e Análises 2006-2019 (2019), Ilusões Utópicas Suicidas no 21st século 5ª Ed (2019), A Estrutura Lógica do Comportamento Humano (2019), A Estrutura Lógica da Consciência (2019) y outras.

Estou ciente de muitas imperfeições e limitações do meu trabalho e reviso continuamente, mas assumi a filosofia há 13 anos, aos 65 anos, então é milagroso, e um testemunho eloquente ao poder dos automatismos do Sistema 1, que eu tenho sido capaz de fazer qualquer coisa. Foram dez anos de luta incessante e espero que os leitores achar isso de alguma utilidade.

mstarks3d@yahoo.com

A Estrutura Lógica do Comportamento Humano

"Se eu quisesse duvidar se essa era a minha mão, como eu poderia evitar duvidar se a palavra 'mão' tem algum significado? Então isso é algo que eu pareço saber, afinal. Wittgenstein 'On Certainty' p48

"Que tipo de progresso é esse — o fascinante mistério foi removido — mas nenhuma profundidade foi encanada em consolo; nada foi explicado ou descoberto ou reconcebido. Como se pode pensar. Mas talvez, como Wittgenstein sugere, as virtudes da clareza, desmistificação e verdade devem ser consideradas satisfatórias o suficiente" --Horwich 'Metafilosofia de Wittgenstein'.

Primeiro, vamos lembrar-nos da descoberta fundamental de Wittgenstein (W) – que todos os problemas verdadeiramente "filosóficos" (ou seja, aqueles não resolvidos por experimentos ou coleta de dados) são os mesmos — as confusões sobre como usar a linguagem em um contexto específico, e por isso todas as soluções são as mesmas — olhando como a linguagem pode ser usada no contexto em questão para que suas condições de verdade (Condições de satisfação ou COS) sejam claras. O problema básico é que se pode dizer qualquer coisa, mas não se pode significar (COS claro do Estado para) qualquer expressão arbitrária e significado só é possível em um contexto muito específico. Assim, W em sua última obra-prima 'On Certainty' (OC) analisa exemplos perspicuosos dos diferentes usos das palavras 'know', 'doubt' e 'certain', muitas vezes de suas 3 perspectivas típicas de narrador, interlocutor e comentarista, deixando o leitor decidir o melhor uso (COS mais claro) das frases em cada contexto. Pode-se apenas descrever os usos de frases relacionadas e esse é o fim disso — sem profundidades ocultas, sem insights metafísicos. Não há 'problemas' de 'consciência', 'vontade', 'espaço', 'tempo' etc., mas apenas a necessidade de manter claro o uso (COS) dessas palavras. É realmente triste que a maioria dos filósofos continue a perder seu tempo com as confusões linguísticas peculiares à filosofia acadêmica em vez de voltar sua atenção para as das outras disciplinas comportamentais e para a física, biologia e matemática, onde é desesperadamente necessário.

O que W realmente conseguiu? Aqui está como um importante estudioso de Wittgenstein resumiu seu trabalho: "Wittgenstein resolveu muitos dos problemas profundos que têm dominado nosso tema por séculos, às vezes de fato por mais de dois milênios, problemas sobre a natureza da representação linguística, sobre a relação entre pensamento e linguagem, sobre solipsismo e idealismo, autoconhecimento e conhecimento de outras mentes, e sobre a natureza da verdade necessária e das proposições matemáticas. Ele arado até o solo da filosofia europeia de lógica e linguagem. Ele nos deu uma nova e

imensamente frutífera gama de insights sobre filosofia da psicologia. Ele tentou reverter séculos de reflexão sobre a natureza da matemática e da verdade matemática. Ele minou epistemologia fundamentalista. E nos legou uma visão da filosofia como contribuição não para o conhecimento humano, mas para a compreensão humana – compreensão das formas do nosso pensamento e das confusões conceituais nas quais somos passíveis de cair." — Peter Hacker - 'A interpretação tardia de Gordon Baker de Wittgenstein'

A isso, acrescentaria que W foi o primeiro a descrever clara e extensivamente os dois sistemas de S1 pré-lingüístico automático rápido e o lento S2. Ele explicou como o comportamento só é possível com um vasto fundo herdado que é a base axiomática para julgar e não pode ser duvidado ou julgado, assim como (escolha), consciência, eu, tempo e espaço são axiomas inatais. Ele observou em milhares de páginas e centenas de exemplos de como nossas experiências mentais interiores não são indescritíveis na linguagem, sendo isso possível apenas para o comportamento com uma linguagem pública (a impossibilidade da linguagem privada). Ele previu a utilidade da lógica paraconsistente que só surgiu muito mais tarde. Aliás, ele patenteou projetos de helicóptero que previam por três décadas o uso de jatos de ponta de lâmina para conduzir os rotores, e que tinha as sementes do motor de turbina a gás de fluxo centrífuga, projetou um monitor de batimentos cardíacos, projetado e supervisionado a construção de uma casa modernista, e esboçou uma prova do Teorema de Euler, posteriormente completado por outros. Ele expôs os fundamentos psicológicos da matemática, lógica, incompletude e infinito.

Horwich dá o resumo mais bonito que eu já vi de onde uma compreensão de Wittgenstein nos deixa.

"Não deve haver tentativa de explicar nossa atividade lingüística/conceitual (PI 126) como na redução da aritmética de Frege à lógica; nenhuma tentativa de dar-lhe fundamentos epistemológicos (PI 124) como em significado relatos baseados em um conhecimento priori; nenhuma tentativa de caracterizar formas idealizadas dele (PI 130) como em lógicas de sentido; nenhuma tentativa de reformá-lo (PI 124.132) como na teoria do erro de Mackie ou o intuicionismo de Dummett; nenhuma tentativa de agilizar isso (PI 133) como no relato de Quine da existência; nenhuma tentativa de torná-lo mais consistente (PI 132) como na resposta de Tarski aos paradoxos mentirosos; e nenhuma tentativa de torná-lo mais completo (PI 133) como no assentamento de questões de identidade pessoal para bizarros cenários hipotéticos de 'teletransporte'."

Ele pode ser visto como o primeiro psicólogo evolutivo, uma vez que constantemente explicava a necessidade do fundo inato e demonstrava como gera comportamento. Embora ninguém pareça ciente disso, ele descreveu a psicologia por trás do que mais tarde se tornou o teste de Wason - uma medida fundamental usada em Psicologia Evolutiva (PE) décadas depois. Ele observou a natureza indeterminada ou subdeterminada da linguagem e a natureza do jogo da interação social. Ele descreveu e refutou as noções da mente como

máquina e a teoria computacional da mente, muito antes dos computadores práticos ou dos famosos escritos de Searle. Ele inventou tabelas de verdade para uso em lógica e filosofia. Ele decisivamente colocou para descansar o ceticismo e a metafísica. Ele mostrou que, longe de ser inescrutável, as atividades da mente estão abertas diante de nós, uma lição que poucos aprenderam desde então.

Quando penso em Wittgenstein, muitas vezes me lembro do comentário atribuído ao professor de Filosofia de Cambridge C.D. Broad (que não entendia nem gostava dele). "Não oferecer a cadeira de filosofia para Wittgenstein seria como não oferecer a cadeira de física para Einstein!" Penso nele como o Einstein da psicologia intuitiva. Embora nascido dez anos depois, ele também estava eclodindo ideias sobre a natureza da realidade quase ao mesmo tempo e na mesma parte do mundo, e, como Einstein, quase morreu na 1ª Guerra Mundial. Agora suponha que Einstein era um homossexual suicida recluso com uma personalidade difícil que publicou apenas uma versão inicial de suas ideias que estavam confusas e muitas vezes equivocadas, mas se tornou mundialmente famosa; mudou completamente suas ideias, mas para os próximos 30 anos não publicou mais nada, e o conhecimento de seu novo trabalho, em sua forma, em sua maioria embaralhada, difundido lentamente a partir de palestras ocasionais e notas dos alunos; que ele morreu em 1951 deixando para trás mais de 20.000 páginas de rabiscos escritos à mão em alemão, compostos de frases ou parágrafos curtos com, muitas vezes, nenhuma relação clara com frases antes ou depois; que estes foram cortados e colados de outros cadernos escritos anos antes com notas nas margens, sublinhados e palavras cruzadas, de modo que muitas frases têm múltiplas variantes; que seus executivos literários cortaram essa massa indigesta em pedaços, deixando de fora o que desejavam e lutando com a monstruosa tarefa de capturar o significado correto de frases que transmitiam visões totalmente novas de como o universo funciona e que eles em seguida, publicou este material com lentidão agonizante (não terminado após meio século) com prefáces que não continham nenhuma explicação real do que se tratava; que ele se tornou tão notório quanto famoso devido a muitas declarações de que toda física anterior era um erro e até mesmo absurdo, e que praticamente ninguém entendia seu trabalho, apesar de centenas de livros e dezenas de milhares de artigos discuti-lo; que muitos físicos conheciam apenas seu trabalho inicial em que ele tinha feito uma soma definitiva da física newtoniana declarada de forma tão abstrata e condensada que era difícil decidir o que estava sendo dito; que ele foi então virtualmente esquecido e que a maioria dos livros e artigos sobre a natureza do mundo e os diversos tópicos da física moderna tinha apenas referências passageiras e geralmente errôneas a ele, e que muitos o omitiram inteiramente; que até hoje, mais de meio século após sua morte, havia apenas um punhado de pessoas que realmente agarraram as consequências monumentais do que ele tinha feito. Esta, eu afirmo, é precisamente a situação com Wittgenstein.

Se W tivesse vivido até os 80 anos, ele teria sido capaz de influenciar diretamente Searle (outro gênio moderno da psicologia descritiva), Pinker, Tooby e Cosmides, Symons, e inúmeros outros estudantes de comportamento. Se seu brilhante amigo Frank Ramsey não

tivesse morrido em sua juventude, uma colaboração altamente frutífera quase certamente teria se seguido. Se seu aluno e colega Alan Turing tivesse se tornado seu amante, uma das colaborações mais incríveis de todos os tempos provavelmente teria evoluído. Em qualquer caso, a paisagem intelectual do século XX teria sido diferente e se todos os três tivessem ocorrido, quase certamente teria sido muito diferente. Em vez disso, ele viveu em relativo isolamento intelectual, poucos o conheciam bem ou tinham uma ideia enquanto ele vivia, e apenas um punhado tem qualquer compreensão real de seu trabalho até hoje. Ele poderia ter brilhado como engenheiro, matemático, psicólogo, fisiologista (ele fez pesquisa em tempo de guerra nele), um músico (ele tocava instrumentos e tinha um talento renomado para assobiar), um arquiteto (a casa que ele projetou e construiu para sua irmã ainda está de pé), ou um empresário (ele herdou uma das maiores fortunas do mundo, mas deu tudo). É um milagre ele ter sobrevivido às trincheiras e campos de prisioneiros repetidamente voluntário para o dever mais perigoso (enquanto escrevia o *Tractatus*) na 1ª Guerra Mundial, muitos anos de depressões suicidas (3 irmãos sucumbiram a eles), evitou ser preso na Áustria e executado pelos nazistas (ele era parcialmente judeu e provavelmente apenas o desejo nazista de colocar as mãos em seu dinheiro salvou a família), e que ele não foi perseguido por sua homossexualidade e levado ao suicídio como seu amigo Turing. Ele percebeu que ninguém entendia o que estava fazendo e talvez nunca (não surpreendente como ele era meio século - ou um século inteiro, dependendo do seu ponto de vista à frente da psicologia e da filosofia, que só recentemente começaram a aceitar que nosso cérebro é um órgão evoluído como o nosso coração.)

Primeiro oferecerei alguns comentários sobre filosofia e sua relação com a pesquisa psicológica contemporânea como exemplificado nas obras de Searle (S), Wittgenstein (W), Hacker (H) et al. Vai ajudar a ver minhas críticas de TLP, BBB, PI, OC por W e PNC (Filosofia em Um Novo Século), *Making the Social World* (MSW), *Seeing Things As They Are* (STATA), *Searle's Philosophy and Chinese Philosophy* (SPCP), John R Searle – *Thinking About the Real World* (TARW), e outros livros por e sobre esses gênios, que fornecem uma clara descrição do comportamento de ordem superior, não encontrados em livros de psicologia, que eu vou me referir como o quadro ws. Começo com algumas citações penetrantes de W e S.

"A confusão e a estéril idade da psicologia não devem ser explicadas chamando-a de "ciência jovem"; seu estado não é comparável com o da física, por exemplo, em seus primórdios. (Em vez disso, com o de certos ramos da matemática. Definir teoria.) Pois na psicologia há métodos experimentais e confusão conceitual. (Como no outro caso, confusão conceitual e métodos de prova). A existência do método experimental nos faz pensar que temos os meios de resolver os problemas que nos incomodam; embora problema e método passar um ao outro por. Wittgenstein (PI p.232)

"Os filósofos veem constantemente o método da ciência diante de seus olhos e são irresistivelmente tentados a fazer e responder perguntas da maneira como a ciência faz. Essa tendência é a verdadeira fonte da metafísica e leva o filósofo à escuridão completa." (BBB p18).

"Mas eu não consegui a minha imagem do mundo me satisfazendo de sua correção: nem tenho porque estou satisfeito com sua correção. Não: é o fundo herdado contra o qual eu distingo entre verdadeiro e falso." Wittgenstein OC 94

"O objetivo da filosofia é erguer uma parede no ponto onde a linguagem pára de qualquer maneira." Ocasões Filosóficas de Wittgenstein p187

"O limite da linguagem é mostrado por ser impossível descrever um fato que corresponde a (é a tradução de) uma frase sem simplesmente repetir a frase ..." Wittgenstein CV p10

"Muitas palavras, então, nesse sentido, então não têm um significado rigoroso. Mas isso não é um defeito. Pensar que é seria como dizer que a luz da minha lâmpada de leitura não é uma luz real, porque não tem limite acentuado." BBB p27

"Cada sinal é capaz de interpretação, mas o significado não deve ser capaz de interpretação. É a última interpretação" BBB p34

"Há uma espécie de doença geral de pensamento que sempre procura (e encontra) o que seria chamado de estado mental do qual todos os nossos atos brotam, a partir de um reservatório." BBB p143

"E o erro que nós aqui e em mil casos semelhantes estamos inclinados a cometer é rotulado pela palavra "fazer" como a usamos na frase "Não é um ato de discernimento que nos faz usar a regra como fazemos", porque há uma ideia de que "algo deve nos fazer" fazer o que fazemos. E isso se junta novamente à confusão entre causa e razão. Não precisamos de razão para seguir a regra como nós. A cadeia de razões tem um fim. BBB p143

"Se tivermos em mente a possibilidade de um quadro que, embora correto, não tem nenhuma semelhança com seu objeto, a interpolação de uma sombra entre a sentença e a realidade perde todo o ponto. Porenquanto, a sentença em si pode servir como tal sombra. A frase é apenas um quadro, que não tem a menor semelhança com o que representa." BBBp37

"Assim, podemos dizer de alguns matemáticos filosofando que eles obviamente não estão cientes dos muitos usos diferentes da palavra "prova"; e que eles não são claros sobre as diferenças entre os usos da palavra "tipo", quando falam de tipos de números, tipos de prova, como se a palavra "gentil" aqui significasse a mesma coisa que no contexto "tipos de maçãs". Ou, podemos dizer, eles não estão cientes dos diferentes significados da palavra "descoberta" quando, em um caso, falamos da descoberta da construção do Pentágono e no outro caso da descoberta do Polo Sul." BBB p29

"Algumas das características lógicas mais importantes da intencionalidade estão além do

alcance da fenomenologia porque não têm realidade fenomenológica imediata... Porque a criação de significado por insignificância não é conscientemente experimentada... ele não existe... Isso é... a ilusão fenomenológica. Searle PNC p115-117

"... a relação intencional básica entre a mente e o mundo tem a ver com condições de satisfação. E uma proposta é qualquer coisa que possa ficar em uma relação intencional com o mundo, e uma vez que essas relações intencionais sempre determinam condições de satisfação, e uma proposta é definida como qualquer coisa suficiente para determinar condições de satisfação, acontece que toda intencionalidade é uma questão de proposições. Searle PNC p193

"O Estado intencional representa suas condições de satisfação... as pessoas erroneamente supõem que cada representação mental deve ser conscientemente pensada... mas a noção de uma representação como estou usando é uma noção funcional e não ontológica. Qualquer coisa que tenha condições de satisfação, que possam ter sucesso ou falha de uma forma característica da intencionalidade, é, por definição, uma representação de suas condições de satisfação... podemos analisar a estrutura da intencionalidade dos fenômenos sociais analisando suas condições de satisfação." Searle MSW p28-32

"Superstição não é nada além de crença no nexo causal." TLP 5.1361

"Agora, se não são as conexões causais com as quais estamos preocupados, então as atividades da mente estão abertas diante de nós." BBB p6

"Sentimos que mesmo quando todas as possíveis questões científicas foram respondidas, os problemas da vida permanecem completamente intocados. Claro, então não há perguntas, e esta em si é a resposta.
TLP 6.52

"Bobagem, Bobagem, porque você está fazendo suposições em vez de simplesmente descrever. Se sua cabeça é assombrada por explicações aqui, você está negligenciando lembrar-se dos fatos mais importantes." Z 220

"A filosofia simplesmente coloca tudo diante de nós e nem explica nem deduz nada... Pode-se dar o nome 'filosofia' ao que é possível antes de todas as novas descobertas e invenções." PI 126

"Quanto mais estritamente examinamos a linguagem real, mais nítida se torna o conflito entre ela e nossa exigência. (Pois a pureza cristalina da lógica não foi, naturalmente, resultado da investigação: era um requisito.)" PI 107

"A concepção errada que quero me opor nessa convivência é a seguinte, que podemos descobrir algo totalmente novo. Isso é um erro. A verdade é que já temos tudo, e que

temos realmente presente; Não precisamos esperar por nada. Fazemos nossos movimentos no reino da gramática da nossa língua comum, e essa gramática já está lá. Assim, já temos tudo e não precisamos esperar pelo futuro." (dito em 1930) Waismann "Ludwig Wittgenstein and the Vienna Circle (1979) p183

"Aqui nos deparamos com um fenômeno notável e característico na investigação filosófica: a dificuldade---Posso dizer--- não é a de encontrar a solução, mas sim a de reconhecer como a solução algo que parece ser apenas preliminar para ela. Já dissemos tudo. --- Nada que se siga disso, não é essa a solução! Isso está conectado, acredito, com a nossa injustamente esperando uma explicação, enquanto a solução da dificuldade é uma descrição, se lhe dermos o lugar certo em nossas considerações. Se pensarmos sobre ele, e não tentar ir além dele. Zettel p312-314

"Nosso método é puramente descritivo, as descrições que damos não são indícios de explicações." BBB p125

Essas citações não são escolhidas aleatoriamente, mas (juntamente com as outras nas minhas revisões) são um esboço de comportamento (natureza humana) de dois de nossos maiores psicólogos descritivos. Ao considerar essas questões devemos ter em mente que a filosofia (no sentido rigoroso que considero aqui) é a psicologia descritiva do pensamento de ordem superior (HOT), que é outro dos fatos óbvios que são totalmente negligenciados - ou seja, eu nunca vi claramente declarado em qualquer lugar. Além de não deixá-lo que o que estão fazendo é psicologia descritiva, os filósofos raramente especificam exatamente o que esperam contribuir para esse tema que outros estudantes de comportamento (ou seja, cientistas) não fazem, então depois de notar W's acima observação sobre a inveja da ciência, eu vou citar novamente de Hacker que dá um bom começo sobre ele.

"Os epistemólogos tradicionais querem saber se o conhecimento é verdadeira crença e outra condição..., ou se o conhecimento nem implica crença ... Queremos saber quando o conhecimento sabe e quando não requer justificativa. Precisamos ser claros o que é atribuído a uma pessoa quando diz-se que ele sabe de algo. É um estado mental distinto, uma conquista, uma performance, uma disposição ou uma habilidade? Saber ou acreditar que p pode ser idêntico com um estado do cérebro? Por que alguém pode dizer "ele acredita que p, mas não é o caso que p", enquanto não se pode dizer "Eu acredito que p, mas não é o caso que p"? Por que existem maneiras, métodos e meios de alcançar, alcançar ou receber conhecimento, mas não crença (em oposição à fé)? Por que alguém pode saber, mas não acreditar em quem, o que, qual, se e como? Por que alguém pode acreditar, mas não saber, sinceramente, apaixonadamente, hesitante, tolamente, imprudentemente, fanática, dogmática ou razoavelmente? Por que alguém pode saber, mas não acreditar, algo perfeitamente bem, completamente ou em detalhes? E assim por diante - através de muitas centenas de questões semelhantes relativas não apenas ao conhecimento e à crença, mas também à dúvida, à certeza, lembrando, esquecendo, observando, percebendo, reconhecendo, participando, estar ciente, estar consciente, sem mencionar

os inúmeros verbos da percepção e seus cogatos. O que precisa ser esclarecido se essas perguntas devem ser respondidas é a teia de nossos conceitos epistêmicos, as formas pelas quais os diversos conceitos se reúnem, as diversas formas de suas compatibilidades e incompatibilidades, seu ponto e propósito, suas pressupostos e diferentes formasde dependência de contexto. Para este exercício venerável em análise conjuntiva, conhecimento científico, psicologia, neurociência e ciência cognitiva autodenominada não pode contribuir com nada." (Passando pela virada naturalista: no beco sem saída de Quine- p15 (2005).

Em sua morte em 1951 W deixou para trás uma coleção dispersa de cerca de 20.000 páginas. Além do Tractatus, eles eram inéditos e amplamente desconhecidos, embora alguns fossem amplamente divulgados e lidos (como eram notas tomadas em suas aulas), levando a influências extensas, mas em grande parte não reconhecidas. Algumas obras foram perdidas e muitas outras W tinham destruído. A maior parte deste Nachlass foi microfilmada em 1968 pela Universidade de Cornell e cópias foram compradas por poucas bibliotecas. A Filosofia da Psicologia de Budd -Wittgenstein (1989)- como a maioria dos comentaristas w do período, não faz referência ao microfilme. Embora grande parte dos Nachlass seja repetitivo e apareça de alguma forma em seus trabalhos posteriormente publicados (que são referenciados por Budd), muitos textos variantes são de grande interesse e há material substancial que nunca foi traduzido do alemão original nem publicado em forma de livro.

Notas de palestrade de Yorick Smithies apareceram em 2018 e até agora estamos esperando o que parece ser uma versão do Livro Marrom, deixada com seu amante Francis Skinner – 'Wittgenstein, Ditando Filosofia para Francis Skinner' (Springer, 2019). Em 1998, o CD Bergen dos Nachlass completos apareceu - Wittgenstein's Nachlass: Text and Facsimile Version: The Bergen Electronic Edition \$2500 ISBN 10: 0192686917. Está disponível através de empréstimo interbiblioteca e gratuito na rede também. Como os outros CDs do trabalho de W, ele está disponível na Intellex (www.nlx.com). É indexado e pesquisável e o recurso Prime W. No entanto, minhas extensas leituras da literatura W mostram que pouquíssimas pessoas se preocuparam em consultá-la e, portanto, suas obras não têm um elemento crítico. Pode-se ver os papéis de Victor Rodych sobre as observações de W sobre Godel para uma exceção notável. Um grande trabalho datado do período médio de W (1933) que foi publicado como um livro em 2000 é o famoso Big Typescript. A Filosofia da Psicologia de Wittgenstein (1991) de Budd é um dos melhores

tratamentos de W (veja minha crítica), mas desde que ele terminou este livro em 1989, nem o Big Typescript nem o CD bergen estavam disponíveis para ele e ele negligenciou o microfilme de Cornell. No entanto, de longe, as obras mais importantes datam do 3º período de W (ca. 1935 a 1951) e todas elas foram usadas por Budd.

As ideias totalmente novas de Wittgenstein e os julgamentos super-socráticos únicos (meu mandato) e a escrita telegráfica, juntamente com seu estilo de vida muitas vezes solitário, quase solipsista, e a morte prematura em 1951, resultou em uma falha em publicar nada de seu pensamento posterior durante sua vida e só lentamente tem suas enormes *nachlass* de cerca de 20.000 páginas foram publicadas, um projeto que continua até hoje. A única edição completa dos *nachlass* em grande parte alemães foi emitida pela primeira vez por Oxford em 2000 com a Intellect agora publicando-a, bem como todos os 14 livros em inglês Blackwell em um CD pesquisável. O CD blackwell custa us\$ 100, mas o CD de Oxford custa mais de US\$ 1.000 ou mais de US\$ 2.000 para o conjunto, incluindo as imagens dos manuscritos originais. No entanto, eles podem ser obtidos via empréstimo interbiblioteca e também, como a maioria dos livros e artigos, agora estão disponíveis gratuitamente na rede (libgen.io, b-ok.org e no p2p). O CDROM pesquisável de seus livros ingleses, bem como o de todos os *nachlass* alemães, está agora em vários sites na rede e o CD de Bergen deve ser lançado para uma nova edição ca. 2021--
<http://wab.uib.no/alouis/Pichler%2020170112%20Geneva.pdf>). E claro, a maioria dos artigos acadêmicos e livros agora são gratuitos on-line em b-ok.org e libgen.io.

Além disso, há enormes problemas com a tradução de seu alemão vienense do início do século XX para o inglês moderno. Deve-se ser um mestre em inglês, alemão e W para fazer isso e muito poucos estão à frente. Todas as suas obras sofrem de erros claros de tradução e há questões mais sutis em que se tem que entender todo o impulso de sua filosofia posterior para traduzir. Uma vez que, na minha opinião, ninguém, exceto Daniele Moyal-Sharrock (DMS) entendeu toda a importação de seus trabalhos posteriores (mas é claro que ela publicou recentemente e muitos agora estão cientes de suas opiniões), pode-se ver por que W ainda não foi totalmente apreciado. Mesmo adiferença mais ou menos bem-conhecida entre entender 'Satz' como 'frase' (ou seja, o que pode ser considerado em muitos contextos como uma expressão S1) vs 'proposição' (ou seja, em muitos contextos uma expressão Significativa s2 com Condições de Satisfação) em vários contextos geralmente escapou de aviso prévio.

Poucos avisos (Budd p29-32, Stern e DMS em um artigo recente são raras exceções) de que W prescientemente (décadas antes do caos e da ciência da complexidade surgirem) sugeriu que alguns fenômenos mentais podem ter origem em processos caóticos no cérebro que, por exemplo, não há nada correspondente a um traço de memória. Ele também sugeriu

várias vezes que a cadeia causal tem um fim, e isso pode significar tanto que não é possível (independentemente do estado da ciência) rastreá-la mais adiante, quanto que o conceito de 'causa' deixa de ser aplicável além de um certo ponto (p34). Posteriormente, muitos fizeram sugestões semelhantes sem qualquer ideia de que W foi antecipado por décadas (na verdade mais de um século agora em alguns casos).

Com o DMS considero o último livro de W 'On Certainty' (OC) como a pedra fundamental da filosofia e da psicologia. Não é realmente um livro, mas observa que ele fez durante os últimos dois anos de sua vida enquanto morria de câncer de próstata e mal conseguia trabalhar. Ele parece ter sido motivado principalmente pela percepção de que os esforços simples de G.E. Moore tinham focado a atenção no núcleo de toda filosofia - como é possível significar, acreditar, saber alguma coisa, e não ser capaz de duvidar dele. Tudo o que qualquer um pode fazer é examinar minuciosamente o funcionamento dos jogos linguísticos de funções 'sabe' e 'certas' e 'dúvidas' como são usados para descrever as funções primitivas automatizadas do sistema pré-linguístico S1 do nosso cérebro (meu K1, C1 e D1) e as avançadas funções do sistema linguístico deliberativo S2 (minhas funções K2, C2 e D2). Claro, W não usa a terminologia de dois sistemas, que only veio à tona na psicologia cerca de meio século após sua morte, e ainda tem que penetrar filosofia, mas ele claramente agarrou a estrutura de dois sistemas (a 'gramática') em todo o seu trabalho do início dos anos 30, e pode-se ver frente clara-sombras em seus primeiros escritos.

Muito foi escrito em Moore e W and On Certainty (OC) recentemente, depois de meio século em relativo esquecimento. Veja por exemplo, "Moore e Wittgenstein" (2010), de Annalisa Coliva, "Racionalidade Estendida" (2015), As Variedades do Autoconhecimento (2016), "Explorando a Certeza" (2014), de Brice.) eo livro guia de filosofia de Andy Hamilton para Wittgenstein e On Certainty, e os muitos livros e artigos de Daniele Moyal-Sharrock (DMS) e Peter Hacker (PH), incluindo os recentes 3 volumes de Hacker sobre a Natureza Humana. DMS e PH têm sido os principais estudiosos do último W, cada um escrevendo ou editando meia dúzia de livros (muitos revisados por mim) e muitos artigos na última década. No entanto, as dificuldades de lidar com o básico da nossa psicologia de maior ordem, ou seja, de como a linguagem (aproximadamente a mesma que a mente, como W nos mostrou) as obras são evidenciadas por Coliva, um dos filósofos contemporâneos mais brilhantes e prolíficos, que fez observações em um artigo muito recente que mostra que após anos de trabalho intensivo no W posterior, ela parece não ter percebido que ele resolveu os problemas mais básicos da descrição do comportamento humano. Como o DMS deixa claro, não se pode nem mesmo coerentemente estatal dúvidas sobre as operações de nossa psicologia básica (W's 'Dobradiças' que eu equiparo com S1) sem cair em incoerência. O DMS observou as limitações de ambos os trabalhadores (limitações compartilhadas por todos os estudantes de comportamento) em seus artigos recentes, que (como os de Coliva e Hacker) estão livremente disponíveis na rede.

Como diz o DMS: "... as notas que compõem a certeza revolucionam o conceito de crenças básicas e dissolvem o ceticismo, tornando-as corretivas, não só para Moore, mas também para Descartes, Hume e toda epistemologia. Em *Certainty* mostra Wittgenstein ter resolvido o problema que ele se decidiu resolver – o problema que ocupou Moore e assolada epistemologia – a da base do conhecimento.

A visão revolucionária de Wittgenstein em *On Certainty* é que o que os filósofos tradicionalmente chamam de "crenças básicas" – essas crenças que todo o conhecimento deve ser baseado – não podem, na dor de regressão infinita, ser baseadoem em crenças proposicionais adicionais. Ele vem ver que crenças básicas são realmente formas animais ou não reflexivas de agir que, uma vez formuladas (por exemplo, por filósofos), se parecem com proposições (empíricas). É essa aparência enganosa que leva os filósofos a acreditar que na fundação do pensamento é ainda mais pensamento. No entanto, embora muitas vezes pareçam conclusões empíricas, nossas certezas básicas constituem o fundamento imposição, não-proposicional do conhecimento, não seu objeto. Ao situar assim a base do conhecimento em certezas não reflexivas que se manifestam como formas de agir, Wittgenstein encontrou o lugar onde a justificativa chega ao fim, e resolveu o problema regressivo das crenças básicas – e, de passagem, mostrou a impossibilidade lógica do ceticismo hiperbólico. Acredito que esta é uma conquista inovadora para a filosofia – digna de chamar a "terceira obra-prima" *On Certainty* Wittgenstein."

Cheguei às mesmas conclusões gerais há alguns anos e a firmeci nas resenhas do meu livro.

Ela continua:" ... é precisamente assim que Wittgenstein descreve as certezas do tipo Moore em *On Certainty*: elas "têm a forma de proposições empíricas", mas não são proposições empíricas. É certo que essas certezas não são proposições metafísicas putativas que parecem descrever as características necessárias do mundo, mas são proposições empíricas putativas que parecem descrever as características contingentes do mundo. E aí reside algumas das novidades de *On Certainty*. Em *Certeza* é contínuo com todos os escritos anteriores de Wittgenstein – incluindo o *Tractatus* – na qual vem no final de uma longa e ininterrupta tentativa de elucidar a gramática de nossos jogos de idiomas, para demarcar gramática da linguagem em uso. Baker e Hacker elucidaram soberbamente o segundo wittgenstein desmascarando a natureza gramatical de proposições metafísicas ou super empíricas; o que diferencia a certeza é sua distinção mais perspicuosa entre algumas proposições 'empíricas' e outras ('Nossas "proposições empíricas" não formam uma massa homogênea' (OC 213)): algumas proposições aparentemente empíricas e contingentes sendo de fato nada além de expressões de regras gramaticais. A importância dessa realização é que leva à visão sem precedentes de que as crenças básicas – embora pareçam propostas empíricas e contingentes – são de fato formas de agir que, quando conceitualmente elucidadas, podem ser vistas como regras de gramática: eles estão por trás de todo o pensamento (OC 401). De modo que a certeza da dobradiça "A Terra existe há muitos anos" sustenta todo o pensamento e ação, mas não como uma proposta que nos atinge imediatamente como verdadeira; como uma forma de agir que sustenta o que

fazemos (por exemplo, pesquisamos a era da terra) e o que dizemos (por exemplo, falamos da terra no passado: "Dar motivos, no entanto, justificando as evidências, chega ao fim; – mas o fim não são certas proposições que nos impressionam imediatamente como verdadeiras, ou seja, não é uma espécie de ver de nossa parte; é a nossa atuação, que está no fundo do jogo de idiomas. (OC 204)"

"A natureza não proposicional das crenças básicas põe um fim à regressão que tem atormentado a epistemologia: não precisamos mais positar proposições auto-justificáveis insustentáveis com base no conhecimento. Ao tomar dobradiças para serem verdadeiras proposições empíricas, Peter Hacker não reconhece a visão inovadora de que nossas certezas básicas são maneiras de agir, e não "certas proposições nos atacando... como verdadeiro' (OC 204). Se tudo o que Wittgenstein estava fazendo em OC era afirmar que nossas crenças básicas são verdadeiras proposições empíricas, por que se preocupar? Ele estaria apenas repetindo o que os filósofos antes dele vêm dizendo há séculos, o tempo todo lamentando uma regressão infinita insolúvel. Por que não apreciar que Wittgenstein parou o regresso? ("Além de Wittgenstein" do Hacker "(2013)".

É incrível (e um sinal de quão profunda a divisão permanece entre filosofia e psicologia) que (como eu notei muitas vezes) em uma década de leitura intensiva, eu não vi uma pessoa fazer a conexão óbvia entre a 'gramática' de W e as funções reflexivas automáticas do nosso cérebro que constituem o Sistema 1, e suas extensões nas funções linguísticas do Sistema 2. Para qualquer pessoa familiarizada com a estrutura de dois sistemas para entender o comportamento que dominou várias áreas da psicologia, como a teoria da decisão nas últimas décadas, deve ser evidente que as "crenças básicas" (ou como as chamo de B1) são a estrutura automatizada e verdadeira herdada do S1 e que sua extensão com experiência em sentenças verdadeiras ou falsas (ou como as chamo de B2) são o que não-filósofos chamam de "crenças". Isso pode parecer um mero ninhar terminologia, mas usei a visão de dois sistemas e sua tabulação abaixo como estrutura lógica da racionalidade por uma década e considerá-la um grande avanço na compreensão do comportamento de ordem superior, e, portanto, de W ou qualquer escrita filosófica ou comportamental. Na minha opinião, a não compreender a importância fundamental da automaticidade do nosso comportamento devido ao S1 e a consequente atribuição de toda interação social (por exemplo, política) às superficialidades de S2 pode ser vista como responsável pelo colapso inexorável da civilização industrial. O esquecimento quase universal à biologia básica e à psicologia leva a tentativas infrutíferas infinitas de corrigir os problemas do mundo via política, mas apenas uma drástica reestruturação da sociedade com a compreensão do papel fundamental da aptidão inclusiva manifestada através das automáticas do S1 tem qualquer chance de salvar o mundo. O esquecimento ao S1 foi chamado por Searle de "A Ilusão fenomenológica", por Pinker "A Lousa Em Branco" e por Tooby e Cosmides "O Modelo Padrão de Ciência Social".

OC mostra o único triálogo super socrático de W (narrador, interlocutor, comentarista) em plena floração e melhor do que em qualquer outro lugar de suas obras. Ele percebeu

no final dos anos 20 que a única maneira de fazer qualquer progresso era olhar como a linguagem realmente funciona - caso contrário, alguém se perde no labirinto da linguagem desde as primeiras frases e não há a menor esperança de encontrar a saída. O livro inteiro analisa vários usos da palavra "saiba" que se separam em 'saber' como uma certeza intuitiva 'perceptiva' que não poder ser significativamente questionada (meu K1 ou W's Intransitive) e "saber" como uma disposição para agir (meu K2 ou W Transitive), que funciona o mesmo que pensar, esperar, julgar, entender, imaginar, lembrar, acreditar e muitas outras palavras disposicionais. Como sugeri em minhas várias revisões de W e S, esses dois usos correspondem aos modernos dois sistemas de estrutura de pensamento que é tão poderoso na compreensão do comportamento (mente, linguagem), e este (e seu outro trabalho) é o primeiro esforço significativo para mostrar como nossos rápidos e pré-linguísticos automáticos 'estados mentais' são a base axiomática inquestionável ('dobradiças') para nossa posterior evolução, lenta, linguística, deliberativa psicologia disposição. Como notei muitas vezes, nem W, nem ninguém ao meu conhecimento, nunca declarou isso claramente. Sem dúvida, a maioria dos que lêem OC saem sem uma ideia clara do que ele fez, que é o resultado normal da leitura de qualquer um de seus trabalhos.

On Certainty (OC) só foi publicado em 1969, 18 anos após a morte de Wittgenstein e só recentemente começou a chamar a atenção. Há poucas referências a ele em Searle (juntamente com Hacker, herdeiro de W aparente e um dos filósofos vivos mais famosos) e se vê livros inteiros em W com apenas uma menção. Há, no entanto, razoavelmente bons livros sobre ele por Stroll, Svensson, Coliva, McGinn e outros e partes de muitos outros livros e artigos, mas o melhor é o de Daniele Moyal-Sharrock (DMS), cujo volume de 2004 "Entendendo a certeza de Wittgenstein" é obrigatório para cada pessoa educada, e talvez o melhor ponto de partida para entender Wittgenstein (W), psicologia, filosofia e vida. No entanto (na minha opinião) toda a análise de W está aquém de compreender plenamente seus avanços únicos e revolucionários ao não colocar o comportamento em seu amplo contexto científico evolutivo e contemporâneo, que tentarei aqui. Não darei uma explicação de página por página desde então (como em qualquer outro livro que lida com comportamento-ou seja, filosofia, psicologia, antropologia, sociologia, história, direito, política, religião, literatura etc.) não passaríamos das primeiras páginas, pois todas as questões discutidas aqui surgem imediatamente em qualquer discussão de comportamento.

A tabela abaixo resumindo a Estrutura Lógica da Racionalidade (Psicologia Descritiva do Pensamento de Ordem Superior) fornece um quadro para isso e toda a discussão de comportamento.

Ao longo de muitos anos lendo extensivamente em W, outros filósofos e psicologia, ficou claro que o que ele expôs em seu período final (e ao longo de seu trabalho anterior de forma menos clara) são os fundamentos do que hoje é conhecido como psicologia evolutiva (EP), ou se preferir, psicologia cognitiva, linguística cognitiva, intencionalidade, pensamento de ordem superior ou apenas comportamento ou até mesmo comportamento

animal de ordem superior. Infelizmente, poucos percebem que suas obras são um vasto e único livro de psicologia descritiva que é tão relevante agora quanto o dia em que foi escrito. Ele é quase universalmente ignorado pela psicologia e outras ciências comportamentais e humanidades, e mesmo aqueles poucos que o entenderam não perceberam a extensão de sua antecipação do último trabalho sobre EP e ilusões cognitivas (por exemplo, os dois eus de pensamento rápido e lento — veja abaixo). John Searle (S), refere-se a ele com pouca frequência, mas seu trabalho pode ser visto como uma extensão direta de W's, embora ele não pareça ver isso. Analistas w como Baker e Hacker (B&H), Read, Harre, Horwich, Stern, Hutto e Moyal-Sharrock fazem maravilhosamente, mas principalmente param de colocá-lo no centro da psicologia atual, onde ele certamente pertence. Também deve ficar claro que, na medida em que são coerentes e corretos, todos os relatos de comportamento de ordem superior estão descrevendo os mesmos fenômenos e devem se traduzir facilmente uns nos outros. Assim, os temas recentemente elegantes de "Mente Incorporada" e "Inactivism Radical" devem fluir diretamente do trabalho de W (e eles fazem).

A falha da maioria em compreender completamente o significado de W deve-se, em parte, à atenção limitada sobre a certeza (OC) e seus outros trabalhos de 3º período recebidos até recentemente, mas ainda mais à incapacidade de muitos filósofos e outros de entender o quão profundamente nossa visão de comportamento altera quando abraçamos o quadro evolutivo. Chamo a estrutura de psicologia descritiva do pensamento de alta ordem-DPHOT- ou mais precisamente o estudo da linguagem usada no DPHOT --que Searle chama de estrutura lógica da racionalidade-LSR), que fundamenta antropologia, sociologia, política, direito, moral, ética, religião, estética, literatura e história.

A "Teoria" da Evolução deixou de ser uma teoria para qualquer pessoa normal, racional e inteligente antes do final do século XIX e para Darwin pelo menos meio século antes. Não podemos deixar de incorporar T. rex e tudo o que é relevante para ele em nosso verdadeiro fundo axiomático através do funcionamento inexorável do EP. Uma vez que se obtém a necessidade lógica (psicológica) disso é realmente estupefate que até mesmo os mais brilhantes e os melhores parecem não compreender esse fato mais básico da vida humana (com uma ponta do chapéu para Kant, Searle e alguns outros) que foi colocado em grande detalhe em "On Certainty". Aliás, a equação da lógica e nossa psicologia axiomática é essencial para entender W e a natureza humana (como Daniele Moyal-Sharrock (DMS), mas não até onde sei ninguém mais, aponta).

Assim, a maior parte de nossa experiência pública compartilhada (cultura) torna-se uma extensão verdadeira do nosso EP axiomático e não pode ser encontrada equivocada sem ameaçar nossa sanidade. Futebol ou Britney Spears não podem simplesmente desaparecer da minha memória e vocabulário como esses conceitos, ideias, eventos, desenvolvidos fora e estão ligados a inúmeros outros na verdadeira rede que começa com o nascimento e se estende em todas as direções para abranger grande parte de nossos consciência e memória. Um corolário, bem explicado pelo DMS e elucidado à sua maneira única por

Searle, é que a visão cética do mundo e outras mentes (e uma montanha de outras bobagens, incluindo a Ardósia Em Branco) não pode realmente obter uma base, pois "realidade" é o resultado de involuntariamente rápido pensamento axiomas e não testável verdadeira ou falsa.

A mão morta da visão de comportamento em branco ainda repousa fortemente e é o padrão do "segundo eu" do sistema consciente de pensamento lento 2, que (sem educação) está alheio ao fato de que as bases para todo o comportamento estão no inconsciente, rápido pensando estrutura axiomática do sistema 1 ('Ilusão Fenomenológica' de Searle). Searle resumiu isso em um artigo recente muito perspicaz, observando que muitas características lógicas da intencionalidade estão além do alcance da fenomenologia porque a criação de significância (ou seja, o COS de S2) por sem sentido (ou seja, os reflexos do S1) não é conscientemente experiente. Veja filosofia em um novo século (PNC) p115-117 e minha revisão dele.

É essencial compreender o W/S (Wittgenstein/Searle) framework, então primeiro oferecerei alguns comentários sobre filosofia e sua relação com a pesquisa psicológica contemporânea como exemplificado nas obras de Searle (S), Wittgenstein (W), Baker e Hacker (B&H), Read, Hutto, Daniele Moyal-Sharrock (DMS) et. al. Para compreender minha simples terminologia e perspectiva de dois sistemas, ajudará a ver minhas críticas de W/S e outros livros sobre esses gênios, que fornecem uma descrição clara do comportamento de ordem superior não encontrado em livros de psicologia. Dizer que Searle estendeu o trabalho de W não é necessariamente implicar que é um resultado direto do estudo W (e ele claramente não é um Wittgensteinian), mas sim que porque há apenas uma psicologia humana (pela mesma razão há apenas uma cardiologia humana), que qualquer pessoa que descreva com precisão o comportamento deve estar enunciando alguma variante ou extensão do que W disse.

No entanto, S raramente menciona W e mesmo assim, muitas vezes de forma crítica, mas na minha opinião suas críticas (como a de todos) quase sempre perdem a marca e ele faz muitas afirmações duvidosas pelas quais ele é frequentemente criticado. No contexto atual, acho as recentes críticas do DMS, Coliva e Hacker mais relevantes. No entanto, ele é o principal candidato para o melhor desde W e recomendo baixar as mais de 100 videopalestras que ele tem na internet. Ao contrário de quase todas as outras palestras de filosofia, elas são bastante divertidas e informativas e eu ouvi todas pelo menos duas vezes.

Um tema importante em toda a discussão sobre o comportamento humano é a necessidade de separar os automatismos geneticamente programados de S1 (que eu equiparo com as "dobradiças" de W) do comportamento menos mecânico de disposição linguística de S2. Para reformular: todo estudo do comportamento de ordem superior é um esforço para provocar o sistema rápido 1 (S1) e o lento sistema 2 (S2) pensando --por exemplo, percepções e outros automatismos versus disposições. O trabalho de Searle como um todo fornece uma descrição impressionante do comportamento social S2 de

maior ordem, incluindo "nós intencionais", enquanto o W posterior mostra como s2 é baseado em axiomas inconscientes reais de S1, que na evolução e em cada uma de nossas histórias pessoais se desenvolveram em pensamento proposicional disposição consciente (atuação) de S2.

Wittgenstein observou famosamente que a confusão e a esterilidade da psicologia não devem ser explicadas chamando-a de ciência jovem e que os filósofos são irresistivelmente tentados a fazer e responder perguntas da maneira como a ciência faz. Ele observou que essa tendência é a verdadeira fonte da metafísica e leva o filósofo à escuridão completa. Veja bbb p18. Outro comentário notável foi que, se não nos preocupamos com "causas" as atividades da mente estão abertas diante de nós – veja BB p6 (1933). Da mesma forma, as 20.000 páginas de seus nachlass demonstraram seu famoso ditado de que o problema não é encontrar a solução, mas reconhecer como a solução que parece ser apenas uma preliminar. Veja seu Zettel p312-314. E, novamente, ele observou há 80 anos que devemos perceber que só podemos dar descrições de comportamento e que não são indícios de explicações (BBB p125). Veja as citações completas em outros lugares deste artigo.

As ideias comuns (por exemplo, a legenda de um dos livros de Pinker "O Material do Pensamento: linguagem como uma janela para a natureza humana") essa linguagem (mente, fala) é uma janela ou algum tipo de tradução do nosso pensamento ou mesmo (Fodor's LOT, Isa carruthers, etc.) que deve haver alguma outra "Linguagem do Pensamento" da qual é uma tradução, foram rejeitadas por W, que tentou mostrar, com centenas de exemplos perspicuos contínuos de linguagem em ação, que a linguagem não é uma imagem de, mas é em si pensando ou o mente, e todo o seu corpus pode ser considerado como o desenvolvimento desta ideia.

Muitos desconstruíram a ideia de uma 'linguagem de pensamento' mas, na minha opinião, nada melhor do que W no BBB p37 — "se tivermos em mente a possibilidade de um quadro que, embora correto, não tem semelhança com seu objeto, a interpolação de uma sombra entre a frase e a realidade perde todo o ponto. Porenquanto, a sentença em si pode servir como tal sombra. A frase é apenas um quadro, que não tem a menor semelhança com o que representa." Então, questões linguísticas diretamente do cérebro e o que poderia contar como evidência para um intermediário?

W rejeitou a ideia de que as abordagens de fisiologia, psicologia e computação poderiam revelar o que sua análise top down dos Jogos linguísticos (LG's) fez. As dificuldades que ele observou são para entender o que está sempre diante de nossos olhos e capturar a imprecisão – ou seja, "a maior dificuldade nessas investigações é encontrar uma maneira de representar a imprecisão" (LWPP1, 347). E assim, a fala (ou seja, contrações musculares orais, a principal maneira de interagirmos) não é uma janela para a mente, mas é a mente em si, que é expressa por explosões acústicas sobre atos passados, presentes e futuros (ou seja, nosso discurso usando os Jogos de Linguagem mais tarde evoluídos (LG's) da Second

Self- as disposições como imaginar, saber, significado, acreditar, pretender etc.). Alguns dos tópicos favoritos de W em seu segundo e terceiro períodos são os mecanismos interdigitantes do pensamento rápido e lento (Sistema 1 e 2), a irrelevância de nossa "vida mental" subjetiva para o funcionamento da linguagem e a impossibilidade da linguagem privada. A base do nosso comportamento é nossa involuntária, Sistema 1, pensamento rápido, estados mentais apenas true, nossas percepções e memórias e atos involuntários, enquanto os evolutivamente posteriores LG's são voluntários, Sistema 2, pensamento lento, verdadeiro testável ou falso (e muitas vezes contrafactual) imaginando, supondo, pretendendo, pensando, sabendo, acreditando etc. Ele reconheceu que 'Nada é Escondido' — ou seja, toda a nossa psicologia e todas as respostas para todas as perguntas filosóficas estão aqui em nossa língua (nossa vida) e que a dificuldade aqui não é encontrar as respostas, mas reconhecê-las como sempre aqui à nossa frente — só temos que parar de tentar olhar mais fundo (por exemplo, no LWPP1 "o maior perigo aqui é querer se observar").

W não está legislando os limites da ciência, mas apontando o fato de que nosso comportamento (principalmente discurso) é o quadro mais claro possível de nossa psicologia. FMRI, PET, TCMS, iRNA, análogos computacionais, IA e todos os outros são maneiras fascinantes e poderosas de descrever e estender nossa psicologia axiomática inata, mas tudo o que eles podem fazer é fornecer a base física para o nosso comportamento, multiplicar nossos jogos linguísticos e estender s2. Os verdadeiros axiomas de "On Certainty" são w's (e posteriormente Searle's) "base" ou "fundo", que agora chamamos de psicologia evolutiva (EP), e que é rastreável às reações automatizadas somente verdadeiras das bactérias, que evoluíram e operam pelo mecanismo de aptidão inclusiva (IF), ou seja, por seleção natural.

Veja as recentes obras de Trivers para uma introdução popular à IF ou ao soberbo "Princípios da Evolução Social" de Bourke para uma introdução profissional. A recente farsa do pensamento evolutivo de Nowak e Wilson de forma alguma impacta o fato de que o IF é o principal mecanismo de evolução pela seleção natural (veja minha revisão de 'A Conquista Social da Terra' (2012)).

À medida que W se desenvolve em OC, a maior parte de nossa experiência pública compartilhada (cultura) torna-se uma extensão somente real (ou seja, S2 Dobradiças ou S2H) do nosso EP axiomático (ou seja, S1 Hinges ou S1H) e não pode ser encontrada 'equivocada' sem ameaçar nossa sanidade — como ele observou, um "erro" no S1 (sem teste) tem consequências profundamente diferentes de uma em S2 (testable). Um corolário, bem explicado pelo DMS e elucidado à sua maneira única por Searle, é que a visão cética do mundo e outras mentes (e uma montanha de outros absurdos) não pode obter uma base, pois "realidade" é o resultado de axiomas involuntários de "pensamento rápido" e proposições não testáveis (como eu diria).

Está claro para mim que o inata só axioms W está ocupado com durante todo o seu

trabalho, e especialmente em OC, são equivalentes ao pensamento rápido ou Sistema 1 que está no centro da pesquisa atual (por exemplo, ver Kahneman --"Pensando Rápido e Lento", mas nem ele, nem ninguém afaik, tem qualquer ideia W estabeleceu o quadro há mais de 50 anos), que é involuntário e automático e que corresponde aos estados mentais de percepção, emoção e memória, como W observa mais e mais. Pode-se chamar esses "reflexos intracerebrais" (talvez 99% de toda a nossa cerebração se medido pelo uso de energia no cérebro). Nossa lenta ou reflexiva, mais ou menos "consciente" (cuidado com outra rede de jogos linguísticos!) segundo-atividade auto-cérebro corresponde ao que W caracterizou como "íons dispostos" ou "inclinações", que se referem a habilidades ou possíveis ações, não são estados mentais, são conscientes, deliberados e proposicionais (verdadeiros ou falsos), e não têm nenhum tempo definido de ocorrência.

Como W observa, as palavras de disposição têm pelo menos dois usos básicos. Um deles é um uso peculiar principalmente filosófico (mas graduando-se em usos cotidianos) que se refere às frases somente verdadeiras resultantes de percepções diretas e memória, ou seja, nossa psicologia axiomática inata S1 ('Eu sei que essas são minhas mãos'), originalmente chamada causicamente Auto Referencial (RSE) por Searle (mas agora causicamente auto-reflexiva) ou reflexiva ou intransitiva em W's Blue and Brown Books (BBB), e o uso S2, que é seu uso normal como disposições, que podem ser atolas, e que podem se tornar verdadeiras ou falsas ('Eu sei meu caminho para casa')- ou seja, eles têm Condições de Satisfação (COS) no sentido estrito, e não são CSR (chamado transitivo no BBB). A equação desses termos da psicologia moderna com os usados por W e S (e muito mais aqui) é a minha ideia, então não espere encontrá-la na literatura (exceto meus livros, artigos e resenhas dentro viXra.org, philpapers.org, researchgate.net, academia.edu, Amazon, libgen.io, b-ok.org etc.).

Embora raramente abordado por filósofos, a investigação do pensamento rápido involuntário revolucionou a psicologia, a economia (por exemplo, o Prêmio Nobel de Kahneman) e outras disciplinas nomes como ilusões cognitivas, priming, cognição implícita, enquadramento, heurística e preconceitos. Claro que estes também são jogos de linguagem, então haverá maneiras cada vez menos úteis de usar essas palavras, e estudos e discussões variam de sistema "puro" 1 a combinações de 1 e 2 (norma como W deixou claro, mas é claro que ele não usou essa terminologia), mas presumivelmente nunca de pensamento deslento S2 apenas, uma vez que qualquer pensamento (ação intencional) não pode ocorrer sem envolver grande parte da intrincada rede S1 dos "módulos cognitivos", "motores inferências", "reflexos intracerebrais", "automatismos", "cognitivos", "cognitivos" axiomas", "fundo" ou "alicerce" (como W e Searle chamam de nosso EP) que também deve usar o S1 para mover músculos (ação).

Segue-se tanto do trabalho do 3º período de W quanto da psicologia contemporânea, que 'vontade', 'auto' e 'consciência' (que, como notas de Searle são pressupostos por toda discussão de intencionalidade) são elementos verdadeiros axiomáticos de S1, compostos de percepções, memórias e reflexos., e não há possibilidade (inteligibilidade) de demonstrar

(de dar sentido) à sua falsidade. Como W deixou claro inúmeras vezes, eles são a base para o julgamento e por isso não podem ser julgados. Os verdadeiros axiomas de nossa psicologia não são probatórios. Como ele disse famosamente em OC p94: "mas eu não consegui a minha imagem do mundo me satisfazendo de sua correção: nem eu tenho isso porque estou satisfeito com sua correção. -não: é o fundo herdado contra o qual eu distingo entre verdadeiro e falso."

Uma frase expressa um pensamento (tem um significado), quando tem condições claras de satisfação (COS), ou seja, condições de verdade pública. Daí o comentário de W: " Quando penso na linguagem, não há 'significados' passando pela minha mente além das expressões verbais: a linguagem é em si o veículo do pensamento." E, se eu pensar com ou sem palavras, o pensamento é o que eu (honestamente) digo que é, pois não há outro critério possível (COS). Assim, os aforismos de W (p132 no adorável livro de Budd sobre W) – "É na linguagem que o desejo e a realização se encontram e, como tudo metafísico, a harmonia entre o pensamento e a realidade deve ser encontrada na gramática da língua". E pode-se notar aqui que a "gramática" em W pode ser traduzida habitualmente como EP ou LSR (DPHOT — ver tabela) e que, apesar de seus avisos frequentes contra teorização e generalização (para os quais ele é frequentemente criticado incorretamente por Searle), trata-se de uma caracterização tão ampla da psicologia descritiva de maior ordem (filosofia) como se pode encontrar (como também observa o DMS).

W está correto que não há estado mental que constitua significado, e Searle observa que há uma maneira geral de caracterizar o act de significado "significado de alto-falante... é a imposição de condições de satisfação sobre condições de satisfação" -- o que significa falar ou escrever uma frase bem formada expressando COS em um contexto que pode ser verdadeiro ou falso, e isso é um ato e não um estado mental. E uma proposta é qualquer coisa que possa ficar em uma relação intencional com o mundo, e uma vez que essas relações intencionais sempre determinam condições de satisfação, e uma proposta é definida como qualquer coisa suficiente para determinar condições de satisfação, verifica-se que toda intencionalidade é uma questão de proposições." - proposições sendo eventos públicos que podem ser verdadeiros ou falsos – contra o uso perverso da palavra para o verdadeiro axioma de S1 por Searle, Coliva e Outros. Assim, o famoso comentário de W do PI p217: "Se Deus tivesse olhado para nossas mentes ele não teria sido capaz de ver lá de quem estávamos falando", e seus comentários de que todo o problema da representação está contido em "que é Ele" e "o que dá à imagem sua interpretação é o caminho em que ela mente", ou como S diz seu COS. Daí a soma de W (p140 Budd) – "o que sempre se trata no final é que, sem qualquer significado adicional, ele chama o que aconteceu o desejo de que isso aconteça - e - a questão se eu sei o que eu desejo antes do meu wish é cumprido não pode surgir em tudo. E o fato de algum evento parar de desejar não significa que ele o cumpra. Talvez eu não devesse ter ficado satisfeito se meu desejo tivesse sido satisfeito. Suponha que tenha sido perguntado. Se eu aprendi a falar, então eu sei.

Um dos temas recorrentes de W agora é chamado de Teoria da Mente, ou como eu prefiro,

Entendimento da Agência (UA). Ian Apperly, que está analisando cuidadosamente ua1 e ua2 (ou seja, UA de S1 e S2) em experimentos, tomou conhecimento do trabalho de Daniel Hutto, que caracterizou ua1 como uma fantasia (ou seja, nenhuma 'Teoria' ou representação pode estar envolvida no UA1-- que está reservado para o UA2 - veja minha revisão de seu primeiro livro com Myin). No entanto, como outros psicólogos, Apperly não tem ideia w estabeleceu as bases para isso há 80 anos. É uma visão facilmente defensável que o núcleo da literatura em expansão sobre ilusões cognitivas, cognição implícita, automatismos e pensamento de ordem superior é compatível e diretamente dedutível de W. Apesar do fato de que a maior parte do exposto é conhecida por muitos há décadas (e mesmo 3/4 de um século no caso de alguns dos ensinamentos de W), raramente vi nada abordando uma discussão adequada na filosofia ou outrostextos de ciência oral behavi, e geralmente quase não há menção.

Depois de meio século no esquecimento, a natureza da consciência é agora o tema mais quente das ciências comportamentais e da filosofia. Começando com o trabalho pioneiro de Ludwig Wittgenstein nos anos 1930 (os Blue and Brown Books) a 1951, e dos anos 50 até o presente por seus sucessores Searle, Moyal-Sharrock, Read, Hacker, Stern, Horwich, Winch, Finkelstein etc., criei o seguinte tabela como um heurista para promover este estudo. As linhas mostram vários aspectos ou formas de estudo e as colunas mostram os processos involuntários e comportamentos voluntários que compreendem os dois sistemas (processos duplos) da Estrutura Lógica da Consciência (LSC), que também podem ser considerados como a Estrutura Lógica de Racionalidade (LSR-Searle), de comportamento (LSB), de personalidade (LSP), da Mente (LSM), da linguagem (LSL), da realidade (LSOR), da Intencionalidade (LSI) - o termo filosófico, a Psicologia Descritiva da Consciência (DPC), o Descritivo Psicologia do Pensamento (DPT) –ou melhor, a Linguagem da Psicologia Descritiva do Pensamento (LDPT), termos introduzidos aqui e em meus outros escritos recentes.

As ideias para esta mesa se originaram em Wittgenstein, e uma mesa muito mais simples de Searle, e se correlaciona com extensas tabelas e gráficos nos três livros recentes sobre Natureza Humana pelo P.M.S Hacker. As últimas 9 linhas vêm de pesquisas de decisão, principalmente por Johnathan St. B.T. Evans e colegas revisados por mim mesmo.

O sistema 1 é involuntário, reflexivo ou automatizado "Regras" R1, enquanto o Thinking (Cognition) não tem lacunas e é voluntário ou deliberativo "Regras" R2 e Willing (Volition) tem 3 lacunas (ver Searle).

Sugiro que possamos descrever o comportamento de forma mais clara, mudando as "condições de satisfação impostas por Searle sobre as condições de satisfação" para "relacionar estados mentais com o mundo movendo músculos" — ou seja, falar, escrever e fazer, e sua "mente para a direçãomundial de ajuste" e "direção de mundo a mente de ajuste" por "causa se origina na mente" e "causa origina no mundo" S1 é apenas

ascendentemente causal (mundo à mente) e incontente (sem representações ou informações) enquanto S2 tem conteúdo e é descendentemente causal (mente para o mundo). Eu adotei minha terminologia nesta mesa.

DA ANALISE DE JOGOS DE LINGUAGEM

	Disposição*	Emoção	Memória	Percepção	Desejo	PI**	IA***	Ação/ Palavra
Causa se origina de ****	Mundo	Mundo	Mundo	Mundo	Mente	Mente	Mente	Mente
Causa alterações em *****	Nenhum	Mente	Mente	Mente	Nenhum	Mundo	Mundo	Mundo
Causicamente Auto Reflexivo*****	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim
Verdadeiro ou Falso (Testavel)	Sim	Só	Só	Só	Sim	Sim	Sim	Sim
Condições Públicas de Satisfação	Sim	Sim/Não	Sim/Não	Não	Sim/Não	Sim	Não	Sim
Descrever Um Estado Mental	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim/Não	Sim
Prioridade Evolutiva	5	4	2,3	1	5	3	2	2
Conteúdo Voluntário	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Iniciação Voluntária	Sim/Não	Não	Sim	Não	Sim/Não	Sim	Sim	Sim
Sistema Cognitivo *****	2	1	2/1	1	2 / 1	2	1	2
Intensidade de mudança	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Não
Duração precisa	Não	Sim	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim
Hora, Lugar (H+N, T+T) -aqui e agora, ali e depois *****	TT	HN	HN	HN	TT	TT	HN	HN
Qualidade Especial	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
Localizado em Corpo	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim
Expressões corporais	Sim	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Autocontradições	Não	Sim	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
Precisa de um Eu	Sim	Sim/Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Não
Precisa de Linguagem	Sim	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim/Não

DA PESQUISA DE DECISÃO

	Disposição*	Emoção	Memória	Percepção	Desejo	PI**	IA***	Ação/ Palavra
Efeitos Subliminares	Não	Sim/Não	Sim	Sim	Não	Não	Não	Sim/Não
Associativo/ Regra baseada	RB	A/RB	Um	Um	A/RB	RB	RB	RB
Contexto Dependente/ Abstrata	A	CD/A	CD	CD	CD/A	A	CD/A	CD/A
Serial/Paralelo	S	S/P	P	P	S/P	S	S	S
Heurístico/ Analítica	A	H/A	H	H	H/A	A	A	A
Necessidades funcionando Memória	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Dependente da Inteligência Geral	Sim	Não	Não	Não	Sim/Não	Sim	Sim	Sim
Carregamento Cognitivo Inibe	Sim	Sim/Não	Não	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
Facilita ou inibições de excitação	I	F/I	F	F	I	I	I	I

As Condições Públicas de Satisfação de S2 são frequentemente referidas por Searle e outros como COS, Representações, verdades ou significados (ou COS2 por mim), enquanto os resultados automáticos de S1 são designados como apresentações por outros (ou COS1 por mim).

* Também conhecidos como Inclinações, Capacidades, Preferências, Representações, possíveis ações etc.

** Intenções Anteriores de Searle

Intenção em ação de Searle

Direção de Ajuste de Searle

Direção de Causalidade de Searle

(Estado Mental instantaneamente - Causas ou Cumpre-se). Searle anteriormente chamou isso de cáusgo auto-referencial.

Tversky/Kahneman/Frederick/Evans/Stanovich definiu sistemas cognitivos.

Aqui e agora ou ali e depois

É de interesse comparar isso com as várias tabelas e gráficos nos recentes 3 volumes de Peter Hacker sobre a Natureza Humana. Deve-se sempre ter em mente a descoberta de

Wittgenstein de que depois de descrever os possíveis usos (significados, fazedores de verdade, condições de Satisfactiem) da linguagem em um contexto específico, temos esgotado seu interesse, e tentativas de explicação (ou seja, filosofia) só nos afastam da verdade. Ele nos mostrou que há apenas um problema filosófico — o uso de frases (jogos linguísticos) em um contexto inadequado e, portanto, apenas uma solução, mostrando o contexto correto.

EXPLICAÇÃO DA MESA

Sistema 1 (ou seja, emoções, memória, percepções, reflexos) que partes do cérebro apresentam à consciência, são automatizados e geralmente acontecem em menos de 500mseg, enquanto o Sistema 2 é habilidade para realizar ações deliberativas lentas que estão representadas na deliberação consciente (terminologia S2D-my) exigindo mais de 500mseg, mas frequentemente repetidas ações S2 também podem se tornar automatizadas (S2A-minha terminologia). Há uma gradação da consciência do coma através dos estágios do sono à plena consciência. A memória inclui memória de curto prazo (memória de trabalho) do sistema 2 e memória de longo prazo do Sistema 1. Para as volições, normalmente se diria que são bem sucedidos ou não, em vez de verdadeiros ou falsos. S1 é causicamente auto-reflexivo, uma vez que a descrição de nossa experiência perceptiva - a apresentação de nossos sentidos à consciência, só pode ser descrita nas mesmas palavras (como o mesmo COS - Searle) como descrevemos o mundo, que prefiro chamar de perceptista ou COS1 para distingui-lo da representação ou COS2 público de S2.

Claro, as várias linhas e colunas estão logicamente e psicologicamente conectadas. Por exemplo, Emoção, Memória e Percepção na linha Verdadeira ou Falsa será somente verdade, descreverá um estado mental, pertencerá ao sistema cognitivo 1, geralmente não será iniciado voluntariamente, são causicamente auto-reflexivos, causa originada no mundo e causa mudanças na mente, têm uma duração precisa, mudança de intensidade, ocorrem aqui e agora, comumente têm uma qualidade especial, não precisam de linguagem, são independentes da inteligência geral e da memória de trabalho, não são inibidas pelo carregamento cognitivo, não terão conteúdo voluntário, e não terá condições públicas de satisfação etc.

Sempre haverá ambiguidades porque as palavras (conceitos, jogos linguísticos) não podem combinar precisamente com as funções complexas reais do cérebro (comportamento), ou seja, há uma explosão combinatória de contextos (em frases e no mundo), e nas infinitas variações dos "estados cerebrais" ("estados mentais ou o padrão de ativações de bilhões de neurônios que podem corresponder a "ver uma maçã vermelha") e esta é uma das razões pelas quais não é possível 'reduzir' o comportamento de ordem superior a um "sistema de leis" que teria que declarar todos os possíveis contextos – daí os avisos de Wittgenstein contra teorias. E o que conta como "reduzindo" e como uma "lei" e um "sistema" (veja, por exemplo, Nancy Cartwright). Este é um caso especial da irreduzibilidade de descrições de nível superior para as de nível inferior que tem sido explicada muitas vezes por Searle, DMS, Hacker, W e outros.

Cerca de um milhão de anos atrás, primatas desenvolveram a capacidade de usar seus músculos da garganta para fazer séries complexas de ruídos (ou seja, fala primitiva) para descrever eventos atuais (percepções, memória, ações reflexivas) com alguns Jogos de Linguagem Primária ou Primitiva (PLG's). O sistema 1 é composto por estados mentais rápidos, automatizados, subcorticais, não relegativos, causalmente auto-reflexivos, intransitivos, infundados, apenas verdadeiros" com um tempo e localização precisos, e ao longo do tempo evoluiu em centros corticais mais elevados S2 com a capacidade adicional de descrever deslocamentos no espaço e tempo dos eventos (o passado e o futuro e muitas vezes hipotéticas, contrafactual, condicionais ou ficcionais preferências, inclinações ou disposições - o Secundário ou o tempo dos eventos (o passado e o futuro e muitas vezes hipotéticas, contrafactual, condicionais ou ficcionais preferências, inclinações ou disposições - o Secundário ou o tempo dos eventos (o passado e o futuro e muitas vezes hipotético, contrafactual, condicional ou preferências ficcionais, inclinações ou disposições - o Secundário ou o tempo dos eventos (o passado e o futuro e muitas vezes hipotéticas, contrafactual, condicionais ou ficcionais preferências, inclinações ou disposições - o Secundário ou o tempo dos eventos (o passado e o futuro e muitas vezes hipotéticos, contrafactual, condicionais ou ficcionais preferências, inclinações ou disposições - o Secundário ou o tempo dos eventos (o passado e o futuro e muitas vezes hipotéticos, contrafactual, condicionais ou ficcionais preferências, inclinações ou disposições - o Secundário ou o Tempo de Jogos de Linguagem Sofisticados (SLG's) do Sistema 2 que são lentos, cortical, consciente, informação contendo, transitiva (tendo condições públicas de satisfação- termo de Searle para verdadeiros ou significado que eu divido em COS1 e COS2 para privado S1 e Público S2), representacional (que eu novamente divido em R1 para representações S1 e R2 para S2) , pensamento proposicional verdadeiro ou falso, com todas as funções S2 não tendo um tempo e habilidades precisas e não estados mentais. As preferências são Intuições, Tendências, Regras Ontológicas Automáticas, Comportamentos, Habilidades, Módulos Cognitivos, Traços de Personalidade, Modelos, Motores inferências, Inclinações, Disposições, Emoções (descritas por Searle como desejos agitados), Atitudes Proposicionais (corretos apenas se usadas para se referir a eventos no mundo e não a proposições), Avaliações, Capacidades, Hipóteses. Algumas emoções estão lentamente desenvolvendo e mudando os resultados das disposições S2 (W - 'Observações sobre a Filosofia da Psicologia' V2 p148), enquanto outras são típicas S1-automáticas e rápidas para aparecer e desaparecer. "Eu acredito", "ele ama", "eles pensam" são descrições de possíveis atos públicos tipicamente de colocado no espaço-tempo. Minhas declarações em primeira pessoa sobre mim são apenas verdadeiras (excluindo mentiras) – ou seja, S1, enquanto declarações de terceira pessoa sobre os outros são verdadeiras ou falsas – ou seja, S2 (veja minhas críticas de Johnston 'Wittgenstein: Rethinking the Inner' e de Budd 'Wittgenstein's Philosophy of Psychology'). "Preferências" como uma classe de estados intencionais - opostos a percepções, atos reflexivos e memórias - foram descritas pela primeira vez por Wittgenstein (W) na década de 1930 e denominadas "inclinações" ou "disposições". Eles têm sido comumente chamados de "atitudes proposicionais" desde Russell, mas muitas vezes tem sido notado que esta é uma frase incorreta ou enganosa since acreditando, pretendendo, sabendo,

lembrando etc., muitas vezes não são proposições nem atitudes, como tem sido mostrado, por exemplo, por W e por Searle (por exemplo, cf *Consciência e Linguagem* p118). As preferências são intrínsecas, observadoras de representações públicas independentes (em oposição a apresentações ou representações do Sistema 1 ao Sistema 2 – *Consciência Searle e Linguagem* p53). São atos potenciais deslocados no tempo ou no espaço, enquanto as percepções evolutivamente mais primitivas do S1, as memórias e as ações reflexivas estão sempre aqui e agora. Esta é uma maneira de caracterizar o Sistema 2 - o segundo grande avanço na psicologia vertebrada após o Sistema 1 — a capacidade de representar (COS público estadual para) eventos e pensar neles como ocorrendo em outro lugar ou tempo (o terceiro corpo docente de imaginação contrafactual de Searle complementando a cognição e a volição). S1 'thoughts' (meu T1-i.e., o uso do "pensamento" para se referir aos processos cerebrais automáticos do Sistema Um) são estados mentais potenciais ou inconscientes do S1 --Searle-- *Phil Issues* 1:45-66 (1991).

Percepções, memórias e ações reflexivas (automáticas) podem ser descritas pelo PRIMÁRIO LG's (PLG's - por exemplo, eu vejo o cão) e não há, no caso normal, nenhum teste possível para que eles possam ser True-Only- ou seja, axiomática como eu prefiro ou reflexos animais como W e DMS descrevem. Disposições podem ser descritas como secundárias lg's (slg's – por exemplo, eu acredito que vejo o cão) e também deve ser encenada, mesmo para mim no meu próprio caso (ou seja, como eu sei o que acredito, acho, sinto até agir ou algum evento ocorrer — veja minhas críticas dos livros conhecidos sobre W por Johnston e Budd. Note que as disposições se tornam Ações quando faladas ou escritas, bem como sendo encenadas de outras formas, e essas ideias são todas devido a Wittgenstein (meados da década de 1930) e não são comportamentais (Hintikka & Hintikka 1981, Searle, Hacker, Hutto etc.,). Wittgenstein pode ser considerado o fundador da psicologia evolutiva e seu trabalho uma investigação única do funcionamento da nossa psicologia axiomática system 1 e sua interação com o Sistema 2. Depois que Wittgenstein lançou as bases para a Psicologia Descritiva de Higher Order Thought in the Blue and Brown Books no início dos anos 30, foi estendida por John Searle, que fez uma versão mais simples da minha mesa aqui em seu clássico livro *Racionalidade em Ação* (2001). Esta tabela se expande na pesquisa de W sobre a estrutura axiomática da psicologia evolutiva desenvolvida a partir de seus primeiros comentários em 1911 e tão lindamente dispostos em seu último trabalho 'On Certainty' (OC) (escrito em 1950-51). OC é a pedra fundamental do comportamento ou epistemologia e ontologia (indiscutivelmente o mesmo que são semânticas e pragmáticos), linguística cognitiva ou Pensamento de Ordem Superior, e na minha opinião (compartilhado, por exemplo, pelo DMS) o trabalho mais importante na filosofia (psicologia descritiva) e, portanto, no estudo do comportamento. Percepção, Memória, Ações Reflexivas e Emoção são primitivos em parte Subcortical Involuntary Mental States, nos quais a mente se encaixa automaticamente (apresenta) o mundo (é causalmente auto-reflexivo--Searle) - a base inquestionável, somente verdadeira, axiomática da racionalidade sobre a qual nenhum controle é possível.

Preferências, Desejos e Intenções são descrições de habilidades voluntárias conscientes de

pensamento lento, que podem ser descritas no SLG's, nas quais a mente tenta encaixar (representar) o mundo. O comportamentalismo e todas as outras confusões de nossa psicologia descritiva padrão (filosofia) surgem porque não podemos ver o S1 funcionando e descrever todas as ações como as ações deliberadas conscientes do S2 (A Ilusão Fenomenológica — TPI — Searle). W entendeu isso e descreveu-o com clareza inigualável com centenas de exemplos de linguagem (a mente) em ação ao longo de suas obras. A razão tem acesso à memória e por isso usamos razões conscientemente aparentes, mas muitas vezes incorretas para explicar o comportamento (os Dois Eus ou Sistemas ou Processos da pesquisa atual). Crenças e outras disposições podem ser descritas como pensamentos que tentam combinar com os fatos do mundo (mente à direção mundial de ajuste), enquanto Volitions são intenções de agir (Intenções Anteriores — PI, ou Intenções em Ação — IA - Searle) além de atos que tentam combinar o mundo com os pensamentos — mundo a mente direção de ajuste — cf. Searle, por exemplo, *Consciência e Linguagem* p145, 190).

Às vezes há lacunas no raciocínio para chegar à crença e outras disposições. Palavras de disposição podem ser usadas como uns uns que parecem descrever estados mentais ('meu pensamento é... '), ou como verbos ou adjetivos para descrever habilidades (agentes como eles agem ou podem agir - 'Eu acho que ... ') e muitas vezes são incorretamente chamados de "Atitudes Proposicionais". Percepções se tornam Memórias e nossos programas inatas (módulos cognitivos, modelos, mecanismos de inferência de S1) usam-nos para produzir Disposições — (acreditando, sabendo, entendendo, pensando, etc., -atos públicos reais ou potenciais, como linguagem (pensamento, mente) também chamados de Inclinações, Preferências, Capacidades, Representações de S2) e Volition, e não há linguagem (conceito, pensamento) de "estados mentais privados" para pensar ou dispostos (ou seja, sem linguagem privada, pensamento ou mente). Animais mais altos podem pensar e vão agir e até lá eles têm uma psicologia pública.

Percepções: (X é Verdade): Ouça, Veja, Cheiro, Dor, Toque, Temperatura

MEMORIES: Lembrando (X era verdade)

PREFERENCES, INCLINATIONS, DISPOSITIONS: (X pode se tornar verdade):

CLASSE 1: PROPOSITIONAL (Verdadeiro ou Falso) ATOS PÚBLICOS de Acreditar, Julgar, Pensar, Representar, Entender, Escolher, Decidir, Preferir, Interpretar, Saber (incluindo habilidades e habilidades), Assistir (Aprendizagem), Experimentar, Significado, Lembrar, Eu, Considerando, Desejando, Expecante, Desejo, Querer, Esperança (uma classe especial), Vendo Como (Aspectos).

CLASSE 2: MODO DISSOLADO - (como se, condicional, hipotético, fictício) - Sonhar, Imaginar, Mentir, Prever, Duvidar.

CLASSE 3: EMOÇÕES: Amor, Ódio, Medo, Tristeza, Alegria, Ciúme, Depressão. Sua função é modular preferências para aumentar o condicionamento físico inclusivo (utilidade máxima esperada) facilitando o processamento de informações de percepções e memórias para ação rápida. Há alguma separação entre emoções S1 como raiva e medo e S2 como amor, ódio, nojo e raiva. Podemos pensar neles como fortes sentidas ou atos.

DESEJOS: (Quero que X seja Verdade — quero que o mundo se encaixe nos meus pensamentos): Saudade, Esperando, Esperando, Esperando, Precisando, Exigindo, obrigado a fazer.

INTENÇÕES: (Eu vou fazer X Verdade) pretendendo

AÇÕES: (Estou fazendo X verdade) : Atuação, Falando , Lendo, Escrevendo, Calculando, Persuadindo, Mostrando, Demonstrando, Convencendo, Fazendo Tentando, Tentando, Rindo, Brincando, Comendo, Bebendo, Chorando, Afirmando (Descrevendo, Ensinando, Prevendo, Reportagem), Prometendo , Fazendo ou Usando Mapas, Livros, Desenhos, Programas de Computador – estes são públicos e voluntários e transferem informações para outros para que eles dominem sobre os reflexos Inconscientes, Involuntários e Infundados S1 em explicações de comportamento((A Ilusão Fenomenológica (TPI), a Ardósia Em Branco (BS) ou o Modelo Padrão de Ciência Social (SSSM).

Palavras expressam ações com várias funções em nossa vida e não são os nomes dos objetos, nem de um único tipo de evento. As interações sociais dos seres humanos são regidas por módulos cognitivos — aproximadamente equivalentes aos roteiros ou schemata da psicologia social (grupos de neurônios organizados em mecanismos de inferência), o que, com percepções e memórias, leva à formação de preferências que levam a intenções e, em seguida, a ações. A intencionalidade ou a psicologia intencional podem ser tomadas como todos esses processos ou apenas preferências que levem a ações e, no sentido mais amplo, é objeto de psicologia cognitiva ou neurociências cognitivas quando inclui neurofisiologia, neuroquímica e neurogenética. A psicologia evolutiva pode ser considerada como o estudo de todas as funções anteriores ou do funcionamento dos módulos que produzem comportamento, e é então coextensa na evolução, desenvolvimento e ação individual com preferências, intenções e ações. Uma vez que os axiomas (algoritmos ou módulos cognitivos) de nossa psicologia estão em nossos genes, podemos ampliar nossa compreensão e aumentar nosso poder dando descrições claras de como eles funcionam e podem ampliá-los (cultura) através de biologia, psicologia, filosofia (psicologia descritiva), matemática, lógica, física e programas de computador, tornando-os assim mais rápidos e eficientes. Hajek (2003) faz uma análise de disposições como probabilidades condicionais que são algorítmico por Rott (1999), Spohn etc.

A intencionalidade (psicologia cognitiva ou evolutiva) consiste em vários aspectos do comportamento que são inatamente programados em módulos cognitivos que criam e requerem consciência, vontade e auto, e em adultos humanos normais quase todos, exceto

percepções e algumas memórias são purposivas, requerem atos públicos (por exemplo, linguagem), e nos comprometem a relacionamentos a fim de aumentar nossa aptidão inclusiva (utilidade máxima esperada ou maximização de utilidade bayesiana). No entanto, o bayesianismo é altamente questionável devido à grave subdeterminação - ou seja, pode "explicar" qualquer coisa e, portanto, nada. Isso ocorre via dominação e altruísmo recíproco, muitas vezes resultando em Desire Independent Reasons for Action (Searle)-que divido em DIRA1 e DIRA2 para S1 e S2) e impõe Condições de Satisfação sobre Condições de Satisfação (Searle) - (ou seja, relaciona pensamentos ao mundo através de atos públicos (movimentos musculares), produzindo matemática, linguagem, arte, música, sexo, esportes etc. O básico disso foi descoberto pelo nosso maior psicólogo natural Ludwig Wittgenstein dos anos 1930 até 1951, mas com prenúncios claros de 1911, e com refinamentos por muitos, mas acima de tudo por John Searle a partir da década de 1960. "A árvore geral dos fenômenos psicológicos. Eu me esforço não pela exatidão, mas por uma visão do todo. RPP Vol 1p895, cf Z p464. Muita intencionalidade (por exemplo, nossos jogos de idioma) admite graus. Como W observou, as inclinações às vezes são conscientes e deliberativas. Todos os nossos modelos (funções, conceitos, jogos de linguagem) têm bordas difusas em alguns contextos, pois devem ser úteis.

Existem pelo menos dois tipos de pensamento (ou seja, dois jogos de idioma ou formas de usar o "pensamento" de verbo) — não racional sem consciência e racional com consciência parcial (W), agora descrito como o pensamento rápido e lento do S1 e S2. É útil considerá-los como jogos de idiomas e não como meros fenômenos (W RPP Vol2 p129). Fenômenos mentais (nossas "experiências" subjetivas ou internas) são epifenome, carecem de critérios, portanto, não têm informações mesmo para si mesmos e, portanto, não podem desempenhar nenhum papel na comunicação, pensamento ou mente. Pensar como se todas as disposições não tenham qualquer teste, não é um estado mental (ao contrário das percepções de S1), e não contém informações até que se torne um ato público ou evento como na fala, escrita ou outras contrações musculares. Nossas percepções e memórias podem ter informações (meaning-i.e., um COS público) somente quando se manifestam em ações públicas, pois só então pensam, sentindo etc. ter qualquer significado (consequências) mesmo para nós mesmos.

A memória e a percepção são integradas por módulos em disposições que se tornam psicologicamente eficazes quando são agidas — ou seja, o S1 gera S2. Desenvolver a linguagem significa manifestar a capacidade inata dos humanos avançados de substituir palavras (contrações finas dos músculos orais ou manuais) por atos (contrações brutas dos músculos do braço e das pernas). TOM (Teoria da Mente) é muito mais chamado de UA-Understanding of Agency (meu mandato) e UA1 e UA2 para tais funções em S1 e S2 — e também pode ser chamado de Psicologia Evolutiva ou Intencionalidade - a produção geneticamente programada inata de consciência, auto e pensamento que leva a intenções e, em seguida, a ações contraindo músculos — ou seja, Entender é uma disposição como pensar e saber. Assim, a "atitude proposicional" é um termo incorreto para o S2D deliberativo intuitivo normal (ou seja, o lento funcionamento deliberativo do Sistema 2) ou

S2A automatizado (ou seja, a conversão de funções de fala e ação frequentemente praticadas do Sistema 2 em funções rápidas automáticas). Vemos que os esforços da ciência cognitiva para entender o pensamento, as emoções etc. estudando a neurofisiologia não vai nos dizer nada mais sobre como a mente (pensamento, linguagem) funciona (ao contrário de como o cérebro funciona) do que já sabemos, porque "mente" (pensamento, linguagem) já está em plena vista pública (W). Quaisquer "fenômenos" que estejam escondidos na neurofisiologia, bioquímica, genética, mecânica quântica ou teoria das cordas, são tão irrelevantes para nossa vida social quanto o fato de que uma tabela é composta de átomos que "obedecem" (podem ser descritos por) as leis da física e química é almoçar nela. Como W tão famoso disse "Nada está escondido". Tudo de interesse sobre a mente (pensamento, linguagem) está aberto a ver se examinarmos cuidadosamente o funcionamento da linguagem. A linguagem (mente, a fala pública ligada a potenciais ações) evoluiu para facilitar a interação social e, assim, o recolhimento de recursos, sobrevivência e reprodução. Sua gramática (ou seja, psicologia evolutiva, intencionalidade) funciona automaticamente e é extremamente confusa quando tentamos analisá-la. Isso tem sido explicado com frequência por Hacker, DMS e muitos outros.

Como W observou com inúmeros exemplos cuidadosamente declarados, palavras e frases têm múltiplos usos dependendo do contexto. Acredito e como tenho papéis profundamente diferentes, como acredito e acredito ou acredito e ele acredita. O presente tenso usado em primeira pessoa de verbos incógnitos como "Acredito" normalmente descrevem minha capacidade de prever meus prováveis atos baseados no conhecimento (ou seja, S2), mas também podem parecer (em contextos filosóficos) como descritivo do meu estado mental e por isso não baseado em conhecimento ou informação (W e ver minha revisão do livro por Hutto e Myin). No sentido antigo S1, ele não descreve uma verdade, mas se torna verdade no ato de dizê-la - ou seja, "Eu acredito que está chovendo" torna-se verdade. Ou seja, verbos de disposição usados em primeira pessoa presente tempo podem ser causalmente auto-reflexivos - eles se instantam, mas então eles não são testáveis (ou seja, não T ou F, não S2). Por mais passado ou futuro, tenso ou terceiro uso, "eu acreditava" ou "ele acredita" ou "ele vai acreditar" conter ou pode ser resolvido por informações que são verdadeiras ou falsas, pois descrevem atos públicos que são ou podem se tornar verificáveis. Da mesma forma, "acredito que está chovendo" não tem informações além das ações subsequentes, mesmo para mim, mas "acredito que vai chover" ou "ele vai pensar que está chovendo" são atos públicos potencialmente verificáveis deslocados no espaço-tempo que pretendem transmitir informações (ou desinformação).

Palavras não reflexivas ou não racionais (automáticas) faladas sem Intenção Prévia (que eu chamo de S2A — ou seja, S2D automatizada por prática) foram chamadas palavras como dedos por W & então por Daniele Moyal-Sharrock em seu artigo em Psicologia Filosófica em 2000).

Muitas das chamadas Inclinações/Disposições/Preferências/Tendências/Capacidades/Habilidades são atitudes não proposicionais (não-Reflexivas) (muito mais úteis para chamá-las de funções ou habilidades) do Sistema 1 (Tversky Kahneman). Intenções prévias são declaradas por Searle como Estados Mentais e, portanto, S1, mas novamente eu acho que é preciso separar PI1 e PI2, já que em nossa linguagem normal nossas intenções anteriores são as deliberações conscientes de S2. Percepções, Memórias, disposições tipo 2 (por exemplo, algumas emoções) e muitas disposições tipo 1 são mais bem chamadas de Reflexos de S1 e são automáticas, não reflexivas, não-proposicionais e não-atitudinais das dobradiças (axiomas, algoritmos) de nossa Psicologia Evolutiva (Moyal-Sharrock depois de Wittgenstein).

Alguns dos principais expoentes das ideias de W que considero leitura essencial para uma compreensão da psicologia descritiva do pensamento de ordem superior são Coliva, Hutto, DMS, Stern, Horwich, Finkelstein e Read, que, como muitos estudiosos agora, postaram a maior parte de seu trabalho (muitas vezes em forma de pré-impressão) online gratuitamente em academia.edu, philpapers.org, researchgate.net e outros sites, e, claro, diligente pode encontrar quase livre tudo online via torrents, p2p, libgen.io, b-ok.org etc. Baker & Hacker são encontrados em seus muitos trabalhos conjuntos e na página pessoal do Hacker. O falecido Baker foi ao mar com uma interpretação bizarra psicanalítica e bastante niilista que foi refutada por Hacker cuja "Interpretação Tardia de Wittgenstein de Gordon Baker" é uma leitura obrigatória para qualquer estudante de comportamento.

Pode-se encontrar infinitas visões de desenho animado metafísicos da vida devido à tentativa de explicar o pensamento de ordem superior de S2 em termos do quadro causal de S1, que Carruthers (C), Dennett, as Igrejas (3 dos atuais líderes do cientismo, computacionismo ou redução materialista -- daqui a partir do CDC - minha sigla para os Centros de Controle de Doenças (Filosófica) e muitos outros buscam. O cientismo tem sido desmascarado frequentemente começando com W no BBB nos anos 30 quando observou que -- "os filósofos constantemente vêem o método da ciência diante de seus olhos e são irresistivelmente tentados a fazer e responder perguntas da maneira como a ciência faz. Essa tendência é a verdadeira fonte da metafísica e leva o filósofo à escuridão completa"- e por Searle, Read, Hutto, Hacker e inúmeros outros desde então. A tentativa de 'explicar' (realmente apenas para descrever como W deixou claro) S2 em termos causais é incoerente e mesmo para S1 é extremamente complexo e não está claro que os jogos linguísticos altamente diversos de "causalidade" podem ser feitos para aplicar (como tem sido foi notado muitas vezes) - mesmo sua aplicação em física e química é variável e muitas vezes obscura (foi gravidade ou a camada de abscisão ou hormônios ou o vento ou todos eles que fizeram a maçã cair, e quando as causas começam e terminam)? Mas, como w disse - "agora, se não são as conexões causais com as quais estamos preocupados, então as atividades da mente estão abertas diante de nós".

No entanto, sugiro que seja um grande erro ver W como tendo ambos os lados, como geralmente declarado, como suas opiniões são muito mais sutis, mais frequentemente do que não deixar seus *trialogues* não resolvidos. Pode-se achar útil começar com minhas revisões de W, S etc., e depois estudar tanto de Read, Hutto, Horwich, Coliva, Hacker, Glock, DMS, Stern, etc. como viável antes de investigar a literatura da causalidade e a filosofia da ciência, e se alguém achar desinteressante fazê-lo então W atingiu a marca.

Apesar dos esforços de W e outros, parece-me que a maioria dos filósofos tem pouca compreensão da sutileza dos jogos linguísticos (por exemplo, os usos drasticamente diferentes de "eu sei o que quero dizer" e "eu sei que horas são"), ou da natureza das disposições, e muitos (por exemplo, CDC) ainda baseiam suas ideias em noções como linguagem privada, introspecção da "fala interior" e do computacionismo, que W colocou para descansar 3/4 de um século atrás.

Antes de ler qualquer livro, vou ao índice e à bibliografia para ver quem eles citam. Muitas vezes, a conquista mais notável dos autores é a completa ou quase completa omissão de todos os autores que cito aqui. W é facilmente o filósofo moderno mais discutido com cerca de um novo livro e dezenas de artigos em grande parte ou inteiramente dedicados a ele todos os meses. Ele tem seu próprio diário "Investigações Filosóficas" e espero que sua bibliografia exceda a dos próximos 4 ou 5 filósofos juntos. Searle é talvez o próximo entre os modernos (e o único com muitas palestras no YouTube, Vimeo, sites universitários etc. — mais de 100, que, ao contrário de quase todas as outras palestras de filosofia, são uma delícia ouvir) e Hutto, Coliva, DMS, Hacker, Read, etc., são muito proeminentes com dezenas de livros e centenas de artigos, palestras e críticas. Mas o CDC e outros metamédicos ignoram-nos e aos milhares que consideram seu trabalho como criticamente importante.

Consequentemente, o poderoso quadro W/S (assim como o da pesquisa moderna no pensamento) está totalmente ausente e todas as confusões que limpou são abundantes. Se você ler minhas críticas e as próprias obras, espero que sua visão da maioria das escritas nesta arena possa ser bem diferente das deles. Mas como W insistiu, é preciso trabalhar os exemplos através de si mesmo. Como frequentemente observado, seus ensaios super socráticos tinham uma intenção terapêutica.

Os argumentos definitivos de W contra a introspecção e a linguagem privada são notados em minhas outras revisões e são extremamente conhecidos. Basicamente, eles são tão simples quanto torta — devemos ter um teste para diferenciar entre A e B e os testes só podem ser externos e públicos. Ele famosamente ilustrou isso com o "Besouro na Caixa". Se todos nós temos uma caixa que não pode ser aberta nem raio-x etc. e chamar o que está dentro de um "besouro", então 'besouro' não pode ter qualquer papel na linguagem, pois cada caixa poderia conter uma coisa diferente ou mesmo estar vazia. Portanto, não há uma linguagem privada que só eu possa saber e nenhuma introspecção do "discurso interno". Se X não é publicamente demonstrado, não pode ser uma palavra em nossa língua. Isso

derruba a teoria mental isa de Carruther, bem como todas as outras teorias do "sentido interior" que ele faz referência. Expliquei o desmantelamento da w da noção de introspecção e o funcionamento da linguagem disposição ('atitudes proposicionais') acima e nas minhas críticas de Budd, Johnston e vários livros de Searle. Veja 'The Philosophical Investigations'(As Investigações Filosóficas)"(2004) de Stern para uma boa explicação da Linguagem Privada umd tudo por Read et al para chegar às raízes dessas questões como poucos fazem.

O CDC evita o uso de "Eu", uma vez que assume a existência de um "eu mais alto". Mas, o próprio ato de escrita, leitura e toda linguagem e conceitos (jogos linguísticos) pressupõe a si mesmo, consciência e vontade, de modo que tais relatos são desenhos auto-contraditórios da vida sem qualquer valor (e impacto zero no cotidiano de qualquer pessoa). W/S e outros notaram há muito tempo que o ponto de vista em primeira pessoa não é intelecto ou redutível para uma terceira pessoa, mas a ausência de coerência não é problema para as visões de desenho animado da vida. Da mesma forma, com a descrição da função cerebral ou comportamento como "computacional", "processamento de informações" etc., bem desmascarado inúmeras vezes por W/S, Hutto, Read, Hacker e muitos outros.

Escrever que tenta combinar ciência com filosofia, com o significado de muitos termos-chave variando quase aleatoriamente sem consciência, é esquizoide e sem esperança, mas há milhares de livros de ciência e filosofia como este. Há a descrição (não explicação como W deixou claro) de nosso comportamento e, em seguida, os experimentos de psicologia cognitiva. Muitos deles lidando com o comportamento humano combinam o pensamento consciente de S2 com os automatismos inconscientes de S1 (absorver psicologia em fisiologia). Muitas vezes nos dizem que a auto, a vontade e a consciência são ilusões, já que eles pensam que estão nos mostrando o significado "real" desses termos, e que o uso do desenho animado é o válido. Ou seja, S2 é "irreal" e deve ser subsumido pelas descrições científicas causais do S1. Assim, uma razão para a mudança da filosofia da linguagem para a filosofia da mente. Veja, por exemplo, minha revisão do recente 'A Opacidade da Mente', de Carruther. Mesmo Searle é um criminoso frequente aqui, como observado por Hacker, Bennet e Hacker, DMS, Coliva etc.

Se alguém diz que não posso escolher o que ter no almoço, ele está claramente enganado, ou se por escolha ele quer dizer outra coisa como essa "escolha" pode ser descrita como tendo uma "causa" ou que não está claro como reduzir a "escolha" para 'porque' então devemos considerá-la como ilusória , então isso é trivialmente verdadeiro (ou incoerente), mas irrelevante para como usamos a linguagem e como vivemos, que deve ser considerado como o ponto a partir do qual começar e acabar com tais discussões.

Talvez se possa considerá-lo relevante que fosse W, juntamente com Kant e Nietzsche (grandes intelectos, mas nenhum deles fazendo muito para dissolver os problemas da filosofia), que foram eleitos os melhores de todos os tempos por filósofos-não Quine, Dummett, Putnam, Kripke ou CDC.

Pode-se ver a semelhança em todas as questões filosóficas (no sentido estrito que considero aqui, tendo em mente o comentário de W de que nem tudo com o aparecimento de uma pergunta é um). Queremos entender como o cérebro (ou o universo) faz isso, mas S2 não está à altura dele. É tudo (ou principalmente) nas maquinações inconscientes de S1 via DNA. Não "sabemos", mas nosso DNA, cortesia da morte de incontáveis trilhões de organismos ao longo de cerca de 3 bilhões de anos. Podemos descrever o mundo facilmente, mas muitas vezes não podemos concordar sobre como deve ser uma "explicação". Então, lutamos com a ciência e sempre descrevemos tão lentamente os mecanismos mentais. Mesmo que devêssemos ter conhecimento "completo" do cérebro, ainda teríamos apenas uma descrição do padrão neuronal correspondendo a ver vermelho, mas não está claro o que significaria (COS) ter uma "explicação" de por que é vermelho (ou seja, por que a qualia existe). Como W disse, as explicações chegam ao fim em algum lugar.

Para aqueles que compreendem o acima, as partes filosóficas da "Opacity of Mind" de Carruther (um grande trabalho recente da escola CDC) são compostas em grande parte das confusões padrão que resultam de ignorar o trabalho de W, S e centenas de outros. Pode ser chamado de Cientismo ou Reducionismo e nega a "realidade" do nosso pensamento, vontade, auto e consciência superior, exceto que estes recebem um uso bastante diferente e totalmente incompatível na ciência. Temos, por exemplo, nenhuma razão para ação, apenas um cérebro que causa ação etc. Eles criam problemas imaginários tentando responder a perguntas que não têm sentido claro. Deve nos dizer que essas opiniões não têm absolutamente nenhum impacto no cotidiano daqueles que passam a maior parte de sua vida adulta promovendo-as.

Essa situação é bem resumida por Rupert Read em seu artigo 'O Problema Difícil da Consciência' — "o problema hardcore se torna cada vez mais remoto, mais deshumanizamos aspectos da mente, como informação, percepção e intencionalidade. O problema só será realmente enfrentado se enfrentarmos como um "problema" que tem a ver com seres humanos inteiros, encarnados em um contexto (indissociavelmente natural e social) em um dado momento, etc... então pode se tornar perspicuo para um que não há problema. Somente quando se começa, digamos, a "teorizar" informações em domínios humanos e não humanos (supostamente usando o animal não-humano {geralmente considerado como mecânico} ou o paradigma da máquina, e assim colocar as coisas de volta à frente), ele começa a parecer que há um problema... que todos os 'ismos' (cognitivismo, reducionismo (para o cérebro), comportamentalismo e assim por diante)... empurrar cada vez mais longe do nosso alcance... a própria conceituação do problema é a mesma coisa que garante que o 'problema difícil' permanece insolúvel... nenhuma boa razão jamais foi dada para pensarmos que deve haver uma ciência de algo se ela for considerada real. Não há nenhuma boa razão para pensar que deveria haver uma ciência da consciência, ou de mente ou da sociedade, mais do que precisa haver uma ciência de números, ou de universos ou de capitais ou de jogos ou de constelações ou de objetos

cujos nomes começam com a letra 'b'.... Precisamos começar com a ideia de nós mesmos como pessoas incorporadas agindo em um mundo, não com a ideia de nós mesmos como cérebros com mentes 'localizadas' neles ou 'ligadas' a eles... Não há como a ciência nos ajudar a fazer um relato "externo"/"objetivo" do que realmente é a consciência e quando ela está realmente presente. Pois não pode nos ajudar quando há um conflito de critérios, quando nossas máquinas entram em conflito com nós mesmos, em conflito conosco. Pois nossas máquinas só são calibradas por nossos relatórios em primeiro lugar. Não pode haver tal coisa como obter um ponto de vista externo ... isso não é porque... o problema difícil é insolúvel, ... Em vez disso, não precisamos admitir que um problema foi definido... 'naturalismo transcendental' ... Garantias... a manutenção viva indefinidamente do problema. Oferece a extraordinária satisfação psicológica de uma humilde (mas privilegiada) declaração "científica" dos limites para a compreensão e, o conhecimento de being parte de uma elite privilegiada, que ao afirmar esses limites, pode ver além deles. Ele não consegue ver o que Wittgenstein deixou claro no prefácio para o Tractatus. O limite pode... apenas ser desenhado na linguagem e o que está do outro lado do limite será simplesmente absurdo.

Muitos dos comentários de W vêm à mente. Ele observou há 88 anos que os "mistérios" satisfazem um anseio pelo transcendente, e como achamos que podemos ver os "limites da compreensão humana", achamos que também podemos ver além deles, e que devemos nos debruçar sobre o fato de vermos os limites da linguagem (mente) no fato de que não podemos descrever os fatos que correspondem a uma frase, exceto repetindo a frase (ver p10 etc. em sua Cultura e Valor, escrito em 1931). Também acho útil repetir frequentemente sua observação de que "superstição não passa de crença no nexo causal" - escrito há um século no TLP 5.1361.

Além disso, apropos é seu famoso comentário (PI p308) sobre a origem dos problemas filosóficos sobre processos mentais (e todos os problemas filosóficos). "Como surge o problema filosófico sobre processos mentais e estados e sobre o comportamento? O primeiro passo é aquele que escapa completamente do aviso. Falamos de processos e estados e deixamos sua natureza indecisa. Algum dia talvez saibamos mais sobre eles. Mas isso é exatamente o que nos compromete a uma maneira particular de olhar para o assunto. Pois temos um conceito definitivo do que significa aprender a conhecer melhor um processo. (O movimento decisivo no truque de conjuração foi feito, e foi o mesmo que pensamos bastante inocente.) - E agora a analogia que era nos fazer entender que nossos pensamentos caem em pedaços. Então temos que negar o processo ainda incompreendido no meio ainda inexplorado. E agora parece que tínhamos negado processos mentais. E, naturalmente, não queremos negá-los.

Outro comentário aparentemente trivial de W (PI p271) nos pediu para imaginar uma pessoa que esqueceu o que a palavra "dor" significava, mas usou corretamente – ou seja, ele usou como nós! Também é relevante o comentário de W (TLP 6.52) de que quando todas as questões científicas foram respondidas, nada é deixado para questionar, e essa é

a resposta em si. É central para entender as falhas cientistas (ou seja, devido ao cientismo, não à ciência) falhas do CDC et al é a sua observação de que é um erro muito comum pensar que algo deve nos fazer fazer o que fazemos, o que leva à confusão entre causa e razão. "É o erro que nós aqui e em mil casos semelhantes estamos inclinados a cometer é rotulado pela palavra "fazer" como a usamos na frase "Não é um ato de discernimento que nos faz usar a regra como fazemos", porque há uma ideia de que "algo deve nos fazer" fazer o que fazemos. E isso se junta novamente à confusão entre causa e razão. Não precisamos de razão para seguir a regra como nós. A cadeia de razões tem um fim. BBB p143

Ele também comentou que a cadeia de causas tem um fim e que não há razão no caso geral para que seja significativa especificar uma causa. W viu em sua própria luta de décadas a necessidade de esclarecer a "gramática" a si mesmo, elaborando "exemplos perspicuosos" e a futilidade para muitos de serem contadas as respostas. Daí seus famosos comentários sobre filosofia como terapia e "trabalhando em si mesmo".

Outra coisa impressionante sobre tantos livros de filosofia (e a filosofia disfarçada ao longo das ciências comportamentais, física e matemática) é que muitas vezes não há indícios de que existam outros pontos de vista, que muitos dos filósofos mais proeminentes consideram a visão cientistaica como incoerente. Há também ofato de que, raramente mencionado) que, desde que ignoremos sua incoerência, a redução não para no nível da neurofisiologia, mas pode ser facilmente estendida (e tem sido muitas vezes) ao nível de química, física, mecânica quântica, 'matemática' ou apenas 'idéias'. O que exatamente deve tornar a neurofisiologia privilegiada? Os gregos antigos geraram a ideia de que nada existe além de ideias e Leibniz descreveu o universo como uma máquina gigante. Mais recentemente Stephan Wolfram tornou-se uma lenda na história da pseudociência por sua descrição do universo como um autômato de computador em 'Um Novo Tipo de Ciência'. Materialismo, mecanismo, idealismo, reducionismo, comportamentalismo e dualismo em seus muitos disfarces dificilmente são novidades e, para um wittgensteiniano, cavalos bastante mortos desde que W ditou os livros Azul e Marrom na década de 30, ou pelo menos desde a publicação subsequente e extensocomentário sobre suas nachlass. Mas convencer alguém é uma tarefa sem esperança. W percebeu que é preciso trabalhar em si mesmo — autoterapia através de longos trabalhos duros através de "exemplos perspicuosos" da linguagem (mente) em ação.

Uma expressão (inconsciente) de como a psicologia axiomática governa, e como é fácil mudar o uso de uma palavra sem saber, foi dada pelo físico Sir James Jeans há muito tempo: "O Universo começa a parecer mais um grande pensamento do que como uma grande máquina." Mas 'pensamento', 'máquina', 'tempo', 'espaço', 'causa', 'evento', 'acontecer', 'ocorrem', 'continue', etc. não têm os mesmos significados (usos) na ciência ou filosofia como na vida cotidiana, ou melhor, eles têm os velhos usos misturados aleatoriamente com muitos novos, então há o aparência de senso sem sentido. Grande parte da discussão acadêmica sobre comportamento, vida e universo é alta comédia (ao contrário da baixa comédia da maioria da política, religião e mídia de massa): ou seja,

"comédia lidando com sociedade educada, caracterizada por diálogo sofisticado e espirituoso e um enredo intrincado"- (Dictionary.com). Mas a filosofia não é uma perda de tempo - feita com razão, é a melhor maneira de gastar tempo. De que outra forma podemos dissipar o caos nas ciências comportamentais ou descrever nossa vida mental e a ordem superior pensada no Sistema 2 - a coisa mais complexa, maravilhosa e misteriosa que existe?

Dado esse quadro, deve ser fácil entender o CO, seguir os exemplos de W descrevendo como nossa psicologia inata usa o teste de realidade do Sistema 2 para construir sobre as certezas do Sistema 1, para que nós, como indivíduos e como sociedades, adquiríssemos uma visão de mundo de experiências intertravadas irrefutáveis que se baseiam na base de nossa percepção reflexiva geneticamente programática aximática e ação ao incrível edifício da ciência e da cultura. A teoria da evolução e a teoria da relatividade passou há muito tempo de algo que poderia ser desafiado a certezas que só podem ser modificadas, e na outra extremidade do espectro, não há possibilidade de descobrir que não existem coisas como Paris ou Bron tossauros. A visão cética é incoerente. Podemos dizer qualquer coisa, mas não podemos significar nada.

Assim, com o DMS, considero a OC como uma descrição da pedra fundamental da compreensão humana e do documento mais básico sobre nossa psicologia. Embora escrito quando na casa dos 60 anos, mentalmente e fisicamente devastado pelo câncer, é tão brilhante quanto seu outro trabalho e transforma nossa compreensão da filosofia (a psicologia descritiva do pensamento de ordem superior), trazendo-a finalmente à luz, depois de três mil anos na caverna. A metafísica foi varrida da filosofia e da física.

"Que tipo de progresso é esse — o fascinante mistério foi removido — mas nenhuma profundidade foi encanada em consolo; nada foi explicado ou descoberto ou reconcebido. Como se pode pensar. Mas talvez, como Wittgenstein sugere, as virtudes da clareza, desmistificação e verdade devem ser consideradas satisfatórias o suficiente" --Horwich 'Metafilosofia de Wittgenstein'.

Deixe-me sugerir que com a perspectiva que eu encorajei aqui, W está no centro da filosofia contemporânea e psicologia e não é obscuro, difícil ou irrelevante, mas cintilante, profundo e cristalino e que sentir falta dele é perder um dos maiores aventuras intelectuais possíveis.

Um excelente trabalho recente que exhibe muitas das confusões filosóficas em um livro putativamente sobre ciência e matemática é "Os Limites Externos da Razão: O que Ciência, Matemática e Lógica Não Pode Nos Dizer" (2013) (veja minha crítica).

W observou que quando chegamos ao fim dos comentários científicos, o problema se torna filosófico - ou seja, um de como a linguagem pode ser usada intelectualmente. Yanofsky, como praticamente todos os cientistas e a maioria dos filósofos, não entende que existem

dois tipos distintos de "perguntas" ou "afirmações" (ou seja, Jogos de Idiomas ou LG) aqui. Há aqueles que são questões de fato sobre como o mundo é — ou seja, eles são publicamente observáveis estados proposicional (Verdadeiros ou Falsos) estados de assuntos com significados claros (Condições de Satisfação --COS na terminologia de Searle) — ou seja, declarações científicas, e então há aquelas que supõem questões sobre como a linguagem pode ser usada coerentemente para descrever esses estados de coisas, e estes podem ser respondidos por qualquer pessoa, seja, inteligente, alfabetizada com pouco ou nenhum recurso aos fatos da ciência. Outro fato mal compreendido, mas crítico, é que, embora o pensamento, representando, inferindo, entendimento, intuição etc. (ou seja, a psicologia disposicional) de uma afirmação verdadeira ou falsa é uma função da cognição de ordem superior do nosso lento e consciente Sistema 2 (S2), a decisão sobre se "partículas" estão emaranhadas, a estrela mostra uma mudança vermelha, um teorema foi comprovado (ou seja, a parte que envolve ver que os símbolos são usados corretamente em cada linha da prova), é sempre feita pelo rápido, inconsciente Sistema 1 (S1) via ver, ouvir, tocar etc. em que não há processamento de informações, nenhuma representação (ou seja, sem COS) e nenhuma decisão no sentido em que estes acontecem em S2 (que recebe seus insumos do S1). Essa abordagem de dois sistemas é agora a maneira padrão de ver o raciocínio ou a racionalidade e é uma heurística crucial na descrição do comportamento, do qual ciência, matemática e filosofia são casos especiais. Há uma literatura enorme e em rápido crescimento sobre o raciocínio que é indispensável para o estudo do comportamento ou da ciência. Um livro recente que se cava nos detalhes de como realmente raciocinamos (ou seja, usar a linguagem para realizar ações — veja W, DMS, Hacker, S etc.) é 'Human Reasoning and Cognitive Science' de Stenning e Van Lambalgen (2008), que, apesar de suas limitações (por exemplo, compreensão limitada do W/S e da ampla estrutura da psicologia intencional), é (a partir de 2019) a melhor fonte única que conheço.

W escreveu muito sobre a filosofia da matemática, uma vez que claramente ilustrava muitos dos tipos de confusões geradas por jogos linguísticos "científicos", e houve inúmeros comentários, muitos bastante pobres. Vou comentar sobre alguns dos melhores trabalhos recentes como é criado por Yanofsky.

Francisco Berto fez alguns comentários penetrantes recentemente. Ele observa que W negou a coerência da metamatemática - ou seja, o uso por Godel de um metateorema para provar seu teorema, provavelmente contabilizando sua interpretação "notória" do teorema de Godel como um paradoxo, e se aceitarmos seu argumento, acho que somos forçados a negar a inteligibilidade das metalings, metateorias e qualquer outra coisa. Como pode ser que tais conceitos (palavras, jogos linguísticos) como metamatemática e eternidade incompleta, aceitos por milhões (até reivindicados por ninguém menos que Penrose, Hawking, Dyson et al para revelar verdades fundamentais sobre nossa mente ou o universo) são apenas simples mal-entendidos sobre como a linguagem funciona? Não é a prova neste pudim que, como tantas noções filosóficas "reveladoras" (por exemplo, mente e vontade como ilusões – Dennett, Carruthers, the Churchlands etc.), eles não têm nenhum

impacto prático?

Berto resume bem: "Dentro deste quadro, não é possível que a mesma frase... Acaba por ser expressível, mas indecidível, em um sistema formal... e comprovadamente verdadeiro (sob a hipótese de consistência acima mencionada) em um sistema diferente (o meta-sistema). Se, como Wittgenstein sustentou, a prova estabelece o próprio significado da sentença comprovada, então não é possível que a mesma frase (ou seja, para uma sentença com o mesmo significado) seja indecidível em um sistema formal, mas decidida em um sistema diferente (o meta-sistema) ... Wittgenstein teve que rejeitar tanto a ideia de que um sistema formal pode ser sintaticamente incompleto, e a consequência platônica de que nenhum sistema formal que comprove apenas verdades aritméticas pode provar todas as verdades aritméticas. Se as provas estabelecem o significado de frases aritméticas, então não pode haver sistemas incompletos, assim como não pode haver significados incompletos." E ainda "Aritmética, ou seja, aritmética não clássica baseada em uma lógica paraconsistente, são hoje uma realidade. O que é mais importante, as características teóricas de tais teorias combinam precisamente com algumas das intuições wittgensteinianas acima mencionadas... Sua inconsistência permite que eles também escapem do Primeiro Teorema de Godel, e do resultado indecidível da Igreja: eles são, ou seja, comprovadamente completos e decisivos. Eles, portanto, cumprem precisamente o pedido de Wittgenstein, segundo o qual não pode haver problemas matemáticos que podem ser formulados significativamente dentro do sistema, mas que as regras do sistema não podem decidir. Assim, a decidibilidade do aritmetico paraconsistentes harmoniza com uma opinião que Wittgenstein manteve fora de sua carreira filosófica."

W também demonstrou o erro fatal em relação à matemática ou linguagem ou ao nosso comportamento em geral como um "sistema lógico" lógico coerente unitário, em vez de como um mistura de peças montadas pelos processos aleatórios de seleção natural. "Godel nos mostra uma inclinação no conceito de 'matemática', que é indicado pelo fato de que a matemática é tomada como um sistema" e podemos dizer (contra quase todos) que é tudo o que Godel e Gregory Chaitin mostram. W comentou muitas vezes que "verdade" em matemática significa axiomas ou os teoremas derivados de axiomas, e 'falso' significa que um cometeu um erro ao usar as definições, e isso é totalmente diferente de questões onde se aplica um teste. W frequentemente observou que para ser aceitável como matemática no sentido usual, deve ser utilizável em outras provas e deve ter aplicações do mundo real, mas também não é o caso da Incompletude de Godel. Uma vez que não pode ser provado em um sistema consistente (aqui Peano Aritmético, mas uma arena muito mais ampla para Chaitin), ele não pode ser usado em provas e, ao contrário de todo o 'descanso' de Pa, também não pode ser usado no mundo real. Como Victor Rodych observa "Wittgenstein afirma que um cálculo formal é apenas um cálculo matemático (ou seja, um jogo de linguagem matemática) se tiver uma aplicação extra-sistêmica em um sistema de proposições contingentes (por exemplo, na contagem e medição ordinárias ou na física) ..." Outra maneira de dizer isso é que é preciso um mandado para aplicar nosso uso normal de palavras como 'prova', 'proposição', 'verdadeira', 'incompleta', 'número' e 'matemática'

para resultar no emaranhado de jogos criados com 'números' e 'mais' e 'menos' sinais etc., e com 'Incompletude' este mandado está faltando. Rodych resume isso admirável. "No relato de Wittgenstein, não existe tal coisa como um cálculo matemático incompleto porque 'em matemática, tudo é algoritmo [e sintaxe] e nada significa [semântica]..."

W tem o mesmo a dizer sobre a diagonada de Cantor e definir teoria. "A consideração do procedimento diagonal lamenta que o conceito de 'número real' tenha muito menos analogia com o conceito 'número cardeal' do que nós, sendo enganados por certas analogias, estamos inclinados a acreditar" e muitos outros comentários (ver Rodych e Floyd).

Uma das principais omissões de todos esses livros é o incrível trabalho do físico polímata e teórico da decisão David Wolpert, que provaram alguns teoremas impressionantes de impossibilidade ou incompletude (1992 a 2008 - ver arxiv.org) nos limites da inferência (computação) que são tão gerais que são independentes do dispositivo fazendo a computação, e até mesmo independente das leis da física, então eles se aplicam entre computadores, física e comportamento humano, que ele resumiu assim: "Não se pode construir um computador físico que possa ser assegurado de processar corretamente informações mais rápido do que o universo. Os resultados também significam que não pode existir um aparelho de observação infalível, de propósito geral, e que não pode haver um aparelho de controle infalível e de uso geral. Esses resultados não dependem de sistemas infinitos, e/ou não clássicos, e/ou obedecem a dinâmicas caóticas. Eles também se seguram mesmo que se use um computador infinitamente rápido e infinitamente denso, com poderes computacionais maiores do que os de uma Máquina de Turing." Ele também publicou o que parece ser o primeiro trabalho sério em equipe ou inteligência coletiva (COIN) que, segundo ele, coloca esse assunto em uma base científica sólida. Embora tenha publicado várias versões dessas mais de duas décadas em algumas das mais prestigiadas revistas de física revisadas por pares (por exemplo, Física D 237: 257-81(2008)) bem como em revistas da NASA, e tem obtido notícias em grandes revistas científicas, poucos parecem ter notado e eu olhei em dezenas de livros recentes sobre física, matemática, teoria da decisão e computação sem encontrar uma referência.

É lamentável que Yanofsky e outros não tenham consciência de Wolpert, uma vez que seu trabalho é a extensão final da computação, pensamento, inferência, incompletude e inflexão, que ele alcança (como muitas provas na teoria da máquina de Turing) por estender o paradoxo mentiroso e a diagonalização de Cantor para incluir todos os universos e todos os seres ou mecanismos possíveis e, portanto, pode ser visto como a última palavra não apenas na computação, mas na cosmologia ou até mesmo divindades. Ele alcança essa generalidade extrema dividindo o universo inferindo usando linhas mundaninas (ou seja, em termos do que ele faz e não como ele faz) para que suas provas matemáticas sejam independentes de quaisquer leis físicas particulares ou estruturas computacionais em estabelecendo os limites físicos de inferência para o passado, presente e futuro e todo o cálculo, observação e controle possíveis. Ele observa que mesmo em um

universo clássico Laplace estava errado sobre ser capaz de prever perfeitamente o futuro (ou mesmo perfeitamente retratar o passado ou presente) e que seus resultados impossibilidades podem ser vistos como um "princípio de incerteza mecânica não quântica" (ou seja, não pode haver um dispositivo de observação ou controle infalível). Qualquer dispositivo físico universal deve ser infinito, só pode ser assim em um momento no tempo, e nenhuma realidade pode ter mais de um (o "teorema do monoteísmo"). Como o espaço e o tempo não aparecem na definição, o dispositivo pode até ser todo o universo em todos os tempos. Pode ser visto como um analógico físico de incompletude com dois dispositivos de inferência em vez de um dispositivo auto-referencial. Como ele diz, "ou o Hamiltoniano do nosso universo proscreve um certo tipo de computação, ou a complexidade da previsão é única (ao contrário da complexidade da informação algorítmica) na medida em que há uma e única versão dele que pode ser aplicável em toda a nossa universo.

Outra maneira de dizer isso é que não se pode ter dois dispositivos de inferência física (computadores) capazes de ser feitas perguntas arbitrárias sobre a saída do outro, ou que o universo não pode conter um computador ao qual se pode representar qualquer tarefa computacional arbitrária, ou que para qualquer par de motores de inferência física, há sempre questões binárias valorizadas sobre o estado do universo que não podem sequer ser colocadas em pelo menos um deles. Não se pode construir um computador que possa prever uma condição futura arbitrária de um sistema físico antes de ocorrer, mesmo que a condição seja de um conjunto restrito de tarefas que podem ser colocadas a ele — ou seja, ele não pode processar informações (embora esta seja uma frase vexamente expressa como S e Read e outras notam) mais rápido do que o universo. O computador e o sistema físico arbitrário que está computando não têm que ser fisicamente acoplados e ele mantém independentemente das leis da física, caos, mecânica quântica, causalidade ou cones de luz e até mesmo para uma velocidade infinita de luz. O dispositivo de inferência não precisa ser localizado espacialmente, mas pode ser processos dinâmicos não locais que ocorrem em todo o universo. Ele está bem ciente de que isso coloca as especulações de Wolfram, Landauer, Fredkin, Lloyd etc., no que diz respeito a universo de ele como computador ou aos limites do processamento de informações, uma nova luz (embora os índices de seus escritos não façam referência a ele e outra omissão notável é que nenhum dos acima são mencionados por Yanofsky também).

Wolpert diz que mostra que o universo não pode conter um dispositivo de inferência que pode processar informações o mais rápido possível, e uma vez que ele mostra que você não pode ter uma memória perfeita nem controle perfeito, seu estado passado, presente ou futuro nunca pode ser perfeitamente ou completamente retratado, caracterizado, conhecido ou copiado. Ele também provou que nenhuma combinação de computadores com códigos de correção de erros pode superar essas limitações. Wolpert também observa a importância crítica do observador ("o mentiroso") e isso nos conecta aos enigmas familiares da física, matemática e linguagem que dizem respeito a Yanofsky. Mais uma vez cf. Floyd em W: "Ele está articulando em outras palavras uma forma generalizada de

diagonalização. O argumento é, portanto, geralmente aplicável, não apenas a expansões decimais, mas a qualquer suposta listagem ou expressão governada por regras delas; ele não depende de nenhum dispositivo notacional específico ou arranjos espaciais preferidos de sinais. Nesse sentido, o argumento de Wittgenstein não atrai nenhuma imagem e não é essencialmente diagramático ou representacional, embora possa ser diagramado e insofar como é um argumento lógico, sua lógica pode ser representada formalmente). Como os argumentos de Turing, é livre de uma ligação direta com qualquer formalismo em particular. [Os paralelos com Wolpert são óbvios.] Ao contrário dos argumentos de Turing, ele explicitamente invoca a noção de um jogo de linguagem e se aplica a (e pressupõe) uma concepção cotidiana das noções de regras e dos humanos que os seguem. Cada linha na apresentação diagonal acima é concebida como uma instrução ou comando, análoga a uma ordem dada a um ser humano..." Deve ser óbvio como o trabalho de Wolpert é uma ilustração perfeita das ideias de W sobre as questões separadas da ciência ou matemática e das da filosofia (jogos de idiomas).

Yanofsky também não deixam claro a grande sobreposição que existe agora (e está se expandindo rapidamente) entre teóricos do jogo, físicos, economistas, matemáticos, filósofos, teóricos de decisões e outros, todos publicados há décadas provas intimamente relacionadas de indecidibilidade e incomputabilidade, impossibilidade, e incompletude. Um dos mais bizarros é a recente prova de Armando Assis de que na formulação relativa da mecânica quântica pode-se configurar um jogo de soma zero entre o universo e um observador usando o Equilíbrio Nash, do qual segue a regra Born e o colapso da função de onda. Godel foi o primeiro a demonstrar um resultado impossibilidade, e (até os notáveis documentos de David Wolpert — veja aqui e meu artigo de revisão) é o mais abrangente (ou apenas trivial/incoerente), mas houve uma avalanche de outros. Um dos primeiros na teoria da decisão foi o famoso Teorema da Impossibilidade Geral (GIT) descoberto por Kenneth Arrow em 1951 (pelo qual ele ganhou o Prêmio Nobel de Economia em 1972 — e cinco de seus alunos são agora ganhadores do Nobel, então isso não é ciência marginal). Ele afirma aproximadamente que nenhum sistema de votação razoavelmente consistente e justo (ou seja, nenhum método de agregar preferências individuais em preferências de grupo) pode dar resultados sensatos. O grupo é dominado por uma pessoa, e por isso o GIT é frequentemente chamado de "teorema do ditador", ou há preferências intransitórias. O artigo original de Arrow foi intitulado "Uma Dificuldade no Conceito de Bem-Estar Social" e pode ser declarado assim: "É impossível formular uma ordem de pré-conferência social que satisfaça todas as seguintes condições: Não ditadura; Soberania Individual; Unanimidade; Liberdade de alternativas irrelevantes; Singularidade do Rank de Grupo." Aqueles familiarizados com a teoria da decisão moderna aceitam isso e os muitos teoremas constrangedores relacionados como seus pontos de partida. Aqueles que não são podem achar isso (e todos esses teoremas) incrível e, nesse caso, eles precisam encontrar um caminho de carreira que não tenha nada a ver com uma das disciplinas acima. Veja "The Arrow Impossibility Theorem" (2014) ou "Tomada de Decisão e Imperfeição" (2013) entre legiões de publicações.

Yanofsky menciona o famoso resultado impossibilidade de Brandenburger e Keisler (2006) para jogos de duas pessoas (mas, claro, não se limita a "jogos" e, como todos esses resultados impossibilidades, aplica-se amplamente a decisões de qualquer tipo) que mostra que qualquer modelo de crença de um certo tipo leva a contradições. Uma interpretação do resultado é que se as ferramentas do analista de decisão (basicamente apenas lógica) estão disponíveis para os players em um jogo, então há declarações ou crenças que os jogadores podem escrever ou 'pensar' mas não podem realmente segurar (ou seja, sem COS claro). "Ann acredita que Bob assume que Ann acredita que a suposição de Bob está errada" parece inexecutável e 'recursão' (outra LG) foi assumida em argumentação, linguística, filosofia etc., pelo menos por um século, mas eles mostraram que é impossível para Ann e Bob assumir essas crenças. E há um corpo em rápido crescimento de tais resultados impossibilidades para 1 ou situações de decisão multiplayer (por exemplo, ele classifica em Arrow, Wolpert, Koppel e Rosser etc). Para um bom papel técnico de um bom papel técnico entre a avalanche no paradoxo b&K, pegue o papel de Abramsky e Zvesper de arXiv.org, que nos leva de volta ao paradoxo mentiroso e ao infinito de Cantor (como seu título observa é sobre "formas iterativas de diagodiae auto-referência") e, portanto, para Floyd, Rodych, Berto, W e Godel. Muitos desses artigos citam o artigo de Yanofsky "Uma abordagem universal para paradoxos auto-referenciais e pontos fixos. Boletim de Lógica Simbólica, 9(3):362-386, 2003. Abramsky (um polímata que é, entre outras coisas, um pioneiro na computação quântica) é um amigo, e por isso Yanofsky contribui com um artigo para o recente Festschrift para ele 'Computation, Logic, Games and Quantum Foundations' (2013). Para talvez os melhores comentários recentes (2013) sobre o BK e paradoxos relacionados veja a palestra de powerpoint de 165p gratuitamente na internet por Wes Holliday e Eric Pacuit 'Dez Quebra-Cabeças e Paradoxos sobre Conhecimento e Crença'. Para uma boa pesquisa multi-autora, consulte 'Tomada de Decisão Coletiva (2010).

Como os famosos teoremas de Godel são corolários do teorema de Chaitin mostrando 'aleatoriedade' algorítmica ('incompletude') ao longo da matemática (que é apenas mais um de nossos sistemas simbólicos), parece inevitável que o pensamento (comportamento, linguagem, mente) esteja cheio de declarações e situações impossíveis, aleatórias ou incompletas. Uma vez que podemos ver cada um desses domínios como sistemas simbólicos evoluídos por acaso para fazer nossa psicologia funcionar, talvez deva ser considerado como surpreendente que eles não sejam "completos". Para matemática, Chaitindiz quesua "aleatoriedade" (novamente um grupo de LG) mostra que há teoremas ilimitadas que são verdadeiras, mas improváveis, ou seja, verdadeiras sem motivo. Deve-se, então, ser capaz de dizer que existem declarações ilimitadas que fazem sentido "gramatical" perfeito que não descrevem situações reais alcançáveis nesse domínio. Sugiro que esses quebra-cabeças se afastem se considerarmos as opiniões de W. Ele escreveu muitas notas sobre a questão dos Teoremas de Godel, e todo o seu trabalho diz respeito à plasticidade, "incompletude" e extrema sensibilidade ao contexto da linguagem, matemática e lógica. Os recentes artigos de Rodych, Floyd e Berto são a melhor introdução que conheço às observações de W sobre as bases da matemática e assim a filosofia.

Como observado, David Wolpert deriva alguns teoremas incríveis na Teoria da Máquina de Turing e os limites da computação que são muito aproprios aqui. Eles foram quase universalmente ignorados, mas não pelos conhecidos economistas Koppl e Rosser, que, em seu famoso artigo de 2002 "Tudo o que eu tenho a dizer já passou pela sua cabeça", dão três teoremas sobre os limites da racionalidade, previsão e controle em Economia. O primeiro usa o teorema de Wolpert nos limites da computação para mostrar alguns limites lógicos para prever o futuro. Wolpert observa que pode ser visto como o análogo físico do teorema de incompletude de Gödel e K e R dizem que sua variante pode ser vista como sua ciência social analógica, embora Wolpert esteja bem ciente das implicações sociais. O segundo teorema de K e R mostra possível inconvergência para a previsão bayesiana (probabilística) no espaço infinitodimensional. O terceiro mostra a impossibilidade de um computador prever perfeitamente uma economia com agentes conhecendo seu programa de previsão. O astuto perceberá que esses teoremas podem ser vistos como versões do paradoxo mentiroso e o fato de que somos pegos em impossibilidades quando tentamos calcular um sistema que inclui a nós mesmos foi notado por Wolpert, Koppl, Rosser e outros nesses contextos e novamente, nós circulamos de volta para os quebra-cabeças da física quando o observador está envolvido. K&R conclui "Assim, a ordem econômica é em parte o produto de algo além da racionalidade calculativa". A racionalidade limitada é agora um grande campo em si, objeto de milhares de artigos e centenas de livros.

Raciocínio é outra palavra para pensar, que é uma disposição como conhecer, entender, julgar etc. Como Wittgenstein foi o primeiro a explicar, esses verbos disposicionais descrevem proposições (frases que podem ser verdadeiras ou falsas) e, assim, têm o que Searle chama de Condições de Satisfação (COS). Ou seja, há estados públicos de coisas que reconhecemos como mostrando sua verdade ou falsidade. "Além da razão" significaria uma frase cujas condições de verdade não são claras e a razão seria que ela não tem um contexto claro. É uma questão de fato se temos COS claro (ou seja, significado) mas não podemos fazer a observação — isso não está além da razão, mas além da nossa capacidade de alcançar, mas é uma questão filosófica (linguística) se não conhecemos o COS. "A mente e os computadores do universo?" soa como se precisasse de investigação científica ou matemática, mas só é necessário esclarecer o contexto em que essa linguagem será usada, uma vez que são termos comuns e inproblemáticos e é apenas o contexto deles que é intrigante.

Como sempre, a primeira coisa a ter em mente é o ditado de W de que não há novas descobertas a serem feitas na filosofia nem explicações a serem dadas, mas apenas claras descrições de comportamento (linguagem). Uma vez que se entende que todos os problemas são confusões sobre como a linguagem funciona, estamos em paz e filosofia em seu sentido alcançou seu propósito. Como w/S observou, há apenas uma realidade, então não há várias versões da mente ou da vida ou do mundo que podem ser significativamente dadas, e só podemos nos comunicar em nossa língua pública. Não pode haver uma linguagem privada e nenhum pensamento "interior privado" não pode ser comunicado e

não pode ter qualquer papel em nossa vida social. Também deve ser muito simples resolver problemas filosóficos nesse sentido. "Agora, se não são as conexões causais com as quais estamos preocupados, então as atividades da mente estão abertas diante de nós." Wittgenstein "O Livro Azul" p6 (1933)

Temos apenas um conjunto de genes e, portanto, uma língua (mente), um comportamento (natureza humana ou psicologia evolutiva), que W e S chamam de base ou fundo e refletindo sobre isso geramos filosofia que S chama de estrutura lógica da racionalidade e eu chamo a psicologia descritiva do Pensamento de Ordem Superior (HOT) ou, tomando a deixa de W, o estudo da linguagem descrevendo HOT. O único interesse em ler os comentários de qualquer pessoa sobre aspectos filosóficos do comportamento humano (HOT) é ver se sua tradução para o quadro W/S dá algumas descrições claras que iluminam o uso da linguagem. Se não, então mostrar como eles foram enfeitados pela linguagem dissipa a confusão. Repito o que Horwich observou na última página de sua soberba 'Metafilosofia de Wittgenstein' (veja minha crítica): "Que tipo de progresso é esse — o mistério fascinante foi removido — mas nenhuma profundidade foi encanada em consolo; nada foi explicado ou descoberto ou reconcebido. Como se pode pensar. Mas talvez, como Wittgenstein sugere, as virtudes da clareza, desmistificação e verdade devem ser encontradas satisfatórias o suficiente."

No entanto, w/S fazer muito explicando (ou como W sugeriu que devemos dizer "descrevendo") e S afirma que a estrutura lógica da racionalidade constitui várias teorias, e não há mal nenhum nela, desde que se perceba que são compostas por uma série de exemplos que nos permitem ter uma ideia geral de como a linguagem (a mente) funciona, e que como suas "teorias" são explicadas através de exemplos que se tornam mais como as descrições perspicuas de W. "Uma rosa por qualquer outro nome..." Quando há uma pergunta é preciso voltar aos exemplos ou considerar novos. Como W observou, a linguagem (vida) é ilimitadamente complexa e sensível ao contexto (W sendo o pai não reconhecido do contextualismo), e por isso é totalmente diferente da física onde muitas vezes se pode derivar uma fórmula e dispensar a necessidade de mais exemplos. O cientismo (o uso da linguagem científica e da estrutura causal) nos leva a desviar-nos ao descrever o HOT.

Mais uma vez: "Os filósofos constantemente vêem o método da ciência diante de seus olhos e são irresistivelmente tentados a fazer e responder perguntas da maneira como a ciência faz. Essa tendência é a verdadeira fonte da metafísica e leva o filósofo à escuridão completa." (BBB p18).

Ao contrário de tantos outros, S tem evitado em grande parte e muitas vezes demolido o cientismo, mas há um resíduo que se evidencia quando ele insiste em usar termos s2 disposicionais que descrevem o comportamento público (pensamento, sabendo acreditar etc.) para descrever 'processos' S1 em o cérebro, que, por exemplo, podemos entender a consciência estudando o cérebro, e que ele está preparado para desistir da causalidade,

vontade ou mente. W deixou bem claro que tais palavras são as dobradiças ou jogos básicos de linguagem e desistir deles ou mesmo mudá-las não é um conceito coerente. Como observado em minhas outras revisões, acho que o resíduo do cientismo resulta da grande tragédia da vida filosófica de S (e quase todos os outros filósofos) - sua falha em levar o W mais tarde a sério o suficiente (W morreu alguns anos antes de S foi para a Inglaterra estudar) e fazer o erro fatal comum de pensar que ele é mais esperto do que W.

"Aqui nos deparamos com um fenômeno notável e característico na investigação filosófica: a dificuldade... posso dizer--- não é a de encontrar a solução, mas sim de reconhecer como algo tão lúgubre que parece ser apenas uma preliminar para ela. Já dissemos tudo. --- Nada que se siga disso, não é essa a solução! Isso está conectado, acredito, com a nossa injustamente esperando uma explicação, enquanto a solução da dificuldade é uma descrição, se lhe dermos o lugar certo em nossas considerações. Se pensarmos sobre ele, e não tentar ir além dele. Zettel p312-314

"Nosso método é puramente descritivo, as descrições que damos não são indícios de explicações." BBB p125

Segue-se tanto do trabalho do 3º período de W quanto da psicologia contemporânea, que 'vontade', 'auto' e 'consciência' são elementos axiomáticos somente verdadeiros do sistema subcortical reptiliano Um (S1) composto por percepções, memórias e reflexos, e não há possibilidade (inteligibilidade) de demonstrar (de dar sentido) à sua falsidade. Como W deixou tão maravilhosamente claro, eles são a base para o julgamento e por isso não podem ser julgados. Os verdadeiros axiomas da nossa psicologia não são probatórios.

Filósofos raramente são claros sobre exatamente o que é que eles esperam contribuir para que outros estudantes de comportamento (ou seja, cientistas) não, por isso, notando w's acima observação sobre inveja científica, eu vou citar de P.M.S Hacker (o principal especialista em W por muitos anos) que dá um bom começo sobre ele e um contrablasto para o cientismo.

"Os epistemólogos tradicionais querem saber se o conhecimento é verdadeira crença e outra condição..., ou se o conhecimento nem implica crença ... O que precisa ser esclarecido se essas perguntas devem ser respondidas é a teia de nossos conceitos epistêmicos, as formas pelas quais os diversos conceitos se reúnem, as diversas formas de suas compatibilidades e incompatibilidades, seu ponto e propósito, suas pressupostos e diferentes formas de dependência de contexto. Para este exercício venerável em análise conjuntiva, conhecimento científico, psicologia, neurociência e ciência cognitiva autodenominada não pode contribuir com nada." (Passando pela virada naturalista: no beco sem saída de Quine- p15(2005))

As estruturas deonticas ou a "cola social" são as ações rápidas automáticas do S1 produzindo as lentas disposições do S2, que são inexoravelmente expandidas durante o

Vários comentários suportam repetição. Assim, reconhecer que S1 é apenas ascendentemente causal (mundo à mente) e incontente (sem representações ou informações) enquanto S2 tem conteúdo (ou seja, é representacional) e é descendentemente causal (mente para o mundo) (por exemplo, veja minha revisão de Hutto e Myin 'Radical O inativismo'), traduziria os parágrafos do MSW p39 de S começando "Em suma" e terminando no PG 40 com "condições de satisfação" da seguinte forma.

"Algumas das características lógicas mais importantes da intencionalidade estão além do alcance da fenomenologia porque não têm realidade fenomenológica imediata... Porque a criação de significado por insignificância não é conscientemente experimentada... ele não existe... Isso é... a ilusão fenomenológica. Searle PNC p115-117

57

etc.) que podem ser atoscadas, e que podem se tornar verdadeiras ou falsas ('eu sei o meu caminho de casa')-----ou., eles têm Condições de Satisfação (COS) e não são CSR (chamado transitivos no BBB).

"Como surge o problema filosófico sobre processos mentais e estados e sobre o comportamento? – O primeiro passo é aquele que escapa completamente do aviso. Falamos de processos e estados e deixamos sua natureza indecisa. Algum dia talvez saibamos mais sobre eles- pensamos. Mas isso é exatamente o que nos compromete a uma maneira particular de olhar para o assunto. Pois temos um conceito definitivo do que significa aprender a conhecer melhor um processo. (O movimento decisivo no truque de conjuração foi feito, e foi o mesmo que pensávamos bastante inocente). — E agora a analogia que nos fez entender que nossos pensamentos se desfazem. Então, temos que negar o processo ainda incompreendido no meio ainda inexplorado. E agora parece que tínhamos negado processos mentais. E, naturalmente, não queremos negá-los. W PI p308

"... a relação intencional básica entre a mente e o mundo tem a ver com condições de satisfação. E uma proposta é qualquer coisa que possa ficar em uma relação intencional com o mundo, e uma vez que essas relações intencionais sempre determinam condições de satisfação, e uma proposta é definida como qualquer coisa suficiente para determinar condições de satisfação, acontece que toda intencionalidade é uma questão de proposições. Searle PNCp193

"O Estado intencional representa suas condições de satisfação... as pessoas erroneamente supõem que cada representação mental deve ser conscientemente pensada... mas a noção de uma representação como estou usando é uma noção funcional e não ontológica. Qualquer coisa que tenha condições de satisfação, que possam ter sucesso ou falha de uma forma característica da intencionalidade, é, por definição, uma representação de suas condições de satisfação... podemos analisar a estrutura da intencionalidade dos fenômenos sociais analisando suas condições de satisfação." Searle MSW p28-32

Como Carruthers, Coliva, S e outros em algum momento afirmam (por exemplo, p66-67 MSW) que o S1 (ou seja, memórias, percepções, atos reflexos) tem uma estrutura proposicional (ou seja, verdadeira-falsa). Como eu notei acima, e muitas vezes nas minhas opiniões, parece cristalino que W está correto, e é básico para entender o comportamento, que apenas S2 é proposicional e S1 é axiomática e somente verdadeira. No entanto, uma vez que o que S e vários autores aqui chamam de fundo (S1) dá origem ao S2 e, por sua vez, é parcialmente controlado pelo S2, tem que haver um sentido em que o S1 é capaz de se tornar proposicional e eles e Searle notam que as atividades inconscientes ou conscientes, mas automatizadas do S1, devem ser capazes de se tornar as conscientes ou deliberativas do S2. Ambos têm COS e Direções de Fit (DOF) porque a intencionalidade genética e axiomática do S1 gera a de S2, mas se a S1 fosse proposicional no mesmo sentido significaria que o ceticismo é inteligível, o caos que era filosofia antes de W voltaria, e de fato, se for verdade, a vida não seria possível. Significaria que a verdade e a falsidade e os

fatos do mundo poderiam ser decididos sem consciência. Como W afirmou muitas vezes e mostrou tão brilhantemente em seu último livro "On Certainty", a vida deve ser baseada na certeza - reações rápidas inconscientes automatizadas. Organismos que sempre têm uma dúvida e pausa para refletir morrerão — nenhuma evolução, sem pessoas, sem filosofia.

Mais uma vez, vou repetir algumas noções cruciais. Outra ideia esclarecida pela S é o Desejo Independente Razões de Ação (DIRA). Eu traduziria o resumo da razão prática de S no p127 da MSW da seguinte forma: "Cedemos aos nossos desejos (necessidade de alterar a química cerebral), que normalmente incluem Desire -Independent Reasons for Action (DIRA-- ou seja, desejos deslocados no espaço e no tempo), que produzem disposições para comportamentos que geralmente resultam mais cedo ou mais tarde em movimentos musculares que servem à nossa aptidão inclusiva (aumento da sobrevivência para genes em nós mesmos e nos próximos)." E eu reafirmaria sua descrição no p129 de como realizamos dira2 como "A resolução do paradoxo é que o DIRA1 inconsciente servindo a aptidão inclusiva de longo prazo gera o DIRA2 consciente que muitas vezes anula os desejos pessoais imediatos de curto prazo." Os agentes criam conscientemente as razões proximate da DIRA2, mas estas são extensões muito restritas do DIRA1 inconsciente (a causa final). Obama e o Papa desejam ajudar os pobres porque é "certo", mas a causa final é uma mudança em sua química cerebral que aumentou a aptidão inclusiva de seus ancestrais distantes. A evolução por aptidão inclusiva programou as ações causais reflexivas inconscientes de S1 que muitas vezes dão origem ao pensamento consciente lento do S2, que produz razões para ações que muitas vezes resultam na ativação dos músculos do corpo e/ou da fala por S1 causando ações. O mecanismo geral é através tanto da neurotransmissão quanto por mudanças em neuromoduladores em áreas alvo do cérebro. A ilusão cognitiva global (chamada por S 'A Ilusão Fenomenológica', por Pinker 'The Blank Slate' e por Tooby e Cosmides 'The Standard Social Science Model') é que s2 gerou a ação conscientemente por razões das quais estamos plenamente conscientes e no controle, mas qualquer pessoa familiarizada com a biologia moderna e psicologia pode ver que essa visão não é crível.

Uma frase expressa um pensamento (tem um significado), quando tem COS claro, ou seja, condições de verdade pública. Daí o comentário de W: " Quando penso na linguagem, não há 'significados' passando pela minha mente além das expressões verbais: a linguagem é em si o veículo do pensamento." E, se eu pensar com ou sem palavras, o pensamento é o que eu (honestamente) digo que é, pois não há outro critério possível (COS). Assim, os adoráveis aforismos de W (p132 A Filosofia da Psicologia de Budd-Wittgenstein) "É na linguagem que desejo e realização se encontram" e "Como tudo metafísico, a harmonia entre o pensamento e a realidade deve ser encontrada na gramática da língua". E pode-se notar aqui que a "gramática" em W geralmente pode ser traduzida como Psicologia Evolutiva (PE) e que, apesar de seus avisos frequentes contra teorizar e generalizar, trata-se de uma caracterização ampla da psicologia descritiva de maior ordem (filosofia) como

se pode encontrar — além até mesmo das "teorias" de Searle (que muitas vezes critica W por sua famosa postura anti-teórica).

"Cada sinal é capaz de interpretação, mas o significado não deve ser capaz de interpretação. É a última interpretação" W BBB p34

"Filosofia de Searle e Filosofia Chinesa" (SPCP) (2008) é um livro soberbo e único, mas tão totalmente ignorado que minha revisão de 2015 foi na época a única! Deve ser óbvio que questões filosóficas são sempre sobre erros na linguagem usadas para descrever nossa psicologia inata universal e não há sentido útil em que possa haver uma visão chinesa, francesa, cristã, feminista etc. sobre eles. Tais visões podem existir da filosofia no sentido amplo, mas não é disso que se trata a filosofia da mente (ou para W, S ou eu do que qualquer filosofia interessante e substantiva) é sobre. Pode ser preciso um livro inteiro para discutir isso e S faz um excelente trabalho, então vou comentar aqui que regar p35 no SPCP, as proposições são S2 e não estados mentais, que são S1 como W deixou bem claro há mais de 3/4 de um século atrás, e que tanto Quine quanto Davidson estavam igualmente confusos sobre as questões básicas envolvidas (tanto Searle quanto Hacker fizeram excelentes demolições de Quine). Como muitas vezes, a discussão de S é marcada por sua falha em levar sua compreensão do "passado" de W à sua conclusão lógica e assim ele sugere (como ele tem frequentemente) que ele pode ter que desistir do conceito de livre arbítrio — uma noção que eu acho (com W) incoerente. Quais são os COS (o evento de verdade, o teste ou prova) que poderia mostrar a verdade versus a falsidade de não termos a escolha de levantar o braço?

Da mesma forma (p62) ninguém pode dar argumentos para o fundo (ou seja, nosso EP axiomático)), já que a capacidade de conversar pressupõe isso (como W observou com frequência). Também é verdade que a "redução" junto com o "monism", "realidade", etc. são jogos de linguagem complexos e eles não carregam significado junto em pequenas mochilas! Deve-se dissecar o uso one em detalhes para ficar claro e, em seguida, ver como outro uso (contexto) difere.

Filósofos (e futuros filósofos) criam problemas imaginários tentando responder a perguntas que não têm sentido claro. Esta situação é bem analisada por Finkelstein em 'Holism and Animal Minds' e altão admiravelmente resumida por Read em 'O Difícil Problema da Consciência' citado acima.

"Cultura e Valor" de Wittgenstein (publicado em 1980, mas escrito décadas antes), embora talvez seja seu livro menos interessante, tem muito que é pertinente a essa discussão, e, claro, para grande parte da vida intelectual moderna.

"Não há denominação religiosa na qual o uso indevido de expressões metafísicas tem sido responsável por tanto pecado como tem sido em matemática."

"As pessoas dizem repetidamente que a filosofia não realmente progride, que ainda estamos ocupados com os mesmos problemas filosóficos que eram os gregos. Mas as pessoas que dizem isso não entendem por que tem que ser assim. É porque nossa linguagem permaneceu a mesma e continua nos seduzindo a fazer as mesmas perguntas. Enquanto continuar a haver um verbo 'aser' que parece funcionar da mesma forma que "comer" e beber, desde que ainda tenhamos os adjetivos, "verdadeiro", "falso", "possível", desde que continuemos a falar de um rio do tempo. , de uma extensão do espaço, etc., etc., as pessoas continuarão tropeçando nas mesmas dificuldades intrigantes e se encontrarão olhando para algo que nenhuma explicação parece capaz de clarear. E além disso, isso satisfaz um anseio pelo transcendente, porque, na medida em que as pessoas pensam que podem ver "os limites da compreensão humana", acreditam, é claro, que podem ver além disso."

Da mesma forma, vamos tentar destilar a essência de dois dos trabalhos recentes de Searle.

"Pode haver razões para a ação que são vinculantes a um agente racional apenas em virtude da natureza do fato relatado na declaração da razão, e independentemente dos desejos, valores, atitudes e avaliações do agente? ... O verdadeiro paradoxo da discussão tradicional é que ele tenta colocar a guilhotina de Hume, o fato rígido - distinção de valor, em um vocabulário, o uso do qual já pressupõe a falsidade da distinção." Searle PNC p165-171

"... todas as funções de status e, portanto, toda a realidade institucional, com exceção da linguagem, são criadas por atos de fala que têm a forma lógica de Declarações... as formas da função de status em questão são quase invariavelmente questões de poderes desonóticos... reconhecer algo como direito, dever, obrigação, exigência e assim por diante é reconhecer uma razão de ação... essas estruturas desonéticas tornam possíveis razões independentes do desejo para a ação... O ponto geral é muito claro: a criação do campo geral de razões baseadas no desejo para a ação pressuposto a aceitação de um sistema de razões independentes de desejo para a ação." Searle PNC p34-49

Ou seja, o funcionamento do nosso Sistema 2 linguístico pressupõe o do nosso Sistema 1 pré-linguístico. Também não é possível que aceitemos ou rejeitemos *dira1*, em vez de fazer partedo S1 eles são inatas e rejeitar qualquer um dos S1 é incoerente.

"Algumas das características lógicas mais importantes da intencionalidade estão além do alcance da fenomenologia porque não têm realidade fenomenológica imediata... Porque a criação de significado por insignificância não é conscientemente experimentada... ele não existe... Isso é... a ilusão fenomenológica. Searle PNC p115-117

Ou seja, nosso funcionamento mental geralmente está tão preocupado com o sistema 2 a ponto de ser alheio ao sistema 1.

"... a relação intencional básica entre a mente e o mundo tem a ver com condições de satisfação. E uma proposta é qualquer coisa que possa ficar em uma relação intencional com o mundo, e uma vez que essas relações intencionais sempre determinam condições de satisfação, e uma proposta é definida como qualquer coisa suficiente para determinar condições de satisfação, acontece que toda intencionalidade é uma questão de proposições. Searle PNCp193

"Então, funções de status são a cola que mantém a sociedade unida. Eles são criados pela intencionalidade coletiva e funcionam carregando poderes desonóticos... Com a importante exceção da própria linguagem, toda a realidade institucional e, portanto, de certa forma, toda a civilização humana é criada por atos de fala que têm a forma lógica de Declarações... toda a realidade institucional humana é criada e mantida na existência por (representações que têm a mesma forma lógica que) Declarações de Função de Status, incluindo os casos que não são atos de fala na forma explícita de Declarações."

Searle MSW p11-13

"Crenças, como declarações, têm a mente para baixo ou mente (ou palavra) – para - direção mundial de ajuste. E desejos e intenções, como ordens e promessas, têm a direção ascendente ou mundial (ou palavra) de ajuste. Crenças ou percepções, como declarações, devem representar como as coisas estão no mundo, e nessesentido, elas devem se encaixar no mundo; eles têm a direção da mente-mundo de ajuste. Os estados conativos-volitantes, como desejos, intenções e intenções de ação anteriores, como ordens e promessas, têm a direção mundial-mente de ajuste. Eles não devem representar como as coisas são, mas como gostaríamos que elas fossem ou como pretendemos fazê-las ser... Além dessas duas faculdades, há uma terceira, imaginação, na qual o conteúdo proposicional não deve se encaixar na realidade da maneira que o conteúdo proposicional de cognição e volição deve se encaixar... o compromisso mundial está abandonado e temos um conteúdo proposicional sem qualquer compromisso que represente com qualquer direção de ajuste." Searle MSW p15

"O Estado intencional representa suas condições de satisfação... as pessoas erroneamente supõem que cada representação mental deve ser conscientemente pensada... mas a noção de uma representação como estou usando é uma noção funcional e não ontológica. Qualquer coisa que tenha condições de satisfação, que possam ter sucesso ou falha de uma forma característica da intencionalidade, é, por definição, uma representação de suas condições de satisfação... podemos analisar a estrutura da intencionalidade dos fenômenos sociais analisando suas condições de satisfação." Searle MSW p28-32

"Mas não há analógico pré-linguístico para as Declarações. Estados intencionais pré-linguísticos não podem criar fatos no mundo representando esses fatos como já existentes. Este feito notável requer uma linguagem" MSW p69

"... uma vez que você tem linguagem, é inevitável que você terá deontologia porque não

há nenhuma maneira que você pode fazer atos de fala explícito satisfeito de acordo com as convenções de uma língua sem criar compromissos. Isso é verdade não apenas para declarações, mas para todos os atos de discurso" MSW p82

Uma noção crítica introduzida pelo S há muitos anos é as Condições de Satisfação (COS) em nossos pensamentos (proposições de S2) que W chamou de inclinações ou disposições para agir - ainda chamada pelo termo inapropriado "atitudes proposicionais" por muitos. A COS é explicada pela S em muitos lugares, como no p169 do PNC: "Assim, dizer algo e significando que envolve duas condições de satisfação. Em primeiro lugar, a condição de satisfação de que a expressão será produzida, e segundo, que a própria expressão terá condições de satisfação." Como s afirma no PNC: "Uma proposta é qualquer coisa que possa determinar uma condição de satisfação... e uma condição de satisfação... é que tal e tal é o caso. Ou, é preciso acrescentar, isso pode ser ou pode ter sido ou pode ser imaginado ser o caso, como ele deixa claro na MSW. Em relação às intenções, "Para ser satisfeito, a intenção em si deve funcionar de forma cáusticamente na produção da ação". (MSWp34).

"Orador significando... é a imposição de condições de satisfação em condições de satisfação. A capacidade de fazer isso é um elemento crucial das capacidades cognitivas humanas. Requer a capacidade de pensar em dois níveis ao mesmo tempo, de uma forma essencial para o uso da linguagem. Em um nível, o orador intencionalmente produz uma declaração física, mas em outro nível a expressão representa algo. E a mesma dualidade infecta o símbolo em si. Em um nível, é um objeto físico como qualquer outro. Em outro nível, tem um significado: representa um tipo de estado de coisas" MSW p74

Uma forma de em relação a isso é que o sistema automático inconsciente 1 ativa a maior personalidade consciente cortical do Sistema 2, trazendo contrações musculares da garganta que informam outras que vê o mundo de certas maneiras, que o comprometem com possíveis ações. Um enorme avanço sobre interações pré-linguísticas ou proto-interações linguísticas nas quais movimentos musculares brutos foram capazes de transmitir informações muito limitadas sobre intenções.

A maioria das pessoas se beneficiará muito da leitura de "On Certainty" ou "RPP1 e 2" ou dois livros do DMS sobre OC (veja minhas opiniões) à medida que deixam clara a diferença entre frases somente de verdade descrevendo S1 e propostas verdadeiras ou falsas descrevendo S2. Isso me parece uma abordagem muito superior à percepção s1 de Searle como proposicional (pelo menos em alguns lugares de seu trabalho), já que eles só podem se tornar T ou F (aspectual como S os chama em MSW) depois que um começa a pensar neles em S2.

Searle frequentemente descreve a necessidade crítica de notar os vários níveis de descrição de um evento para intenção em ação (IA) "Temos diferentes níveis de descrição onde um nível é constituído pelo comportamento no nível inferior... além do constitutivo por meio de relação, também temos o causal por meio de relação." (p37 MSW).

"A prova crucial de que precisamos de uma distinção entre intenções anteriores e intenções em ação é que as condições de satisfação nos dois casos são surpreendentemente diferentes." (p35 MSW). O COS de PI precisa de toda uma ação, enquanto os da Corregedoria apenas uma parcial. Ele deixa claro (por exemplo, p34) que as intenções anteriores (PI) são estados mentais (ou seja, inconsciente S1) enquanto resultam em intenções em ação (IA) que são atos conscientes (ou seja, S2), mas ambos são causaticamente auto-reflexivos (RSE). O argumento crítico de que ambos são RSE é que (ao contrário das crenças e desejos) é essencial que eles descubram em trazer seu COS. Essas descrições de cognição e volição são resumidas na Tabela 2.1 (p38 MSW), que Searle tem usado por muitos anos e é a base para o muito estendido que apresento aqui e em meus muitos artigos. Na minha opinião, ajuda enormemente relacionar isso com pesquisas psicológicas modernas usando minha descrição S1, S2 e a descrição verdadeira versus proposicional (disposição) de W. Assim, a RSE faz referência à percepção, memória e intenção somente true-s1, enquanto s2 refere-se a disposições como crença e desejo.

Segue-se de forma muito simples e inexorável, tanto do trabalho do 3º período de W quanto das observações da psicologia contemporânea, que "vontade", "auto" e "consciência" são elementos axiomáticos do Sistema 1, assim como ver, ouvir, etc., e não há possibilidade (inteligibilidade) de demonstrar (de dar sentido) à sua falsidade. Como W deixou tão maravilhosamente claro inúmeras vezes, eles são a base para o julgamento e por isso não podem ser julgados. Os verdadeiros axiomas de nossa psicologia não são probatórios.

É fundamental entender a noção de "função" que é relevante aqui. "Uma função é uma causa que serve a um propósito... Nesse sentido, as funções são relativas à intencionalidade e, portanto, dependentes da mente... funções de status... Exigem... imposição coletiva e reconhecimento de um status"(p59 MSW).

Sugiro, a tradução de "A intencionalidade da linguagem é criada pela intrínseca, ou intencionalidade independente dos seres humanos" (p66 MSW) como "A disposição linguística e consciente de S2 é gerada pelas funções reflexivas axiomáticas inconscientes de S1". Ou seja, é preciso ter em mente que o comportamento é programado pela biologia.

Mais uma vez, Searle afirma (por exemplo, p66-67 MSW) que O S1 (ou seja, memórias, percepções, atos reflexos) tem uma estrutura proposicional (ou seja, verdadeira-falsa). Como eu tenho observado acima, e muitas vezes em outras revisões, parece cristalino que W está correto, e é básico para entender o comportamento, que apenas S2 é proposicional e S1 é axiomática e somente verdadeira. Ambos têm COS e Direções de Fit (DOF) porque a intencionalidade genética, axiomática de S1 gera a de S2, mas se s1 fosse proposicional no mesmo sentido significaria que o ceticismo é inteligível, o caos que era filosofia antes w voltaria, e na verdade, se for verdade, a vida não seria possível. Como W mostrou inúmeras

vezes e a biologia mostra tão claramente, a vida deve ser baseada na certeza — reações rápidas inconscientes automatizadas. Organismos que sempre têm uma dúvida e pausa para refletir não morrerão, sem pessoas, sem filosofia.

A linguagem e a escrita são especiais porque o curto comprimento de onda de vibrações dos músculos vocais permite transferência de informações de banda muito maior do que contrações de outros músculos e issoé, em média, várias ordens de magnitude maior para informações visuais.

S1 e S2 são partes críticas do EP humano e são os resultados, respectivamente de bilhões e centenas de milhões de anos de seleção natural por aptidão inclusiva. Facilitaram a sobrevivência e a reprodução no EEE (Ambiente de Adaptação Evolutiva). Tudo sobre nós fundo físico e mentalmente na genética. Toda a conversa vaga no MSW de S (por exemplo, p114) sobre "convenções extralinguísticas" e "semântica semântica extra" está de fato se referindo ao Pe e especialmente aos automatismos inconscientes de S1 que são a base para todo o comportamento. Como W disse muitas vezes, o mais familiar é por essa razão invisível.

Aqui novamente está o meu resumo (seguindo S in MSW) de como a razão prática opera: Nós cedemos aos nossos desejos (necessidade de alterar a química cerebral), que normalmente incluem Desire -Independent Reasons for Action (DIRA- ou seja, desejos deslocados no espaço e no tempo, muitas vezes para altruísmo recíproco--RA), que produz disposições para comportamentos que comumente resultam mais cedo ou mais tarde em movimentos musculares que servem ao nosso condicionamento físico inclusivo- IF (aumento da sobrevivência para genes em nós mesmos e aqueles intimamente relacionados).

Eu acho que se adequadamente definido, dira são universais em animais mais altos e não em tudo único para os seres humanos (pense mãe galinha defendendo sua ninhada de uma raposa) se incluirmos os reflexos pré-linguísticos automatizados de S1 (ou seja, DIRA1), mas certamente a maior ordem DIRA de S2 (DIRA2) que requerem linguagem são exclusivamente humanos. O paradoxo de como podemos realizar voluntariamente dira2 (ou seja, os atos S2 e suas extensões culturais que são independentes) é que o DIRA1 inconsciente, servindo a aptidão inclusiva a longo prazo, gere o DIRA2 consciente que muitas vezes anula o curto prazo desejos imediatos pessoais. Os agentes de fato criam conscientemente as razões proximate da DIRA2, mas estas são extensões muito restritas de DIRA1 inconsciente ou meramente automatizada (a causa final).

Seguindo W, é bastante claro que a escolha faz parte de nossas ações reflexivas s1 s1 verdadeiras e não pode ser questionada sem contradição, pois s1 é a base para o questionamento. Você não pode duvidar que está lendo esta página, pois sua consciência sobre ela é a base para duvidar.

Inevitavelmente, as famosas demonstrações de W sobre a inutilidade da introspecção e a impossibilidade de uma linguagem verdadeiramente privada aparecem repetidamente ("... introspecção nunca pode levar a uma definição..." p8). O básico deste argumento é extremamente simples — nenhum teste, nenhuma linguagem e um teste só podem ser públicos. Se eu crescer sozinho em uma ilha deserta sem livros e um dia decidir chamar as coisas redondas nas árvores de "coco" e no dia seguinte eu vejo um e digo "coco" parece que comecei em uma língua. Mas suponha que o que eu digo (já que não há pessoa ou dicionário para me corrigir) é 'coca' ou mesmo 'maçã' e no dia seguinte outra coisa? A memória é notoriamente falível e temos grandes problemas para manter as coisas retas mesmo com a correção constante dos outros e com a entrada incessante da mídia. Isso pode parecer um ponto trivial, mas é central para toda a questão do Interior e do Exterior — ou seja, nossas verdadeiras declarações intotestáveis de nossa experiência versus as verdadeiras ou falsas declarações testáveis sobre tudo no mundo, incluindo nosso próprio comportamento. Embora W tenha explicado isso com muitos exemplos começando há mais de 3/4 de um século atrás, raramente foi entendido e é impossível ir muito longe com qualquer discussão de comportamento a menos que se faça. Como W, S, Hutto, Budd, Hacker, DMS, Johnston e outros explicaram, qualquer um que pense que W tem uma afinidade com Skinner, Quine, Dennett, Funcionalismo, ou quaisquer outras excreções comportamentais que negam nossa vida interior, precisa voltar ao início.

A Filosofia da Psicologia de Budd (1991) é um dos melhores trabalhos para obter insights, então eu discuto isso em detalhes (veja minha revisão para mais).

No p21 ele começa a discutir disposições (ou seja, habilidades S2 como pensar, saber, acreditar) que parecem se referir a estados mentais (ou seja, a automatismos S1), outra grande confusão que W foi o primeiro a definir em linha reta. Assim, na "leitura" p28 deve ser entendida como outra habilidade de disposição que não é um estado mental e não tem duração definida como pensar, entender, acreditar etc.

Poucos avisos (Budd p29-32, Stern, Johnston e Moyal-Sharrock são exceções) de que W prescientemente (décadas antes do caos e da ciência da complexidade surgirem) sugeriu que alguns fenômenos mentais podem ter origem em processos caóticos no cérebro que, por exemplo, não há nada correspondente a um traço de memória. Ele também sugeriu várias vezes que a cadeia causal tem um fim, e isso pode significar tanto que não é possível (independentemente do estado da ciência) rastreá-la mais ou que o conceito de 'causa' deixe de ser aplicável além de um certo ponto (p34). Posteriormente, muitos fizeram sugestões semelhantes sem qualquer ideia de que W as antecipou por décadas (na verdade, mais de um século agora em alguns casos). No p32, as "condições contrafactuais" referem-se novamente a disposições como "pode pensar que está chovendo" que são possíveis estados de coisas (ou ações potenciais — as condições de satisfação de Searle) que podem surgir no caos. Pode ser útil ligar isso às 3 lacunas de intencionalidade de Searle, que ele acha criticamente necessárias.

Budd observa o famoso comentário de W sobre p33 - "O erro é dizer que há algo que significa algo consiste." Embora W esteja correto de que não há um estado mental que constitua significado, S observa (como citado acima) que há uma maneira geral de caracterizar o ato de significado - "Significado orador... é a imposição de condições de satisfação sobre condições de satisfação" que é um ato e não um estado mental. Como Budd observa no p35 isso pode ser visto como outra declaração de seu argumento contra a linguagem privada (interpretações pessoais versus as publicamente testáveis). Da mesma forma, com a seguinte regra e interpretação no p36 -41 - eles só podem ser atos publicamente verificados — sem regras privadas ou interpretações privadas. E é preciso notar que muitos (mais famosos Kripke) sentem falta do barco aqui, sendo enganado si dos frequentes encaminhamentos de W à prática comunitária para pensar que é apenas uma prática pública arbitrária que está por trás da linguagem e convenções sociais. W deixa claro muitas vezes que tais convenções só são possíveis dada uma psicologia compartilhada inata que ele frequentemente chama de fundo. Budd rejeita corretamente essa má interpretação várias vezes (por exemplo, p58).

No próximo capítulo de Budd, ele lida com sensações que nos meus termos (e na psicologia moderna) é S1 e em termos W o verdadeiro apenas indutor e intesável fundo. Seu comentário (p47) ..." que nossas crenças sobre nossas sensações atuais repousam sobre uma base absolutamente segura- o 'mito do dado' é um dos principais objetos do ataque de Wittgenstein..." pode ser facilmente mal compreendido. Em primeiro lugar, ele comete o erro universal de chamar essas "crenças", mas é melhor reservar essa palavra para disposições verdadeiras ou falsas S2. Como W deixou bem claro, as sensações, memórias e atos reflexivos de S1 são axiomáticas e não estão sujeitas à crença no sentido usual, mas são mais bem chamadas de entendimentos (meu U1). Ao contrário de nossas crenças S2 (incluindo aquelas sobre as experiências S1 de outras pessoas), não há mecanismo de dúvida. Budd explica isso bem, como no p52 onde ele observa que não há justificativa possível para dizer que se está com dor. Ou seja, justificar significa testar e isso é possível com o pensamento consciente lento do Descarte S2, não o processamento inconsciente rápido reflexivo S1. Sua discussão sobre isso no p52-56 é excelente, mas na minha opinião, como todos que discutem W sobre regras, linguagem privada e interior, tudo o que ele precisa fazer é dizer que em S1 não há teste possível e este é o significado do famoso W's o 'processo interno' está precisando de critérios externos". Ou seja, introspecção é vazia.

A nota de rodapé de Budd 21 confunde as experiências causais somente verdadeiras do S1 e as disposições fundamentadas do S2.

O ponto das próximas páginas sobre nomes para "objetos internos" (dores, crenças, pensamentos etc.) é novamente que eles têm seu uso (significado) e é a designação de disposições para agir, ou nos termos de Searle, a especificação de Condições de Satisfação, que tornar a expressão verdadeira.

Mais uma vez, a discussão de Budd sobre "Sensações e Causalidade" está errada ao afirmar

que "auto-atribuir" ou "acreditamos" em nossas sensações ou "tomar uma posição" (Dennett) que temos uma dor ou ver um cavalo, mas sim não temos escolha — S1 é apenas true-only e um erro é uma ocorrência rara e bizarra e de um tipo totalmente diferente de um erro em S2. E S1 é causal em oposição a S2, que diz respeito a razões, e é por isso que ver o cavalo ou sentir a dor ou pular do caminho de um carro em alta velocidade não está sujeito a julgamentos ou erros. Mas ele acerta novamente — "Assim, a infalibilidade das auto-acrições não inferentes da dor é compatível com a tese de que uma verdadeira auto-acrisão da dor deve ser causada por um evento físico no corpo do sujeito, que é idêntico à dor que ele experimenta (p67)." Não aceito sua seguinte declaração de que W não aceitaria isso com base em um ou dois comentários em todo o seu corpus, uma vez que em seu trabalho posterior (notavelmente OC) ele passa centenas de páginas descrevendo a natureza causal automatizada do S1 e como ele se alimenta (causas) S2 que então se alimenta de volta a S1 para causar movimentos musculares (incluindo a fala). Os animais sobrevivem apenas porque sua vida é totalmente dirigida pelos fenômenos ao seu redor que são altamente previsíveis (cães podem saltar, mas nunca voam).

O próximo capítulo de 'Seeing Aspects' (vendo aspectos) descreve os extensos comentários de W sobre como o S1 e o S2 interagem e onde nossa linguagem é ambígua no que podemos significar com "ver". Em geral, é claro que "ver como" ou visão aspectual faz parte das ações cerebrais S2 lentas, enquanto apenas ver são os verdadeiros automatismos S1, mas eles são tão bem integrados que muitas vezes é possível descrever uma situação de várias maneiras que explica o comentário de W sobre p97. Ele observa que W está exclusivamente interessado no que tenho em outros lugares chamado de "Seeing2" ou 'Concepts2' — ou seja, processamento de pedidos superiores aspectual ou S2 de imagens.

Aqui, como ao longo deste livro e, de fato, em qualquer discussão sobre W ou de comportamento, é de grande valor se referir a 'Wittgenstein: Rethinking the Inner' (1993) de Johnston e especialmente às suas discussões sobre a natureza indeterminada da linguagem.

No capítulo 5 de Budd, lidamos novamente com uma grande preocupação do trabalho posterior de W — as relações entre S1 e S2. Como notei nas minhas outras revisões, poucos entenderam completamente o W posterior e, sem o quadro S1, S2 não é surpreendente. Assim, a discussão de Budd sobre ver (S1 automático) vs visualização (S2 consciente que está sujeita à vontade) é severamente dificultada. Assim, pode-se entender por que não se pode imaginar um objeto enquanto o vê como a dominação de S2 por S1 (p110). E no p115 é a questão familiar de não haver teste para minhas experiências interiores, então o que quer que eu diga vem à mente quando imagino que o rosto de Jack conta como a imagem de Jack. Da mesma forma, com leitura e cálculo que podem se referir a S1, S2 ou uma combinação e há a tentação constante de aplicar termos S2 aos processos S1 onde essa falta de qualquer teste os torna inaplicáveis. Veja a 'Neurofilosofia' de Bennet e Hacker, DMS, etc. para discussões. No p120 et seq. Budd menciona dois dos famosos exemplos de W usados para combater essa tentação — jogar tênis sem uma bola ('Tênis

S1'), e uma tribo que tinha apenas cálculo S2 tão "calculando em tele cabeça ('S1 calculista') não foi possível. 'Jogar' e 'calcular' descrevem atos reais ou potenciais — ou seja, são palavras de disposição, mas com usos reflexivos plausíveis de S1, então como eu disse antes, deve-se mantê-los em linha reta escrevendo 'playing1' e 'playing2' etc. Mas não somos ensinados a fazer isso e por isso queremos descartar o "cálculo1" como uma fantasia, ou achamos que podemos deixar sua natureza indecisa até mais tarde. Daí o famoso comentário de W (p120) — "O movimento decisivo no truque de conjuração foi feito, e foi o mesmo que pensávamos bastante inocente".

O capítulo 6 explica outro tópico frequente de W's — que quando falamos, o discurso em si é nosso pensamento e não há algum outro processo mental anterior e isso pode ser visto como outra versão do argumento da língua privada - não existem coisas como "critérios internos" o que nos permite dizer o que pensamos antes de agir (fale).

O ponto dos comentários de W (p125) sobre outras formas imagináveis de usar o verbo 'pretender' é que eles não seriam os mesmos que nossa "intenção" — ou seja, o nome de um evento potencial (PE) e, na verdade, não está claro o que isso significaria. "Pretendo comer" tem o COS de comer, mas se isso significasse (COS está) comendo, então não descreveria uma intenção, mas uma ação e se isso significasse dizer as palavras (COS é discurso) então não teria mais COS e como poderia funcionar em ambos os casos?

À pergunta sobre p127 sobre quando uma frase expressa um pensamento (tem um significado), podemos dizer "Quando ele tem COS claro" e isso significa ter condições de verdade pública. Daí a citação from W: "Quando penso na linguagem, não há 'significados' passando pela minha mente além das expressões verbais: a linguagem é em si o veículo do pensamento." E, se eu pensar com ou sem palavras, o pensamento é o que eu (honestamente) digo que é, pois não há outro critério possível (COS). Assim, os adoráveis aforismos de W (p132) "É na linguagem que desejo e realização se encontram" e "Como tudo metafísico, a harmonia entre o pensamento e a realidade deve ser encontrada na gramática da língua".

E pode-se notar aqui que a "gramática" em W geralmente pode ser traduzida como 'EP' e que, apesar de seus avisos frequentes contra teorizar e generalizar, trata-se de uma caracterização tão ampla da filosofia e psicologia descritiva de ordem superior como se pode encontrar. Mais uma vez, isso anula as frequentes críticas de Searle a W como anti-teóricas — tudo depende da natureza da generalização.

Ajuda muito nesta seção de Budd sobre a harmonia do pensamento com a realidade (ou seja, de como disposições como esperar, pensar, imaginar trabalho - o que significa pronunciá-los) para eestadual-los em termos de COS de S que são o PE (possíveis eventos) que as tornam verdadeiras. Se eu disser que espero que Jack venha, então o COS (PE) o que torna verdade é que Jack chega e meus estados mentais ou comportamento físico (andando pela sala, imaginando Jack) são irrelevantes. A harmonia do pensamento e da

realidade é que Jack chega independentemente do meu comportamento prévio ou subsequente ou de quaisquer estados mentais que eu possa ter e Budd fica confuso ou pelo menos confuso quando ele afirma (fundo p132) que deve haver uma descrição interna de um estado mental que possa concordar com a realidade e que este é o conteúdo de um pensamento, pois esses termos devem ser restritos apenas aos automatismos de S1 e nunca usados para as funções conscientes de S2. O conteúdo (significado) do pensamento de que Jack virá é o evento externo (público) que ele vem e não qualquer evento mental ou estado interior, que o argumento da linguagem privada mostra é impossível de se conectar aos eventos externos. Temos uma verificação muito clara para o evento externo, mas nenhuma para "eventos internos". E como W e S demonstraram lindamente muitas vezes, o ato de discurso de pronunciar a frase "Espero que Jack venha" apenas é o pensamento (frase) de que Jack virá e o COS é o mesmo — que Jack vem. E assim, a resposta às duas perguntas sobre p133 e a importação do comentário de W no p 135 deve agora ser cristalina — "Em virtude do que é verdade que minha expectativa tem esse conteúdo?" e "O que se tornou agora do espaço oco e do sólido correspondente?" bem como "... a interpolação de uma sombra entre a sentença e a realidade perde todo o ponto. Por enquanto, a sentença em si pode servir como tal sombra. E assim, também deve ser bastante claro o que Budd está se referindo ao que torna "possível que haja a harmonia necessária (ou falta de harmonia) com a realidade".

Da mesma forma, com a pergunta na próxima seção... o que torna verdade que minha imagem de Jack é uma imagem dele? Imaginar é outra disposição e o COS é que a imagem que tenho na minha cabeça é Jack e é por isso que vou dizer "SIM" se mostrar sua foto e 'NÃO' se mostrado outra pessoa. O teste aqui não é que a foto corresponda à imagem vaga que eu tinha, mas que eu pretendia (tinha o COS que) para ser uma imagem dele. Daí a famosa citação de W: "Se Deus tivesse olhado para nossas mentes ele não teria sido capaz de ver lá de quem estávamos falando (PI p217)" e seus comentários de que todo o problema da representação está contido em "isso é Ele" e "... o que dá à imagem sua interpretação é o caminho em que ela está. Daí a soma de W (p140) que "O que sempre se trata no final é que, sem qualquer significado adicional, ele chama o que aconteceu o desejo de que isso deveria acontecer" ... a questão se eu sei o que desejo antes do meu desejo ser cumprido não pode surgir. E o fato de algum evento parar de desejar não significa que ele o cumpra. Talvez eu não devesse ter ficado satisfeito se meu desejo tivesse sido satisfeito" ... Suponha que foi perguntado: "Eu sei por que anseio antes de obtê-lo? Se eu aprendi a falar, então eu sei. Palavras de disposição referem-se a PE's que eu aceito como cumprimento dos COS e meus estados mentais, emoções, mudança de interesse etc. não têm qualquer influência sobre a forma como as disposições funcionam.

Como Budd nota com razão, estou esperando, desejando, esperando, pensando, pretendendo, desejando etc. dependendo do estado que eu me levo para estar... no COS que expresso. Pensando e pretendendo são disposições S2 que só podem ser expressas por contrações musculares reflexivas S1, especialmente as da fala.

W nunca dedicou tanto tempo às emoções como ele fez às disposições para que haja menos substância para o capítulo 7. Ele observa que normalmente o objeto e a causa são os mesmos — ou seja, eles são causalmente auto-referenciais (ou causalmente auto-reflexivos como Searle agora prefere)— um conceito ainda mais desenvolvido por S. Se olharmos para a minha mesa, é claro que as emoções têm muito mais em comum com os automatismos rápidos e somente verdadeiros do S1 do que com o pensamento lento, verdadeiro ou falso de S2, mas é claro que o S1 alimenta S2 e, por sua vez, os automatismos S1 são muitas vezes modificados por "pensamentos" S2 e S2 podem se tornar automatizados (S2A).

O resumo de Budd é um final adequado para o livro (p165). "O repúdio ao modelo de 'objeto e designação' para palavras psicológicas cotidianas — a negação de que a imagem do processo interno forneça uma representação correta da gramática de tais palavras, não é a única razão para a hostilidade de Wittgenstein ao uso de introspecção na filosofia da psicologia. Mas é sua base final.

Agora vamos tomar outra dose de Searle.

"Mas você não pode explicar um sistema físico como uma máquina de escrever ou um cérebro identificando um padrão que ele compartilha com sua simulação computacional, porque a existência do padrão não explica como o sistema realmente funciona como um sistema físico. ... Em suma, o fato de que a atribuição da sintaxe não identifica mais poderes causais é fatal para a alegação de que os programas fornecem explicações causais de cognição ... Há apenas um mecanismo físico, o cérebro, com seus vários níveis causais físicos e físicos/mentais reais de descrição." Filosofia Searle em um Novo Século (PNC) p101-103

"Em suma, a sensação de 'processamento de informações' que é usada na ciência cognitiva é um nível muito alto de abstração para capturar a realidade biológica concreta da intencionalidade intrínseca... Estamos cegos a essa diferença pelo fato de que a mesma frase "Vejo um carro vindo em minha direção", pode ser usada para registrar tanto a intencionalidade visual quanto a saída do modelo computacional de visão... no sentido de 'informação' usada na ciência cognitiva, é simplesmente falso dizer que o cérebro é um dispositivo de processamento de informações." Searle PNC p104-105

"O Estado intencional representa suas condições de satisfação... as pessoas erroneamente supõem que cada representação mental deve ser conscientemente pensada... mas a noção de uma representação como estou usando é uma noção funcional e não ontológica. Qualquer coisa que tenha condições de satisfação, que possam ter sucesso ou falha de uma forma característica da intencionalidade, é, por definição, uma representação de suas condições de satisfação... podemos analisar a estrutura da intencionalidade dos fenômenos sociais analisando suas condições de satisfação." Searle MSW p28-32

E outra foto de Wittgenstein.

"A filosofia simplesmente coloca tudo diante de nós e nem explica nem deduz nada... Pode-se dar o nome

'filosofia' para o que é possível antes de todas as novas descobertas e invenções." PI 126

"Quanto mais estritamente examinamos a linguagem real, mais nítida se torna o conflito entre ela e nossa exigência. (Pois a pureza cristalina da lógica não foi, naturalmente, resultado da investigação: era um requisito.)" PI 107

"Aqui nos deparamos com um fenômeno notável e característico na investigação filosófica: a dificuldade---Posso dizer--- não é a de encontrar a solução, mas sim a de reconhecer como algo tão lúgubre que parece ser apenas preliminar para ela. Já dissemos tudo. --- Nada que se siga disso, não é essa a solução! Isso está conectado, acredito, com a nossa injustamente esperando uma explicação, enquanto a solução da dificuldade é uma descrição, se lhe dermos o lugar certo em nossas considerações. Se pensarmos sobre ele, e não tentar ir além dele. Zettel p312-314

Um tema importante em toda a discussão sobre o comportamento humano é a necessidade de separar os automatismos geneticamente programados dos efeitos da cultura. Todo o estudo do comportamento de ordem superior é um esforço para provocar separados não apenas o pensamento Rápido S1 e lento S2 (por exemplo, percepções e outros automatismos versus disposições), mas as extensões lógicas do S2 na cultura.

O trabalho de Searle como um todo fornece uma descrição impressionante do comportamento social S2 de maior ordem devido à recente evolução dos genes para a psicologia disposição, enquanto o w posterior mostra como ele é baseado em verdadeiros axiomas inconscientes de S1 que evoluíram para o pensamento proposicional consciente de S2.

Uma coisa a ter em mente é que a filosofia não tem nenhum impacto prático, exceto para esclarecer as confusões sobre como a linguagem está sendo usada em casos particulares. Como várias "teorias físicas", mas ao contrário de outras visões de desenho animado da vida (religiosa, política, psicológica, sociológica, antropológica), é muito cerebral e esotérica para ser agarrada por mais do que uma pequena franja e é tão irrealista que até mesmo seus adeptos a ignoram totalmente em sua vida cotidiana. Da mesma forma, com outras "teorias acadêmicas da vida", como o Modelo de Ciência Social Padrão amplamente compartilhado pela sociologia, antropologia, psicologia pop, história e literatura. No entanto, religiões grandes e pequenas, movimentos políticos, e às vezes a economia muitas vezes geram ou abraçam desenhos já existentes que ignoram a física e a biologia (natureza humana), posit força os movimentos terrestres ou cósmicos que reforçam nossas superstições (padrões de Pee) e ajudam a colocar resíduos na terra (o verdadeiro propósito de quase todas as práticas sociais e instituições, que estão lá para facilitar a replicação de

genes e o consumo de recursos). A questão é perceber que estes estão em um contínuo com desenhos filosóficos e têm a mesma fonte (nossa psicologia evoluída). Todos nós poderíamos gerar/absorver várias visões de desenho animado da vida quando jovens e apenas alguns crescem deles.

Note-se também que, como W comentou há muito tempo, o prefixo "meta" é desnecessário e confuso na maioria (talvez todos) contextos, de modo que para 'metacognição' em qualquer lugar substituem 'cognição' ou 'pensamento', já que pensar no que nós ou outros acreditamos ou sabemos está pensando como qualquer por outro e não precisa ser visto como 'leitura mental' (Entendimento da Agência ou UA na minha terminologia) também. Nos termos de S, o COS é o teste do que está sendo pensado e eles são idênticos para "está chovendo", eu acredito que está chovendo", "Eu acredito que acredito que está chovendo" e "ele acredita que está chovendo" (da mesma forma para 'sabe', desejos, juízes, entende, etc.), ou seja, que é Chovendo. Este é o fato crítico de ter em mente a "metacognição" e a "leitura mental" das disposições ('atitudes proposicionais').

Agora, para alguns trechos da minha revisão de Carruthers (C) 'A Opacidade da Mente' (2013) que está repleta das confusões clássicas vestidas de ciência. Foi objeto de um precis em Ciências Cerebrais e Comportamentais (BBS) que não é para ser perdido.

Uma das respostas no BBS foi de Dennett (que compartilha a maioria das ilusões de C), que parece achar essas ideias muito boas, exceto que C deve eliminar o uso de 'Eu' já que assume a existência de um eu mais alto (o objetivo é a redução dura de S2 para S1). Claro, o próprio ato de escrever, ler e toda a linguagem e conceitos de qualquer coisa pressupõe a si mesmo, consciência e vontade (como S muitas vezes observa), de modo que tal relato seria apenas um desenho da vida sem qualquer valor, o que se poderia dizer da maioria filosófica e muitas disquisições "científicas" sobre o comportamento. A estrutura w/S há muito observou que o primeiro-ponto de vista da pessoa não é eliminável ou redutível para uma terceira pessoa, mas isso não é problema para a visão de desenho animado da vida. Da mesma forma, com a descrição da função cerebral ou comportamento como "computacional", "processamento de informações" etc., tudo bem desmascarado inúmeras vezes por W/S, Hutto, Read, Hacker e muitos outros. O pior de tudo é a "representação crucial, mas totalmente pouco clara", para a qual acho que o uso de S como condição de satisfação (COS) é de longe o melhor. Ou seja, a "representação" de "eu acho que está chovendo" é a COS que está chovendo.

O mais triste de tudo é que C (como Dennett e Searle) acha que é um especialista em W, tendo estudado ele no início de sua carreira e decidido que o argumento da linguagem privada deve ser rejeitado como "comportamentalismo"! W famosamente rejeitou o comportamento e grande parte de seu trabalho é dedicada a descrever por que não pode servir como uma descrição do comportamento. "Você não é realmente um comportamentalista disfarçado? Você não está realmente dizendo que tudo, exceto

comportamento humano é uma ficção? Se eu falo de uma ficção, então é de uma ficção gramatical." (PI p307) E também se pode apontar para o comportamento real em C em sua forma moderna de "computação". A W/S insiste na indispensabilidade do primeiro-ponto de vista da pessoa enquanto C pede desculpas a D no artigo do BBS por usar "Eu" ou "eu".

Hutto mostrou o vasto abismo entre W e Dennett (D) que servirá para caracterizar C também, uma vez que eu tomo D e C (juntamente com a Churchland e muitos outros) para estar na mesma página. S é um dos muitos que desconstruíram D em vários escritos e todos estes podem ser lidos em oposição a C. E lembre-nos que W se apegue a exemplos de linguagem em ação, e uma vez que se chega ao ponto, ele é principalmente muito fácil de seguir, enquanto C é cativado por 'teorizar' (ou seja, acorrentar inúmeras frases sem COS claro) e raramente se incomoda com jogos de linguagem específicos, preferindo experimentos e observações que são bastante difíceis de interpretar de qualquer forma definitiva (ver as respostas do BBS), e que em qualquer caso não têm relevância para descrições de alto nível de comportamento (por exemplo, exatamente como eles se encaixam na Tabela da Intencionalidade). Um livro que ele elogia como definitivo (Memória e o Cérebro Computacional) apresenta o cérebro como um processador de informações computacionais — uma visão sophomorica completamente e repetidamente aniquilada por S e outros, incluindo W na década de 1930. Na última década, li milhares de páginas por e sobre W e é bastante claro que C não tem ideia. Nisso, ele se junta a uma longa linhagem de filósofos distintos cuja leitura de W foi infrutífera — Russell, Quine, Dummett, Kripke, Dennett, Putnam, Chomsky etc. (embora Putnam começou a ver a luz mais tarde). Eles simplesmente não conseguem entender a mensagem de que a maioria da filosofia são piadas gramaticais e vinhetas impossíveis — uma visão de desenho animado da vida.

Livros como "A Opacidade da Mente" que tentam fazer a ponte entre duas ciências ou dois níveis de descrição são realmente dois livros e nenhum. Há a descrição (não explicação, como W deixou claro) de nossa linguagem e comportamento não verbal e, em seguida, os experimentos de psicologia cognitiva. "A existência do método experimental nos faz pensar que temos os meios de resolver os problemas que nos incomodam; embora problema e método passar um ao outro por. (W PI p232), Cet al são encantados pela ciência e apenas assumem que é um grande avanço para a psicologia descritiva altonível para neurociência e psicologia experimental, mas W/S e muitos outros mostraram que isso é um erro. Longe de tornar a descrição do comportamento científica e clara, torna-a incoerente. E deve ter sido pela graça de Deus que Locke, Kant, Nietzsche, Hume, Wittgenstein, Searle et al foram capazes de dar relatos tão memoráveis de comportamento sem qualquer ciência experimental. Claroque, como políticos, filósofos raramente admitem erros ou caem a boca, então isso continuará e continuará por razões w diagnosticado perfeitamente. A linha de fundo tem que ser o que é útil e o que faz sentido em nossa vida cotidiana. Sugiro que as visões filosóficas do CDC (Carruthers, Dennett, Churchland), em oposição às da W/S, não sejam úteis e suas conclusões finais que, auto e consciência são ilusões, não fazem sentido — ou seja, não têm sentido, não têm COS claro.

Resta saber se os comentários do CDC sobre ciência cognitiva têm algum valor heurístico.

Este livro (como um corpo enorme de outros escritos) tenta descontar o HOT de outros animais e reduzir o comportamento às funções cerebrais (absorver psicologia em fisiologia). A filosofia é um desastre, mas, desde que se leia primeiro as muitas críticas no BBS, o comentário sobre psicologia e fisiologia recentes pode ser de interesse. Como Dennett, Churchland e tantos outros costumam fazer, C não revela suas verdadeiras joias até o fim, quando nos dizem que eu, vontade, consciência são ilusões (supostamente nos sentidos normais destas palavras). Dennett teve que ser desmascarado por S, Hutto et al por explicar essas "superstições" (ou seja, fazendo o movimento filosófico usual de não explicar em tudo e, de fato, nem mesmo descrever), mas surpreendentemente C admite isso no início, embora é claro que ele pensa que está mostrando nós essas palavras não significam o que pensamos e que seu uso de desenho animado é o válido.

Deve-se também ver as críticas de Bennett e Hacker à ciência cognitiva em 'Fundamentos Filosóficos da Neurociência' (2003) e seu debate com S e Dennett em 'Neurociência e Filosofia' (2009 - e não perca o ensaio final de Daniel Robinson). Também é bem explorado nos três livros recentes de Hacker sobre "Natureza Humana".

Há muito tempo existem livros sobre física química e química física, mas não há sinais de que os dois se fundam (nem é uma ideia coerente) nem que a química absorverá a bioquímica nem absorverá a fisiologia ou a genética, nem que a biologia desaparecerá nem que eliminará a psicologia, a sociologia, etc. Isso não se deve à "juventude" dessas disciplinas, mas ao fato de serem diferentes níveis de descrição com conceitos, dados e mecanismos explicativos totalmente diferentes. Mas a inveja física é poderosa e não podemos resistir à "precisão" da física, matemática, informação e computação versus a imprecisão dos níveis mais altos. "Deve" ser possível. O reducionismo prospera apesar da incompreensão da mecânica quântica, incerteza, ondas/partículas, gatos vivos/mortos, emaranhado quântico e a incompletude e aleatoriedade da matemática (Godel/Chaitin — veja minha revisão completa de "Os Limites Externos da Razão" de Yanofsky e os trechos aqui) e sua atração irresistível nos diz que é devido aos padrões de Pe. Mais uma vez, um sopro de ar fresco muito necessário de W: "Pois a pureza cristalina da lógica não era, naturalmente, resultado da investigação: era um requisito." PI p107. É difícil resistir a jogar a maioria dos livros sobre comportamento e reler W e S. Basta pular de qualquer coisa tentando 'explicar' comportamento de ordem superior para, por exemplo, essas citações de PI http://topologicalmedialab.net/xinwei/classes/readings/Wittgenstein/pi_94-138_239-309.html.

Fica claro para mim depois de ler dez mil páginas de filosofia na última década que a tentativa de fazer psicologia descritiva de alto nível desse tipo, onde a linguagem comum se transforma em usos especiais, deliberadamente e inadvertidamente, é essencialmente impossível (ou seja, a situação normal na filosofia e outras disciplinas comportamentais). Usar palavras de jargão especiais (por exemplo, intenciosidade, realismo etc.) não funciona

nem porque não há polícia de filosofia para impor uma definição estreita e os argumentos sobre o que eles significam serem intermináveis. Hacker é bom, mas sua escrita tão preciosa e densa muitas vezes é dolorosa. Searle é muito bom, mas requer algum esforço para abraçar sua terminologia e comete alguns erros notórios, enquanto W é mãos para baixo o mais claro e mais perspicaz, uma vez que você entende o que ele está fazendo, e ninguém nunca foi capaz de emulá-lo. Seu TLP continua sendo a declaração final da visão reducionista mecânica da vida, mas mais tarde viu seu erro e diagnosticou e curou a "doença do desenho animado", mas poucos conseguem o ponto e a maioria simplesmente ignora ele e a biologia também, e por isso há dezenas de milhares de livros e milhões de artigos e organizações políticas religiosas (e até recentemente a maior parte da economia) e quase todas as pessoas com visões de desenho animado da vida. Mas o mundo não é um desenho animado, então uma grande tragédia está sendo jogada fora como as visões de desenho animado da vida (por exemplo, socialismo, democracia, multiculturalismo) colidem com a realidade e cegueira universal e egoísmo provocam o colapso da civilização.

Parece bastante óbvio para mim (como era para W) que a visão mecânica da mente existe pela mesma razão que todo o comportamento básico — é a operação padrão do nosso EP que busca explicações em termos do que podemos deliberadamente pensar através lentamente, em vez de no S1 automatizado, do qual permanecemos alheios.

No entanto, é verdade que a maior parte do comportamento é mecânica e que a Ilusão Fenomenológica é de alcance muito maior do que Searle descreve. É muito impressionante para mim ao dirigir um carro na rodovia e de repente voltar para a consciência da S2 assustou ao perceber que eu só dirigi por vários minutos sem consciência consciente de dirigir. Na reflexão, esse automatismo pode ser visto como responsável por quase todo o nossocomportamento, com apenas supervisão mínima e conscientização do S2. Estou escrevendo esta página e tenho que "pensar" (ou seja, deixar algum tempo passar) sobre o que dizer, mas então ele flui para fora em minhas mãos que digitam-a e em geral é uma surpresa para mim, exceto quando eu penso em mudar uma frase específica. E você lê-lo dando ordens ao seu corpo para ficar parado e olhar para esta parte da página, mas as palavras apenas fluem para você e algum tipo de compreensão e memória acontecem, mas a menos que você se concentre em uma frase há apenas uma vaga sensação de fazer qualquer coisa. Um jogador de futebol corre pelo campo e chuta a bola e milhares de impulsos nervosos e contrações musculares habilmente coordenadas com movimentos oculares, e o feedback dos órgãos proprioceptivos e de equilíbrio ocorreram, mas há apenas uma vaga sensação de controle e alta-consciência de níveis dos resultados. S2 é o Chefe de Polícia que se senta em seu escritório enquanto S1 tem milhares de oficiais fazendo o trabalho real de acordo com leis que ele nem conhece. Leitura, escrita ou futebol são atos voluntários A2 vistos decima, mas compostos por milhares de atos automáticos A1 vistos de baixo. Grande parte da ciência comportamental contemporânea está preocupada com esses automatismos.

É uma boa ideia ler pelo menos o Capítulo 6 do PNC de Searle, "A Ilusão Fenomenológica" (TPI). É claro como cristal que o TPI é devido ao esquecimento dos automatismos de S1 e a tomar o lento pensamento consciente de S2 como não apenas primário, mas como tudo o que existe. Esta é a clássica cegueira de Ardósia Em Branco. Também é claro que W mostrou isso cerca de 60 anos antes e deu a razão para isso na primazia da rede axiomática automática inconsciente do nosso sistema inata 1 que é a fonte do Interior. Muito mais ou menos, em relação às características "independentes do observador" do mundo como S1 ou The Inner, e as características "dependentes de observadores" como S2 ou The Outer devem ser muito reveladoras. Como Searle observa, os Fenomenologistas têm a ontologia exatamente para trás, mas é claro que quase todos devido aos padrões de seu EP.

Outro excelente trabalho em W que merece um estudo próximo é 'Wittgenstein: Rethinking the Inner' (1993), de Johnston. Ele observa que alguns se opõem de que se nossos relatórios e memórias forem realmente intestados, eles não teriam valor, mas "Esta objeção perde todo o ponto do argumento de W, pois assume que o que realmente aconteceu, e o que o indivíduo diz que aconteceu, são duas coisas distintas. Como vimos, no entanto, a gramática das declarações psicológicas significa que esta última constitui os critérios para o primeiro. Se vemos alguém com uma expressão concentrada em seu rosto e queremos saber "o que está acontecendo dentro dela", então sua sinceray nos dizendo que ela está tentando descobrir a resposta para uma quantia complicada nos diz exatamente o que queremos saber. A questão de saber se, apesar de sua sinceridade, sua declaração pode ser uma descrição imprecisa do que ela é (ou estava) fazendo não surge. A fonte de confusão aqui é a falha em reconhecer que conceitos psicológicos têm uma gramática diferente da dos conceitos usados para descrever eventos externos. O que faz o interior parecer tão misterioso é a tentativa equivocada de entender um conceito em termos de outro. Na verdade, nosso conceito de Interior, o que queremos dizer quando falamos de "o que estava acontecendo dentro dela" está ligado não a processos internos misteriosos, mas ao relato que o indivíduo oferece de sua experiência... Como processos ou eventos, o que se passa dentro do indivíduo não tem interesse, ou melhor, é de interesse puramente médico ou científico" (p13-14).

"O ataque de W à noção de processos internos não implica que apenas o Exterior importa, pelo contrário; trazendo à tona a verdadeira natureza das declarações, ele sublinha o fato de que não estamos apenas interessados em comportamento. Não queremos apenas saber que o corpo da pessoa estava em tal posição e que suas características arranjaram de tal forma e tal. Em vez disso, estamos interessados na conta dela do que estava por trás desse comportamento..." (p16-17)

Ao expor o raciocínio de W sobre a impossibilidade de regras privadas ou uma linguagem privada, ele observa que "O problema real, no entanto, não é simplesmente que ela não estabelece regras, mas que, em princípio, ela não poderia fazê-lo... A questão é que, sem procedimentos publicamente verificados, ela não conseguia distinguir entre seguir a regra e simplesmente pensar que está seguindo a regra."

No p55 Johnston faz questão de relação à visão (que foi feita muitas vezes por W e S neste e em outros contextos) que a discussão do Outer é inteiramente dependente de sua própria inteligibilidade sobre a natureza incontestável de nossa primeira experiência direta-pessoa do Interior. O Sistema 2 dúvidas céticas sobre mente, vontade, sentidos, mundo, não pode obter uma base sem as verdadeiras certezas do Sistema 1 e a certeza de que você está lendo essas palavras agora é a base para o julgamento, não uma coisa que pode ser julgada. Este erro é um dos mais básicos e comuns em toda a filosofia.

No p81 ele afirma que a impossibilidade, no caso normal, de verificar suas declarações sobre suas disposições (muitas vezes, mas confusamente chamadas de "atitudes proposicionais") como o que você pensou ou está sentindo, longe de ser um defeito de nossa psicologia, é exatamente o que dá interesse a essas declarações. Estou cansado nos diz como você está se sentindo ao invés de nos dar outro pedaço de dados sobre o Exterior, como seus movimentos lentos ou as sombras seus olhos.

Johnston então faz um excelente trabalho explicando a desmascaração de W da ideia de que significado ou compreensão (e todas as disposições) são experiências que acompanham a fala. Como W apontou, considere o caso em que você pensa que entende, e então descubra que não, para ver a irrelevância de qualquer experiência interior para significado, compreensão, pensamento, acreditar, saber etc. A experiência que conta é a conscientização do jogo de língua pública em que participamos. Considerações semelhantes dissolvem o problema da "velocidade relâmpago do pensamento". "A chave é reconhecer que o pensamento não é um processo ou uma sucessão de experiências, mas um aspecto da vida dos seres conscientes. O que corresponde à velocidade relâmpago do pensamento é a capacidade do indivíduo de explicar a qualquer momento o que ela está fazendo ou dizendo." (p86). E como W diz "Ou, se alguém chama o início e o fim da frase o início e o fim do pensamento, então não está claro se alguém deve dizer da experiência de pensar que é uniforme durante este tempo ou se é um processo como falar a sentença em si" (RPP2p237).

Mais uma vez: "Os indivíduos explicam o que ela achava que tem a mesma gramática que seu relato do que ela pretendia e do que ela quis dizer. O que nos interessa é a conta do passado que ela está inclinada a dar e a suposição de que ela será capaz de dar uma conta faz parte do que está envolvido em vê-la como consciente" (p 91). Ou seja, todos esses verbos de disposição fazem parte da nossa psicologia s2 consciente e voluntária.

Em "A Complexidade do Interior", ele observa que é irônico que nossa melhor maneira de comunicar o Interior seja se referir ao Exterior, mas eu diria que é natural e inevitável. Como não há linguagem privada e nem telepatia, só podemos contrair músculos e, de longe, a comunicação mais eficiente e profunda é contraindo músculos orais (fala). Como W comentou em vários contextos, é em peças (ou agora na TV e filmes) que vemos a linguagem (pensamento) em sua forma mais pura.

Disposições como a intenção continuam enquanto não mudarmos ou esquecê-las e, portanto, não têm uma duração precisa, bem como níveis de intensidade e o conteúdo é uma decisão e por isso não é um estado mental preciso, então em todos esses aspectos eles são bastante diferentes da percepção S1 ações, memórias e respostas reflexivas como emoções S1.

A diferença entre S1 e S2 (como eu disse, esta não era uma terminologia disponível para J ou W) também é vista na assimetria dos verbos de disposição, com o uso em primeira pessoa de 'Eu acredito' etc., sendo (no caso normal de expressão sincera) frases verdadeiras versus a 3ª pessoa ir usar "ele acredita" etc., sendo verdadeira ou falsas proposições baseadas em evidências. Não se pode dizer "Acredito que está chovendo e não está" mas outras tensões como "Eu acreditava que estava chovendo e não estava" ou a terceira pessoa "Ele acredita que está chovendo e não é" estão ok. Como J diz: "A questão geral no centro do problema aqui é se o indivíduo pode observar suas próprias disposições... A chave para esclarecer este paradoxo é notar que a descrição individual de seu próprio estado mental também é indiretamente a descrição de um estado de coisas... Em outras palavras, alguém que diz acreditar que P está, assim, comprometido em afirmar p em si... A razão para que o indivíduo não possa observar sua crença é que, adotando uma postura neutra ou avaliadora em relação a ela, ela a mina. Alguém que disse "Eu acredito que está chovendo, mas não é" prejudicaria assim sua própria afirmação. Como W observa, não pode haver nenhuma pessoa equivalente ao uso do verbo em terceira pessoa pela mesma razão que um verbo significa acreditar falsamente não teria uma primeira pessoa presente indicativo... as duas proposições não são independentes, pois 'a afirmação de que isso está acontecendo dentro de mim afirma: isso está acontecendo fora de mim' (RPP1 p490)" (p154-56). Embora não tenha sido comentado por W ou J, o fato de que as crianças nunca cometem erros como "eu quero os doces, mas não acredito que eu quero" etc., mostra que tais construções são construídas em nossa gramática (em nossos genes) e não complementos culturais.

Ele então olha para isso de outro ponto de vista citando W "Qual seria o sentido de tirar conclusões das minhas próprias palavras para o meu comportamento, quando em qualquer caso eu sei no que acredito? E qual é a manifestação de eu saber no que acredito? Não se manifesta precisamente nisso, não indiquei meu comportamento das minhas palavras? Esse é o fato.

(RPP1 p744). Outra maneira de dizer isso é que s1 é a base axiomática apenas para a cognição, e como o substrato não-proposicional para determinar a verdade e a falsidade, não pode ser intelectualmente julgado.

Ele termina o capítulo com comentários importantes sobre a variabilidade dentro da LG (dentro de nossa psicologia) e sugiro que seja lido com cuidado.

Johnston continua a discussão em "The Inner/Outer Picture" muito do que é resumido em sua citação de W. "O interior está escondido de nós significa que está escondido de nós em um sentido de que não está escondido dele. E não está escondido do dono no sentido de que ele dá expressão a ele, e nós, certas condições, acreditamos em sua expressão e lá, o erro não tem lugar. E essa assimetria no jogo é expressa na frase de que o Interior está escondido de outras pessoas." (LWPP2 p36). J continua: "O problema não é que o interior esteja escondido, mas que o jogo de idiomas que envolve é muito diferente daqueles em que normalmente falamos sobre conhecimento." E então ele entra em um dos principais temas de W ao longo de sua vida - a diferença entre homem e máquina. "Mas com um ser humano a suposição é que é impossível obter uma visão do mecanismo. Assim, a indeterminação é postulada... Acredito que a imprevisibilidade deve ser uma característica essencial do Interior. Assim como a diversidade interminável de expressões." (RPP2 p645 e LWPP2 p65). Novamente, W sonda a diferença entre animais e computadores.

J observa que as incertezas em nossos jogos de linguagem não são defeitos, mas críticos para nossa humanidade. Mais uma vez W: "[O que importa] não é que as evidências tornam o sentimento (e assim o Interior) meramente provável, mas que tratamos isso como evidência para algo importante, que baseamos um julgamento sobre este tipo de evidência envolvida, e para que tal evidência tenha um especial importância em nossas vidas e é proeminente por um conceito. (Z p554).

J vê três aspectos dessa incerteza como a falta de critérios fixos ou tonalidades finas de significado, a ausência de determinação rígida das consequências dos estados internos e a falta de relações fixas entre nossos conceitos e experiência. W: "Não se pode dizer quais são as consequências observáveis essenciais de um estado interior. Quando, por exemplo, ele realmente está satisfeito, o que é então esperado dele, e o que não? Há, naturalmente, consequências tão características, mas não podem ser descritas da mesma forma que reações que caracterizam o estado de um objeto físico." (LWPP2 p90). J "Aqui seu estado interior não é algo que não podemos saber porque não podemos penetrar o véu do Exterior. Em vez disso, não há nada determinado a saber. (p195).

Em seu capítulo final, ele observa que nossos jogos de linguagem não é provável que mude independentemente do progresso científico. "Embora seja concebível que o estudo da atividade cerebral possa se tornar um preditor mais confiável do comportamento humano, o tipo de compreensão da ação humana que deu não seria o mesmo que o envolvido no jogo linguístico sobre intenções. Seja qual for o valor descoberto do cientista, não se poderia dizer que as intenções realmente são." (p213).

Essa indeterminação leva à noção de que a correlação dos estados cerebrais com disposições parece improvável. "A dificuldade aqui é que a noção de um pensamento é um conceito altamente artificial. Quantos pensamentos existem no Tractatus? E quando a ideia básica para isso atingiu W, foi um pensamento ou uma erupção deles? A noção de intenções cria problemas semelhantes... Essas declarações subsequentes podem ser vistas

como amplificações ou explicações do pensamento original, mas como devemos supor que isso se relaciona com o estado cerebral? Devemos imaginar que ele também conteria a resposta para todas as perguntas possíveis sobre o pensamento? .. teríamos que permitir que dois pensamentos significativamente diferentes estejam correlacionados com o mesmo estado cerebral... palavras podem, em certo sentido, ser intercambiáveis e, em outro sentido, não. Isso cria problemas para a tentativa de correlacionar estados e pensamentos cerebrais... dois pensamentos podem ser os mesmos em um sentido e diferentes em outro... Assim, a noção de um pensamento é frágil e artificial e, por isso, é difícil ver que sentido poderia fazer falar de uma correlação com um com estados cerebrais." (p218-219). Ou seja, o mesmo pensamento (COS) "está chovendo" expressa um número infinito de estados cerebrais em uma ou muitas pessoas. Da mesma forma, o estado cerebral 'mesmo' pode expressar pensamentos diferentes (COS) em diferentes contextos.

Da mesma forma, W nega que a memória consiste em traços no sistema nervoso. "Aqui o traço postulado é como o relógio interno, pois não inferimos mais o que aconteceu de um rastreamento do que consultamos um relógio interno para adivinhar a hora." Ele então observa um exemplo de W (RPP1 p908) de um homem anotando marcas enquanto lê e que não pode repetir o texto sem as marcas, mas eles não se relacionam com o texto por regras ... "O texto não seria armazenado nas anotações. E por que deveria ser armazenado em nosso sistema nervoso?" e também "... nada parece mais plausível para mim do que que as pessoas um dia chegarão à opinião definitiva de que não há cópia no fisiológico ou nos sistemas nervosos que corresponda a um pensamento particular ou a uma determinada ideia de memória" (LWPP1 p504). Isso implica que pode haver regularidades psicológicas às quais não correspondem regularidades fisiológicas; e como W provocativamente acrescenta "Se isso perturba nossos conceitos de causalidade, então é hora de eles ficarem chateados." (RPP1 p905) ... "Por que os estados iniciais e terminais de um sistema devem ser conectados por uma lei natural que não cobre o estado intermediário? (RPP1 p909) ... [É bem provável que] não haja nenhum processo no cérebro correlacionado com a associação ou com o pensamento, de modo que seria impossível ler processos de pensamento a partir de processos cerebrais... Por que essa ordem, por assim dizer, não sairia do caos? ... como eram, sem motivo, e, sem motivo, e, sem motivo, e não há razão para que isso realmente não deve segurar nossos pensamentos, e, portanto, para a nossa conversa e escrita. (RPP1 p903)... Mas deve haver uma explicação fisiológica aqui? Por que não saímos explicando sozinhos? - mas você nuncaalaria assim se estivesse examinando o comportamento de uma máquina! – Bem quem diz que uma criatura viva, um corpo animal, é uma máquina nesse sentido?" (RPPI p918) (p 220-21).

Claro, pode-se levar esses comentários várias outras coisas, mas uma maneira é que W antecipa a ascensão da teoria do caos, mente incorporada e auto-organizaçãona biologia. Uma vez que a incerteza, o caos e a imprevisibilidade são doutrina padrão agora, da escala subatômica à molecular, e na dinâmica planetária (clima etc.) e cosmologia, por que o cérebro deveria ser uma exceção? Os únicos comentários detalhados sobre essas

observações que vi estão em um artigo recente de Daniele Moyal-Sharrock (DMS).

É bastante impressionante que, embora as observações de W sejam fundamentais para todo o estudo do comportamento — linguística, filosofia, psicologia, história, antropologia, política, sociologia e arte, ele nem sequer é mencionado na maioria dos livros e artigos, com até mesmo as exceções ter pouco a dizer, e a maior parte desse errado distorcido ou plano. Há uma enxurrada de interesse recente, pelo menos na filosofia, e possivelmente essa situação absurda mudará, mas provavelmente não muito.

A discussão da diferença lógica (psicológica) entre as causas S1 e as razões S2 no Capítulo 7 do recente livro 'Natureza Humana' (2011), especialmente p226-32, é fundamental para qualquer aluno de comportamento. É uma ilusão quase universal de que "causa" é um termo preciso logicamente exato, enquanto "razão" não é, mas W expôs isso muitas vezes. Claro, a mesma questão surge com todos os conceitos científicos e matemáticos. E, claro, é preciso ter constantemente em mente que 'ação', 'condição', 'satisfação', 'intenção', e até 'e', 'ou', 'antes', 'verdade' etc. são todos jogos de linguagem complexos capazes de nos tropeçar como W tão lindamente descrito no BBB no início dos anos 30.

Searle fez muitas observações interessantes em um de seus livros mais recentes 'Thinking About the Real World' (TARW)(2013), e eu pareço ter escrito a única revisão, então vou discutir isso em detalhes aqui.

No p21 da TARW, novamente encontramos o que considero como a falha mais gritante no trabalho de S e que deveria ter sido obviada há muito tempo se ele só lesse os w e seus comentaristas mais cuidadosamente. Ele se refere ao livre arbítrio como uma "suposição" de que talvez tenhamos que desistir! É cristalino de W que vai, eu, mundo, e todos os fenômenos de nossas vidas são a base para julgar - a base axiomática de nosso comportamento e não há possibilidade de julgá-los. Podemos "assumir" que temos duas mãos ou vivemos na superfície da terra ou que Madonna é uma cantora etc.? Talvez este grande erro esteja ligado à sua mistura de S1 verdadeiro e proposicional S2 que eu notei. Incrível que ele possa acertar quase tudo e tropeçar nisso!

No p22 e em outros lugares ele usa a noção de intencionalidade inconsciente, que ele discuti pela primeira vez em seu artigo de 1991 em Phil. Issues, observando que estes são os tipos de coisas que poderiam se tornar conscientes (por exemplo, sonhos). Foi eu acho que o primeiro a comentar sobre isso anotando que se você não pode falar de pensamentos inconscientes você não pode falar de conscientes também (BBB). Aqui e ao longo de seu trabalho é infortun que ele não use os conceitos S1/S2, pois torna muito mais fácil manter ascoisas em linha reta e ele ainda acha necessário entrar em jargão muito anti-Wittgensteiniano. Por exemplo, "Uma vez que você tem elementos sintáticos manipulados, você pode desvincular a intencionalidade de suas causas imediatas na forma de percepções e memórias, de uma forma que não seja possível fazer destacamentos de elementos representacionais não sintáticos estruturados." (p31) apenas diz que com a linguagem veio

a intencionalidade disposição de S2, onde o pensamento consciente e a razão (ou seja, potenciais ações públicas expressas na linguagem) se tornaram possíveis.

Sobre razões e desejos (p39) ver em outro lugar aqui e minhas opiniões sobre seus outros trabalhos.

A contínua referência de S às disposições como estados mentais, e sua referência aos estados mentais como representações (na verdade 'apresentações' aqui) com COS, é (na minha opinião) contraproducente. No p25, por exemplo, parece que ele quer dizer que a maçã que vemos é o COS da RSE – (Causally Self Reflexivo-- ou seja, a causa é incorporada) da percepção da maçã e o arranhão inconsciente reflexivo de uma coceira tem o mesmo status (ou seja, um COS) como o movimento planejado deliberadamente do braço. Assim, os estados mentais da S1 devem ser incluídos com as ações do S2 como COS. Embora eu aceite a maior parte da ontologia e epistemologia de S, não vejo a vantagem disso, mas tenho o maior respeito por ele, então vou trabalhar nisso. Notei sua tendência (normal para os outros, mas uma falha em Searle) de misturar S1 e S2, o que ele faz no p29, onde ele parece estar se referindo às crenças como estados mentais. Parece-me bastante básico e claro desde o BBB de W nos anos 30 que s2 não são estados mentais em nada como o sentido de S1. Precisamos sempre manter clara a diferença entre os jogos linguísticos de S1 e S2 e por isso, se ele insiste em usar o jogo de crença em referência ao S1, então é muito mais claro se nos referirmos a B1 e B2, onde b2 é a palavra "crença" usada em referência aos atos linguísticos públicos do Sistema 2.

O parágrafo que começa "Porque" no p25 está discutindo os verdadeiros percepts inconscientes, memórias e atos reflexivos de S1 — ou seja, nossas funções automáticas axiomáticas de nossa psicologia evoluída (Pe). Como observado, pode-se ler o livro de Hutto e Myin 'Radicalizando o Intivismo: Mentes Básicas Sem Conteúdo' (2012) e sua sequência para um relato muito diferente recente da natureza não representativa ou e nativa do S1.

A tabela de intencionalidade nas atualizações p26 que ele usou por décadas e que eu usei como base para a minha tabela estendida acima.

Há quase meio século, S escreveu "Como derivar deve derivar é" que foi um avanço revolucionário em nossa compreensão do comportamento (embora menos se alguém entendeu W). Ele continuou a desenvolver a descrição naturalista do comportamento e no p39 ele mostra como a ética se origina em nosso comportamento social inato e linguagem. Um conceito básico é o Desire Independent Reasons for Action (DIRA), que é explicado em seus diversos livros. Para um esboço veja minhas críticas sobre sua MSW e outros trabalhos. Ele tende a usar as razões proxigêneas de S2 (ou seja, psicologia e cultura disposicionais) para enquadrar sua análise, mas como com todo o comportamento eu considero isso superficial a menos que inclua as causas finais em S1 e por isso eu quebro sua DIRA em DIRA1 e DIRA2. Isso permite a descrição em termos dos mecanismos

inconscientes de altruísmo recíproco e aptidão inclusiva. Assim, eu reafirmaria a última frase no p39 "... as pessoas são solicitadas a substituir suas inclinações naturais fazendo com que considerações éticas prevaleçam" como "... as pessoas são obrigadas a substituir seus benefícios pessoais imediatos para garantir benefícios genéticos de longo prazo através do altruísmo recíproco e da aptidão inclusiva."

O esquecimento de S (que ele compartilha com a maioria dos filósofos) à estrutura moderna de dois sistemas, e às implicações completas da epistemologia "radical" de W, como declarado mais dramaticamente em seu último trabalho 'On Certainty', é mais infeliz (como notei em muitas críticas). Foi W quem fez o primeiro e melhor trabalho de descrever os dois sistemas (embora ninguém mais tenha notado) e o OC representa um grande evento na história intelectual. S não só desconhece o fato de que sua estrutura é uma continuação direta de W, mas todos os outros também são, o que explica a falta de qualquer referência significativa a W neste livro. Como de costume, também nota-se nenhum aparente conhecimento com o Pe, o que pode esclarecer todas as discussões de comportamento, fornecendo as reais explicações evolutivas e biológicas, em vez das superficiais proximate culturais.

Assim, a discussão de S sobre as duas formas de descrever sensações ('experiências') no p202 é, na minha opinião, muito mais clara se percebermos que ver o vermelho ou sentir dor é automático apenas para S1, mas assim que a atendemos conscientemente (ca. 500 msec ou mais) torna-se "vendo como" e uma função s2 proposicional (verdadeira ou falsa) que pode ser expressa publicamente na linguagem (e outros músculos corporais bem como contração. Assim, a 'experiência' S1 idêntica ao vermelho ou à dor versus a 'experiência' S2 de vermelho ou dor, uma vez que começamos a refletir sobre ela, normalmente são misturadas em uma 'experiência'. Para mim, de longe, o melhor lugar para entender essas questões é até nos escritos de W começando com o BBB e terminando com OC. Ninguém mais descreveu as sutilezas dos jogos linguísticos com tanta clareza. Deve-se ter constantemente em mente a imprecisão e múltiplos significados de 'erro', 'verdadeiro', 'experiência', 'entender', 'saber', 'ver', 'o mesmo' etc., mas apenas W foi capaz de fazê-lo — mesmo S tropeça com frequência. E não é uma questão trivial — a menos que se possa reafirmar claramente todo o p202 separando o S1 não julgador do S2 proposicional, então nada sobre comportamento pode ser dito sem confusão. E, claro, muitas vezes (ou seja, normalmente) palavras são usadas sem um significado claro — é preciso especificar o quão 'verdadeiro' ou 'segue' ou 'ver' deve ser usado neste contexto e W é o único que eu conheço de quem consistentemente acerta.

Mais uma vez, no p203-206, a discussão da intrinsecamente automática disposicionalidade só faz sentido para mim porque eu olho para ela como apenas mais uma forma de descrever estados S1, que fornecem a matéria-prima para a disposição S2 consciente deliberada que, do ponto de vista evolutivo biológico (e o que outra pode haver?) tem que ser o caso. Assim, seu comentário sobre p212 está certo sobre o dinheiro: a explicação final (ou como W insiste a descrição) só pode ser um naturalizado que descreve como a mente,

a vontade, a autoestima e a intenção funcionam e não podem eliminá-los significativamente como fenômenos "reais". Relembre a famosa revisão de S sobre "Consciência Explicada" de Dennett intitulada "Consciência explicada". E isso torna ainda mais bizarro que S deve afirmar repetidamente que não sabemos ao certo se temos livre arbítrio e que temos que 'postular' um eu (p218-219).

Além disso, penso mais uma vez que S está no caminho errado (p214) quando ele sugere que as confusões são devido a erros históricos na filosofia como dualismo, idealismo, materialismo, epifenomenalismo etc., em vez de na suscetibilidade universal aos padrões de nossa psicologia — 'A Ilusão Fenomenológica' (TPI), como ele a chamou, e enfeitada pela linguagem como lindamente descrita por WPI. Como ele observa: "Os processos neurobiológicos e os fenômenos mentais são o mesmo evento, descrito em diferentes níveis" e "Como as intenções conscientes podem causar movimento corporal? ... Como o martelo pode mover o prego em virtude de ser sólido? ... Se você analisar que solidez é causalmente... se você analisar o que a intenção em ação é causalmente, você vê análogamente que não há nenhum problema filosófico sobrando."

Traduziria seu comentário (p220) "Um orador pode usar uma expressão para se referir apenas se na expressão das expressões de referência o orador introduz uma condição que o objeto se refere aos satisfaz; e a referência é alcançada em virtude da satisfação dessa condição." como "O significado é alcançado ao afirmar uma condição publicamente verificável de satisfação (condição da verdade)." "Eu acho que está chovendo" é verdade se está chovendo e falso de outra forma. Além disso, eu diria: "O coração do meu argumento é que nossas práticas linguísticas, como comumente entendidas, pressupõem uma realidade que existe independentemente de nossas representações." (p223) como "Nossa vida mostra um mundo que não depende de nossa existência e não pode ser intelectualmente desafiado."

Tempo para mais algumas citações e uma discussão sobre seu recente livro de reedições 'Filosofia em um Novo Século' (2008) e como em outros lugares vou repetir alguns comentários para colocá-los em um contexto diferente.

"Um processo de máquina poderia causar um processo de pensamento? A resposta é: sim. Defato, apenas um processo de máquina pode causar um processo de pensamento, e 'computação' não dá nome a um processo de máquina; nomeia um processo que pode ser, e normalmente é, implementado em uma máquina." Searle PNC p73

"... a caracterização de um processo como computacional é uma caracterização de um sistema físico de fora; e a identificação do processo como computacional não identifica uma característica intrínseca da física, é essencialmente uma caracterização relativa observadora." Searle PNC p95

"O argumento da sala chinesa mostrou que a semântica não é intrínseca à sintaxe. Agora

estou fazendo o ponto separado e diferente de que a sintaxe não é intrínseca à física." Searle PNC p94

"A tentativa de eliminar a falácia homunculus através da decomposição recursiva falha, porque a única maneira de obter a sintaxe intrínseca à física é colocar um homunculus na física." Searle PNC p97

"Mas você não pode explicar um sistema físico como uma máquina de escrever ou um cérebro identificando um padrão que ele compartilha com sua simulação computacional, porque a existência do padrão não explica como o sistema realmente funciona como um sistema físico. ... Em suma, o fato de que a atribuição da sintaxe não identifica mais poderes causais é fatal para a alegação de que os programas fornecem explicações causais de cognição... Há apenas um mecanismo físico, o cérebro, com seus vários níveis causais físicos e físicos/mentais reais de descrição." Searle PNC p101-103

"Em suma, a sensação de 'processamento de informações' que é usada na ciência cognitiva é um nível muito alto de abstração para capturar a realidade biológica concreta da intencionalidade intrínseca... Estamos cegos a essa diferença pelo fato de que a mesma frase "Vejo um carro vindo em minha direção", pode ser usada para registrar tanto a intencionalidade visual quanto a saída do modelo computacional de visão... no sentido de 'informação' usada na ciência cognitiva, é simplesmente falso dizer que o cérebro é um dispositivo de processamento de informações." Searle PNC p104-105

"Pode haver razões para a ação que são vinculantes a um agente racional apenas em virtude da natureza do fato relatado na declaração da razão, e independentemente dos desejos, valores, atitudes e avaliações do agente? ... O verdadeiro paradoxo da discussão tradicional é que ele tenta colocar a guilhotina de Hume, a rígida distinção de valor de fato, em um vocabulário, o uso do qual já pressupõe a falsidade da distinção." Searle PNC p165-171

"... todas as funções de status e, portanto, toda a realidade institucional, com exceção da linguagem, são criadas por atos de fala que têm a forma lógica de Declarações... as formas da função de status em questão são quase invariavelmente questões de poderes desonóticos... reconhecer algo como direito, dever, obrigação, exigência e assim por diante é reconhecer uma razão de ação... essas estruturas desonóticas tornam possíveis razões independentes do desejo para a ação... O ponto geral é muito claro: a criação do campo geral de razões baseadas no desejo para a ação pressuposto a aceitação de um sistema de razões independentes de desejo para a ação." Searle PNC p34-49

"Algumas das características lógicas mais importantes da intencionalidade estão além do alcance da fenomenologia porque não têm realidade fenomenológica imediata... Porque a criação de significado por insignificância não é conscientemente experimentada... ele não existe... Isso é... a ilusão fenomenológica. Searle PNC p115-117

"A consciência é causalmente redutível aos processos cerebrais... e a consciência não tem poderes causais, além dos poderes causais da neurobiologia subjacente... Mas a reducibilidade causal não leva à redutibilidade ontológica... consciência só existe como experimentado... e, portanto, não pode ser reduzido a algo que tenha uma ontologia de terceira pessoa, algo que existe independentemente das experiências." Searle PNC 155-6

"... a relação intencional básica entre a mente e o mundo tem a ver com condições de satisfação. E uma proposta é qualquer coisa que possa ficar em uma relação intencional com o mundo, e uma vez que essas relações intencionais sempre determinam condições de satisfação, e uma proposta é definida como qualquer coisa suficiente para determinar condições de satisfação, acontece que toda intencionalidade é uma questão de proposições. Searle PNC p193

Embora S não diga e pareça estar em grande parte inconsciente, a maior parte de seu trabalho segue diretamente do de W, embora muitas vezes ele o critique. Dizer que Searle continuou o trabalho de W não é dizer que é um resultado direto do estudo W, mas sim que porque há apenas uma psicologia humana (pela mesma razão há apenas uma cardiologia humana), que qualquer pessoa que descreva com precisão o comportamento deve estar expressando som e variante ou extensão do que W disse (como devem se ambos estão dando descrições corretas de comportamento). Acho a maioria de S prevista em W, incluindo versões do famoso argumento da sala chinesa contra a Strong AI e questões relacionadas que são os temas de Chaps 3-5. Aliás, se a Sala Chinesa lhe interessa, então você deve ler o excelente, mas virtualmente desconhecido, suplemento sobre o CR-- "Searle Freed of Every Flaw". Rodych também escreveu uma série de artigos soberbos sobre a filosofia de matemática de W --ou seja, o EP (Psicologia Evolutiva) da capacidade axiomática do Sistema 1 de contar até 3, como estendido para o interminável Sistema 2 SLG's (Jogos de Língua Secundária) de matemática.

As percepções de W sobre a psicologia da matemática fornecem uma excelente entrada na intencionalidade. Também notarei que ninguém que promova a Strong IA, as versões multifávida do comportamentalismo, o funcionalismo computacional, CTM (Teoria Computacional da Mente) e A Teoria dos Sistemas Dinâmicos (DST), parece estar ciente de que o Tractatus de W pode ser visto como a declaração mais marcante e poderosa de seu ponto de vista já escrito (ou seja, comportamento (pensamento) como o processamento lógico dos fatos- ou seja, processo de informação). Claro, mais tarde (mas antes do computador digital era um brilho nos olhos de Turing) W descreveu em grande detalhe por que essas eram descrições incoerentes de mente (pensamento, comportamento) que devem ser substituídas pela psicologia (ou você pode dizer que isso é tudo o que ele fez para o resto de sua vida). S, no entanto, faz pouca referência à declaração de espírito presciente de W como mecanismo, e sua destruição dela em seu trabalho posterior.

Desde W, S tornou-se o principal desconstrutor dessas visões mecânicas de

comportamento, e talvez o psicólogo descritivo mais importante (filósofo), mas não percebe o quão completamente W o antecipou nem, em geral, fazer outros (mas ver os muitos papéis e livros de Proudfoot e Copeland em W, Turing e IA). O trabalho de S é muito mais fácil de seguir do que W, e embora haja algum jargão, é principalmente espetacularmente claro se você se aproximar da direção certa. Veja meus artigos para mais detalhes.

Como W, Searle é considerado o melhor filósofo de standup de seu tempo e sua obra escrita é sólida como uma rocha e inovadora por toda parte. No entanto, seu fracasso em levar o W mais tarde a sério o suficiente leva a alguns erros e confusões. No p7 do PNC, ele observa duas vezes que nossa certeza sobre fatos básicos deve-se ao peso esmagador da razão que sustenta nossas reivindicações, mas como Coliva, DMS et al observaram, W mostrou definitivamente em 'On Certainty' que não há possibilidade de duvidar da estrutura axiomática do nosso Sistema 1 percepções, memórias e pensamentos, uma vez que é a base para o julgamento e não pode ser julgada. Na primeira frase do p8, ele nos diz que a certeza é revisável, mas esse tipo de "certeza", que podemos chamar de Certeza2, é o resultado de estender nossa certeza axiomática e não revisada (Certeza1) via experiência e é totalmente diferente, pois é proposicional (verdadeira ou falsa). Este é, naturalmente, um exemplo clássico da "batalha contra a enfeitiçamento de nossa inteligência pela linguagem" que W demonstrou repetidamente. Uma palavra- dois (ou muitos) usos distintos.

No p10 ele castiga W por sua antipatia ao teorização, mas como notei acima, 'teorizar' é outro jogo de idiomas (LG) e há um vasto abismo entre uma descrição geral do comportamento com poucos exemplos bem trabalhados e um que emerge de um grande número de tais que não está sujeito a muitos contraexemplos. A evolução em seus primeiros dias era uma teoria com exemplos claros limitados, mas logo se tornou apenas um resumo de um vasto corpo de exemplos e uma teoria em um sentido bem diferente. Da mesma forma, com uma teoria pode-se fazer como um resumo de mil páginas de exemplos de W e uma resultante de dez páginas.

Mais uma vez, no p12, a 'consciência' é o resultado do funcionamento automatizado do Sistema 1 que é 'subjetivo' em vários sentidos bastante diferentes, e não, no caso normal, uma questão de evidência, mas um verdadeiro entendimento apenas em nosso próprio caso e uma percepção verdadeira apenas no caso dos outros.

Enquanto lia p13, pensei: "Posso sentir dor excruciante e continuar como se nada estivesse errado?" Não! — isso não seria 'dor' no mesmo sentido. "A experiência interna está precisando de critérios externos" (W) e Searle parece perder isso. Veja W ou Johnston.

Ao ler as páginas seguintes, senti que W tem uma compreensão muito melhor da conexão mente/linguagem, pois ele as considera sinônimos em muitos contextos, e seu trabalho é uma brilhante exposição de espírito como exemplificada em inúmeros exemplos

perspicuícios de uso da linguagem. Como citado acima, "Agora, se não são as conexões causais com as quais estamos preocupados, então as atividades da mente estão abertas diante de nós." E, como explicado acima, sinto que as perguntas com as quais se termina a seção 3 são amplamente respondidas considerando o OC de W do ponto de vista dos dois sistemas. Da mesma forma, para a seção 6 sobre a filosofia da ciência. Rodych fez um artigo sobre Popper vs W que eu achei soberbo na época, mas eu vou ter que relê-lo para ter certeza.

Finalmente, no p25, pode-se negar que qualquer revisão de nossos conceitos (jogos linguísticos) de causalidade ou livre arbítrio é necessária ou mesmo possível. Você pode ler praticamente qualquer página de W e grande parte do DMS, Coliva, Hacker etc. pelas razões. Uma coisa é dizer coisas bizarras sobre o mundo usando exemplos da mecânica quântica, incerteza etc., mas outra é dizer qualquer coisa relevante para o nosso uso normal de palavras.

No p31, 36 etc., encontramos novamente os problemas incessantes (na filosofia e na vida) de palavras idênticas brilhando sobre as enormes diferenças na LG de 'crença', 'vendo' etc., conforme aplicado ao S1, que é composto por estados mentais no presente apenas, e S2 que não é. O resto do capítulo resume seu trabalho sobre a "cola social" que, de um EP, perspectiva wittgensteiniana, são as ações rápidas automáticas do S1 produzindo as lentas disposições de S2 que são inexoravelmente e universalmente expandidas durante o desenvolvimento pessoal em uma ampla gama de relações desonéticas inconscientes automáticas com outros, e arbitrariamente em variações culturais sobre eles.

Os capítulos 3 a 5 contêm seus argumentos conhecidos contra a visão mecânica da mente que me parecem definitivos. Eu li livros inteiros de respostas a eles e concordo com S que todos eles sentem falta dos pontos lógicos (psicológicos) muito simples que ele faz (e que, em geral, W fez meio século antes de haver computadores). Para colocá-lo em meus termos, o S1 é composto por inconscientes, rápidos, físicos, causais, automáticos, não proposicionais, somente estados mentais, enquanto o Lento S2 só pode ser descrito coerentemente em termos de razões para ações que são mais ou menos disposições conscientes para comportamentos (ações potenciais) que são ou podem se tornar proposicionais (T ou F). Computadores e o resto da natureza só derivaram (atribuídas) intencionalidade que depende de nossa perspectiva, enquanto animais mais altos têm intencionalidade primária que é independente da perspectiva. Como S e W apreciam, a grande ironia é que essas reduções materialistas ou mecânicas da psicologia se mascaram como corte-ciência deborda, mas na verdade são totalmente anti-científicas. Filosofia (psicologia descritiva) e psicologia cognitiva (livre da superstição) estão se tornando mão na luva e é Hofstadter, Dennett, Carruthers, Kurzweil etc., que são deixados de fora no frio.

A página 62 resume bem um de seus argumentos, mas p63 mostra que ele ainda não deixou de lado a lousa em branco enquanto tenta explicar tendências na sociedade em termos das extensões culturais do S2. Como ele faz em muitos outros lugares em seus

escritos, ele dá razões culturais e históricas para o comportamento, mas parece bastante óbvio para mim (como era para W) que a visão mecânica da mente existe pela mesma razão que quase todos os comportamentos — é a operação padrão do nosso EP que busca explicações em termos do que podemos deliberadamente pensar através lentamente, em vez de no S1 automatizado, do qual permanecemos principalmente alheios. Como observado acima, Searle descreveu isso como TPI. Novamente, no p65, acho a descrição de W de nossa psicologia herdada axiomática e suas extensões em seu OC e outras obras para serem mais profundas que as de S (ou de qualquer um), e por isso NÃO estamos "confiantes" de que os cães estão conscientes, mas sim que não está aberto a dúvidas. Consulte a seção anterior deste artigo que trata da OC e do DMS.

Capítulo 5 bem demoli CTM, LOT etc., observando que 'computation', 'informação', 'syntax', 'algoritmo', 'lógica', 'programa', etc., são termos relativos a observadores (ou seja, psicológicos) e não têm nenhum significado físico ou matemático (COS) nesse sentido psicológico, mas é claro que há outros sentidos que eles têm sido dados recentemente à medida que a ciência se desenvolveu. Mais uma vez, as pessoas são enfeitiçadas pelo uso da mesma palavra para ignorar essa grande diferença em seu uso (significado). Esses comentários são todas extensões do clássico Wittgenstein e, nesta conexão, recomendo os papéis de Hutto e Read também.

Capítulo 6 "A Ilusão Phenomenológica" (TPI) é de longe meu favorito, e, ao demolir esse campo, mostra tanto suas habilidades lógicas supremas quanto sua falha em compreender todo o poder tanto do W posterior, quanto o grande valor heurístico do psicológico recente pesquisa sobre os dois eus. É claro como cristal que o TPI é devido ao esquecimento dos automatismos de S1 e a tomar o lento pensamento consciente de S2 como não apenas primário, mas como tudo o que existe. Esta é a clássica cegueira de Ardósia Em Branco. É claro que W mostrou isso cerca de 60 anos antes e também deu a razão para isso na primazia da rede axiomática automática inconsciente do nosso sistema 1 inata. Como tantos outros, Searle dança ao redor, mas nunca chega lá. Muito mais ou menos, em relação às características "independentes do observador" do mundo como Características s1 e "dependente de observadores", pois S2 deve ser muito revelador. Como s observa, Heidegger e os outros têm a ontologia exatamente para trás, mas é claro que quase todos devido aos padrões de seu EP.

Mas o importante é que S não dá o próximo passo para perceber que o TPI não é apenas uma falha de alguns filósofos, mas uma cegueira universal ao nosso EP que é incorporado em Pe. Ele realmente afirma isso em quase essas palavras em um ponto, mas se ele realmente conseguiu como ele poderia não apontar suas imensas implicações para o mundo. Com raras exceções (por exemplo, os Jaina Tirthankaras que remontam a mais de 5.000 anos para o início da civilização indoe e, mais recentemente, e notavelmente Osho, Buda, Jesus, Bodhidharma, Da Free John etc.), somos todos bonecos de carne tropeçando na vida em nossa missão geneticamente programada para destruir a Terra. Nossa preocupação quase total em usar a segunda personalidade self S2 para satisfazer as

gratificações infantis de S1 está criando Hell On Earth. Como acontece com todos os organismos, trata-se apenas de reprodução e acumulação de recursos para isso. Sim, muito barulho sobre o aquecimento global e o iminente colapso da civilização industrial no próximo século, mas nada é provável que o impeça. S1 escreve a peça e S2 age fora. Dick e Jane só querem brincar de casa — esta é a mamãe e este é o papai e isso e isso e este é o bebê. Talvez possa-se dizer que tpi é que somos humanos e não apenas outro primata.

Capítulo 7 sobre a natureza do eu é bom, mas nada realmente me pareceu novo. Capítulo 8 sobre dualismo patrimonial é muito mais interessante, embora principalmente uma reformulação de seu trabalho anterior. A última de suas citações iniciais acima resume isso, e é claro que a insistência na natureza crítica do primeiro-a ontologia pessoal é totalmente wittgensteiniana. O único grande erro que vejo é sua lista em branco ou (cultural) tipo de explicação na p 158 para os erros do dualismo, quando na minha opinião, é claramente outra instância do TPI — um erro que ele (e quase todos os outros) cometeu muitas vezes, e repete no p177 etc., no capítulo 9. O programa genes S1 que (principalmente) puxa as cordas (contraí os músculos) dos bonecos de carne via S2. Fim da história. Mais uma vez, ele precisa ler meus comentários ou os do DMS no W's OC para que ele mude a "boa razão para acreditar" na parte inferior do p171 e o topo do p172 para "saber" (no sentido verdadeiro).

Um ponto crítico é feito novamente no p169. "Assim, dizer algo e significando isso envolve duas condições de satisfação. Em primeiro lugar, a condição de satisfação de que a expressão será produzida, e segundo, que a própria expressão terá condições de satisfação." Uma forma de em relação a isso é que o sistema automático inconsciente 1 ativa a maior personalidade consciente cortical do Sistema 2, trazendo contrações musculares da garganta que informam outras que vê o mundo de certas maneiras, que o comprometem com possíveis ações. Um enorme avanço sobre interações pré-linguísticas ou proto-interações linguísticas em que apenas movimentos musculares brutos foram capazes de transmitir informações muito limitadas sobre intenções e S faz um ponto semelhante no Capítulo 10. O programa genes S1 que (principalmente) puxa as cordas (contraí os músculos) dos bonecos de carne via S2. Fim da história. Novamente, ele precisa ler meus comentários e os do DMS, Coliva, Andy Hamilton etc., no W's OC para que ele mude a "boa razão para acreditar" na parte inferior do p171 e no topo do p172 para "saber" (no sentido verdadeiro).

Seu último capítulo "A Unidade da Proposição" (anteriormente inédito) também se beneficiaria muito da leitura de "On Certainty" ou os vários livros e jornais do DMS, pois deixam clara a diferença entre as verdadeiras frases que descrevem S1 e propostas verdadeiras ou falsas descrevendo S2. Isso me parece uma abordagem muito superior às percepções s1 de S1 como proposicional, já que só se tornam T ou F depois que um começa a pensar neles em S2. No entanto, seu ponto de que as proposições permitem declarações de verdade real ou potencial e falsidade, do passado e do futuro e da fantasia, e, assim, fornecem um enorme avanço sobre o pre ou proto-sociedade linguística, é coerente. Como

ele afirma: "Uma proposta é qualquer coisa que possa determinar uma condição de satisfação... e uma condição de satisfação... é que tal e tal é o caso. Ou, é preciso acrescentar, isso pode ser ou pode ter sido ou pode ser imaginado ser o caso.

No geral, pnc é um bom resumo dos muitos avanços substanciais sobre Wittgenstein resultantes do meio século de trabalho de S, mas na minha opinião, W ainda é desigual uma vez que você entende o que ele está dizendo. Idealmente, eles devem ser lidos juntos: Searle para a clara prosa coerente e generalizações, ilustrado com exemplos perspicazes de W e aforismos brilhantes. Se eu fosse muito mais jovem, escreveria um livro fazendo exatamente isso.

"Então, funções de status são a cola que mantém a sociedade unida. Eles são criados pela intencionalidade coletiva e funcionam carregando poderes desonóticos... Com a importante exceção da própria linguagem, toda a realidade institucional e, portanto, de certa forma, toda a civilização humana é criada por atos de fala que têm a forma lógica de Declarações... toda a realidade institucional humana é criada e mantida na existência por (representações que têm a mesma forma lógica que) Declarações de Função de Status, incluindo os casos que não são atos de fala na forma explícita de Declarações."

Searle MSWp11-13

"Crenças, como declarações, têm a direção para baixo ou mente (ou palavra) para o mundo de ajuste. E desejos e intenções, como ordens e promessas, têm a direção ascendente ou mundial (ou palavra) de ajuste. Crenças ou percepções, como declarações, devem representar como as coisas estão no mundo, e nesse sentido, elas devem se encaixar no mundo; eles têm a direção da mente-mundo de ajuste. Os estados conativos- volitantes, como desejos, intenções e intenções de ação anteriores, como ordens e promessas, têm a direção mundial-mente de ajuste. Eles não devem representar como as coisas são, mas como gostaríamos que elas fossem ou como pretendemos fazê-las ser... Além dessas duas faculdades, há uma terceira, imaginação, na qual o conteúdo proposicional não deve se encaixar na realidade da maneira que o conteúdo proposicional de cognição e volição deve se encaixar... o compromisso mundial está abandonado e temos um conteúdo proposicional sem qualquer compromisso que represente com qualquer direção de ajuste." Searle MSWp15

"Assim como em estados intencionais podemos fazer uma distinção entre o tipo de Estado ... e o conteúdo do Estado... então, na teoria da linguagem podemos fazer uma distinção entre o tipo de ato de fala que é... e o conteúdo proposicional... temos o mesmo conteúdo proposicional com diferentes modos psicológicos no caso dos estados intencionais, e diferentes força ou tipo no caso dos atos de fala. Além disso, assim como minhas crenças podem ser verdadeiras ou falsas e, portanto, ter a direção da mente-para-mundo de ajuste, para que minhas declarações possam ser verdadeiras ou falsas e, portanto, ter a direção palavra-a-mundo de ajuste. E assim como meus desejos ou intenções não podem ser verdadeiros ou falsos, mas podem estar de várias maneiras satisfeitos ou insatisfeitos,

então minhas ordens e promessas não podem ser verdadeiras ou falsas, mas podem estar de várias maneiras satisfeitas ou insatisfeitas — podemos pensar em todos os Estados intencionais que têm todo um conteúdo proposicional e uma direção de ajuste como representações de suas condições de satisfação. Uma crença representa suas condições de verdade, um desejo representa suas condições de cumprimento, uma intenção que representa a realização de condições... O Estado intencional representa suas condições de satisfação... as pessoas erroneamente supõem que cada representação mental deve ser conscientemente pensada... mas a noção de uma representação como estou usando é uma noção funcional e não ontológica. Qualquer coisa que tenha condições de satisfação, que possam ter sucesso ou falha de uma forma característica da intencionalidade, é, por definição, uma representação de suas condições de satisfação... podemos analisar a estrutura da intencionalidade dos fenômenos sociais analisando suas condições de satisfação." Searle MSW p28-32

"Os quatro primeiros tipos de atos de fala têm análogos exatos em estados intencionais: correspondentes a assertivos são crenças, correspondentes às Diretrizes são desejos, correspondentes aos Comissários são intenções e correspondente a suestria siexpressos é toda a gama de emoções e outros estados intencionais onde o Presup fit é dado como certo. Mas não há análogo pré-linguístico para as Declarações. Estados intencionais pré-linguísticos não podem criar fatos no mundo representando esses fatos como já existentes. Este feito notável requer uma linguagem" MSW p69

"Orador significando... é a imposição de condições de satisfação em condições de satisfação. A capacidade de fazer isso é um elemento crucial das capacidades cognitivas humanas. Requer a capacidade de pensar em dois níveis ao mesmo tempo, de uma forma essencial para o uso da linguagem. Em um nível, o orador intencionalmente produz uma declaração física, mas em outro nível a expressão representa algo. E a mesma dualidade infecta o símbolo em si. Em um nível, é um objeto físico como qualquer outro. Em outro nível, tem um significado: representa um tipo de estado de coisas" MSW p74

"... uma vez que você tem linguagem, é inevitável que você terá deontologia porque não há nenhuma maneira que você pode fazer atos de fala explícito realizados de acordo com os conventions de uma língua sem criar compromissos. Isso é verdade não apenas para declarações, mas para todos os atos de discurso" MSW p82

Isso traz à tona outro ponto que é proeminente em W, mas negado por S, que tudo o que podemos fazer é dar descrições e não uma teoria. S insiste que ele está fornecendo teorias, mas é claro que "teoria" e "descrição" são jogos de linguagem também e me parece que a teoria de S é geralmente a descrição de W — uma rosa de qualquer outro nome.... O ponto de W foi que, ao aderir a exemplos perspicazes que todos sabemos ser relatos verdadeiros de nosso comportamento, evitamos a rapidez das teorias que tentam explicar todos os comportamentos (todos os jogos de idioma), enquanto S quer generalizar e inevitavelmente se desviar (ele dá vários exemplos de seus próprios erros no PNC). À

medida que S e outros modificam infinitamente suas teorias para explicar os jogos linguísticos multifásicos, eles se aproximam cada vez mais de descrever o comportamento por meio de inúmeros exemplos, assim como W.

Os Jogos de Língua Primária (PLG's) são as simples declarações automatizadas por nosso involuntário, Sistema 1, pensamento rápido, neurônio espelho, apenas, estados não proposicionais, mentais, nossas percepções e memórias e atos reflexivos ('vontade') incluindo o Sistema 1 Verdades e UA1 --Compreensão da Agência 1 - e Emoções1 - como alegria, amor, raiva, que pode ser descrita causalmente, enquanto os Jogos evolutivamente posteriores de Linguagem Secundária (SLG's) são expressões ou descrições de voluntário, Sistema 2, pensamento lento, mentalização neurônios, verdade testável ou falso, proposicional, Verdade2 e UA2 e Emotions2- alegria, amor, ódio, a imaginação disposicional (e muitas vezes contrafactual), supondo, pretendendo, pensando, sabendo, acreditando, etc., que só pode ser descrito em termos de razões (ou seja, é um fato que tenta descrever o Sistema 2 em termos de neuroquímica, física atômica, matemática, simplesmente não faz sentido - veja W por muitos exemplos e Searle para boas disquisições sobre isso).

Não é possível descrever os automatismos do Sistema 1 em termos de razões (por exemplo, 'eu vejo isso como uma maçã porque...') a menos que você queira dar uma razão em termos de EP, genética, fisiologia, e como W tem demonstrado repetidamente não faz sentido dar "explicações" com a previsão de que eles farão sentido no futuro - 'Nada está escondido'-- eles fazem sentido agora ou nunca.

Um heurístico poderoso é separar o comportamento e a experiência em Intencionalidade 1 e Intencionalidade 2 (por exemplo, Thinking 1 e Thinking 2, Emotions 1 e Emotions 2 etc.) e até mesmo em Verdades 1 (Apenas axiomas) e Verdades 2 (extensões empíricas ou "Teoremas" que resultado da extensão lógica de Verdades 1). W reconheceu que 'Nada é Escondido'-ou seja, toda a nossa psicologia e todas as respostas para todas as perguntas filosóficas estão aqui em nossa língua (nossa vida) e que a dificuldade não é encontrar as respostas, mas reconhecê-las como sempre aqui na nossa frente - nós só temos que pare de tentar olhar mais fundo.

As ideias aqui já estão publicadas e nada será uma surpresa para aqueles que acompanharam o trabalho de Searle.

Eu sinto que W tem uma melhor compreensão da conexão mente/linguagem, como ele as considera sinônimo em muitos contextos, e seu trabalho é uma brilhante exposição da mente como exemplificado em inúmeros exemplos perspicazes de uso da linguagem. Como citado acima, "Agora, se não são as conexões causais com as quais estamos preocupados, então as atividades da mente estão abertas diante de nós." Pode-se negar que qualquer revisão de nossos conceitos (jogos linguísticos) de causalidade ou livre arbóio. Você pode ler qualquer página de W pelas razões. Uma coisa é dizer coisas bizarras sobre

o mundo usando exemplos da mecânica quântica, incerteza etc., mas outra é dizer qualquer coisa relevante para o nosso uso normal de palavras.

As estruturas deonticas ou a "cola social" são as ações rápidas automáticas do S1 produzindo as lentas disposições do S2 que são inexoravelmente expandidas durante o desenvolvimento pessoal em uma ampla gama de relações desontic a cultura isonóticas universais inconscientes automáticas com outros (S3). Embora este seja o meu precis de comportamento espero que ele descreva bastante o trabalho de S.

Parece bastante óbvio para mim (como era para W) que a visão mecânica da mente existe pela mesma razão que quase todo o comportamento — é a operação padrão do nosso EP que busca explicações em termos do que podemos deliberadamente pensar através lentamente, e não no S1 automatizado, do qual permanecemos principalmente alheios (TPI). Acho que a descrição de W de nossa psicologia herdada axiomática e suas extensões em seu OC e outros trabalhos do 3º período são mais profundas que a de S (ou de qualquer um), e por isso não estamos 'confiantes' de que os cães estão conscientes, mas sim que não está aberto a (não possível) dúvida.

Agora vamos rever o brilhante resumo de Searle de seus muitos anos de trabalho sobre a estrutura lógica da "cola social" que mantém a sociedade unida como estabelecido é seu 'Making the Social World' (2010).

Uma noção crítica introduzida pelo S há muitos anos é as Condições de Satisfação (COS) em nossos pensamentos (proposições de S2) que W chamou de inclinações ou disposições para agir - ainda chamada pelo termo inapropriado "atitudes proposicionais" por muitos. A COS é explicada pela S em muitos lugares, como no p169 do PNC: "Assim, dizer algo e significando que envolve duas condições de satisfação. Em primeiro lugar, a condição de satisfação de que a expressão será produzida, e segundo, que a própria expressão terá condições de satisfação." Como s afirma no PNC: "Uma proposta é qualquer coisa que possa determinar uma condição de satisfação... e uma condição de satisfação... é que tal e tal é o caso. Ou, é preciso acrescentar, isso pode ser ou pode ter sido ou pode ser imaginado ser o caso, como ele deixa claro na MSW. Em relação às intenções, "Para ser satisfeito, a intenção em si deve funcionar de forma cáusticamente na produção da ação". (MSWp34).

A maioria se beneficiará muito da leitura de "On Certainty" ou "RPP1 e 2" ou dois livros do DMS sobre OC (veja minhas opiniões) à medida que deixam clara a diferença entre frases somente verdadeiras descrevendo S1 e propostas verdadeiras ou falsas descrevendo S2. Isso me parece uma abordagem muito superior às percepções s1 de S1 como proposicional (pelo menos em alguns lugares de seu trabalho) já que eles só podem se tornar T ou F (aspectual como S os chama aqui) depois que um começa a pensar neles em S2. No entanto, seu ponto no PNC de que as proposições permitem declarações de verdade real ou potencial e falsidade, do passado e do futuro e da fantasia, e, assim, fornecem um enorme avanço sobre a sociedade pré ou proto-linguística, é coerente.

S frequentemente descreve a necessidade crítica de notar os vários níveis de descrição de um evento, por isso para IA (Intenção em Ação) "Temos diferentes níveis de descrição onde um nível é constituído pelo comportamento no nível inferior... além do constitutivo por meio de relação, também temos o causal por meio de relação." (p37).

Assim, reconhecer o S1 é apenas ascendentemente causal e incontente (sem "representações" ou "informações"-enquanto S2 tem "conteúdo" e é descendentemente causal (por exemplo, ver Hutto e Myin's 'Radical Enactivism') eu mudaria os parágrafos de p39 começando "Em suma" e terminando em PG 40 com "condições de satisfação" como segue.

Em suma, percepção, memória e intenções reflexivas e ações ('vontade') são causadas pelo funcionamento automático do nosso EP axiomático s1. Através de intenções e intenções anteriores em ação, tentamos combinar como desejamos que as coisas sejam com a forma como pensamos que elas são. Devemos ver que a crença, o desejo (e a imaginação — deseja que o tempo seja deslocado e tão dissociado da intenção) e outras disposições proposicionais s2 de nosso pensamento lento mais tarde evoluído segundo eu, são totalmente dependentes (ter seu COS em) o CSR (Causicamente Auto Reflexivo) rapidamente automático primitivo verdadeiro apenas reflexivo S1. Na linguagem e talvez na neurofisiologia existem casos intermediários ou misturados, como intenção (intenções prévias) ou lembrar, onde a conexão causal com COS (ou seja, com S1) é deslocada no tempo, pois representam o passado ou o futuro, ao contrário de S1, que está sempre no presente. Os dois sistemas se alimentam um do outro e muitas vezes são orquestrados pelas relações culturais desonéticas aprendidas perfeitamente, de modo que nossa experiência normal é que controlamos conscientemente tudo o que fazemos. Esta vasta arena de ilusões cognitivas que dominam nossa vida S descreveu como "A Ilusão Fenomenológica".

Ele termina este capítulo incrível repetindo talvez pela 10ª vez em seus escritos, o que eu considero um erro muito básico que ele compartilha com quase todos — a noção de que a experiência do "livre arbóio". Segue-se de forma muito simples e inexorável, tanto do trabalho do 3º período de W quanto das observações da psicologia contemporânea, que 'vontade', 'auto' e 'consciência' são elementos verdadeiros axiomáticos do Sistema 1 como ver, ouvir, etc., e não há possibilidade (inteligibilidade) de (demonstração de dar sentido) à sua falsidade. Como W deixou tão maravilhosamente claro inúmeras vezes, eles são a base para o julgamento e por isso não podem ser julgados. S entende e usa basicamente esse mesmo argumento em outros contextos (por exemplo, ceticismo, solipsismo) muitas vezes, por isso é bastante surpreendente que ele não possa ver essa analogia. Ele comete esse erro com frequência quando diz coisas como que temos "boas evidências" de que nosso cão está consciente etc. Os verdadeiros axiomas de nossa psicologia não são probatórios. Aqui você tem um dos melhores psicólogos descritivos desde W, então isso não é um erro estúpido.

Seu resumo de deontics no p50 precisa de tradução. Assim, "Você tem que ter uma forma pré-linguística de intencionalidade coletiva, na qual as formas linguísticas são construídas, e você tem que ter a intencionalidade coletiva da conversa para assumir o compromisso" é muito mais claro se complementado com "O axiomática pré-linguística de S1 está por trás das disposições linguísticas do S2 (ou seja, nosso EP) que evoluem durante nosso amadurecimento em suas manifestações culturais."

Uma vez que as declarações de função de status desempenham um papel central nas desonticas é fundamental entendê-las e por isso ele explica a noção de 'função' que é relevante aqui. "Uma função é uma causa que serve a um propósito... Nesse sentido, as funções são relativas à intencionalidade e, portanto, dependentes da mente... funções de status... Exigem... imposição coletiva e reconhecimento de um status" (p59).

Novamente, sugiro que a tradução de "A intencionalidade da linguagem seja criada pela intrínseca, ou intencionalidade independente dos seres humanos" (p66) como "A disposição linguística e consciente de S2 é gerada pelas funções reflexivas axiomáticas inconscientes do S1" (p68). Ou seja, é preciso ter em mente que o comportamento é programado pela biologia.

No entanto, eu me oponho fortemente às suas declarações sobre p66-67 e em outros lugares em seus escritos que S1 (ou seja, memórias, percepções, atos reflexos) tem uma estrutura proposicional (ou seja, verdadeira-falsa). Como eu tenho observado acima, e muitas vezes em outras revisões, parece cristalino que W está correto, e é básico para entender o comportamento, que apenas S2 é proposicional e S1 é axiomática e somente verdadeira. Ambos têm COS e Direções de Fit (DOF) porque a intencionalidade genética e axiomática do S1 gera a de S2, mas se a S1 fosse proposicional no mesmo sentido significaria que o ceticismo é inteligível, o caos que era filosofia antes de W voltaria, e de fato a vida social (e talvez toda a vida animal dependendo do que se considera como "proposições") não seria possível. Como W mostrou inúmeras vezes e a biologia mostra tão claramente, a vida deve ser baseada na certeza: reações rápidas inconscientes automatizadas. Organismos que sempre têm uma dúvida e pausa para refletir morrerão (não poderia evoluir).

Ao contrário de seus comentários (p70) não consigo imaginar uma linguagem sem palavras para objetos materiais mais do que posso imaginar um sistema visual que não pode vê-los, pois é a primeira e mais básica tarefa de visão para segmentar o mundo em objetos e assim a linguagem para descrevê-los. Da mesma forma, não vejo nenhum problema com objetos sendo salientes no campo consciente nem com frases sendo segmentadas em palavras. Como poderia ser de outra forma para seres com nossa história evolutiva?

No p72 e em outros lugares, ajudará a lembrar que as expressões são as imprevidas reflexivas PLG's of S1, enquanto as representações são as disposicionais jogos de idioma

secundário de S2.

Outra tradução da 'Filosofese' para o inglês é necessária para o segundo parágrafo no p79 começando 'Até agora' e terminando 'ouvido antes'. "Transmitimos significado falando uma linguagem pública composta de palavras em frases com uma sintaxe."

Às suas perguntas 4 e 5 no p105 quanto à natureza especial da linguagem e da escrita, eu responderia: "Eles são especiais porque o curto comprimento de onda de vibrações dos músculos vocais permite uma transferência de informações de largura de banda muito maior do que contrações de outros músculos e isso é, em média, várias ordens de magnitude maior para informações visuais."

No p106, uma resposta geral à pergunta 2 (Como nos safamos com isso — ou seja, por que funciona) é o EP e o S1 e sua afirmação de que "Minha principal estratégia de exposição neste livro é tentar fazer com que ofamiliar parecer estranho e marcante" é, naturalmente, o clássico Wittgenstein. Sua afirmação na próxima página de que não há resposta geral para por que as pessoas aceitam instituições é claramente errada. Eles os aceitam pela mesma razão que fazem de tudo — seu EP é o resultado de uma forma física inclusiva. Facilitou a sobrevivência e a reprodução no EEE (Ambiente de Adaptação Evolutiva). Tudo sobre nós fundo físico e mentalmente na genética. Toda a conversa vaga aqui (por exemplo, p114) sobre "convenções extra-linguísticas" e "semântica semântica extra" está de fato se referindo ao Pe e especialmente aos automatismos inconscientes de S1 que são a base para todo o comportamento. Sim, como W disse muitas vezes, o mais familiar é por essa razão invisível.

A sugestão de S (p115) de que a linguagem é essencial para os jogos é certamente equivocada. Surdos totalmente analfabetos podiam jogar cartas, futebol e até xadrez, mas é claro que uma habilidade mínima de contagem seria necessária. Concordo (p121) que a capacidade de fingir e imaginar (por exemplo, as noções contrafactual ou como-se envolvidas no tempo e na mudança de espaço) são, em plena forma, habilidades exclusivamente humanas e críticas ao pensamento de ordem superior. Mas mesmo aqui há muitos precursores de animais (como deve haver), como a postura de combates rituais e danças de acasalamento, a decoração de locais de acasalamento por pássaros bower, a pretensão de asa quebrada de pássaros-mãe, falsas chamadas de alarme de macacos, peixes 'mais limpos' que tomam um mordido fora de suas presas e simulação de estratégias de falcão e pomba (trapaceiros) em muitos animais.

Mais tradução é necessária para sua discussão sobre racionalidade (p126 et seq.). Dizer que o pensamento é proposicional e lida com "entidades factativas" verdadeiras ou falsas significa que é uma disposição Típica S2 que pode ser testada, em oposição às funções cognitivas automáticas verdadeiras do S1.

Em 'Livre Arbítrio, Racionalidade e Fatos Institucionais' ele atualiza partes de seu livro

clássico 'Racionalidade em Ação' e cria alguma nova terminologia para descrever o aparato formal de razões práticas que eu não acho feliz. "Entidades factativas não parecem diferentes das disposições e 'motivador' (desejo ou obrigação), 'efetivador' (músculos do corpo), 'constitutor' (músculos da fala) e 'razão total' (todas as disposições relevantes) não parecem, pelo menos aqui parecem adicionar clareza (p126-132).

Devemos fazer algo aqui que raramente acontece nas discussões sobre o comportamento humano e nos lembrar de sua biologia. A evolução por aptidão inclusiva programou as ações causais reflexivas inconscientes de S1 que muitas vezes dão origem ao pensamento consciente lento do S2 (muitas vezes modificado pelas extensões culturais do S3), que produz razões para ações que muitas vezes resultam na ativação dos músculos do corpo e/ou da fala por S1 causando ações. O mecanismo geral é através da neurotransmissão e por mudanças em vários neuromoduladores em áreas alvo do cérebro. Isso pode parecer infelicitoso também, mas tem a virtude de que é baseado em fatos, e dada a complexidade do pensamento de nossa ordem superior, eu não acho que uma descrição geral vai ficar muito mais simples. A ilusão cognitiva global (chamada por S 'A Ilusão Fenomenológica') é que S2 gerou a ação conscientemente por razões das quais estamos plenamente conscientes e no controle, mas qualquer pessoa familiarizada com a biologia moderna e psicologia sabe que essa visão não é crível.

Mais uma vez, vou repetir algumas noções cruciais. Outra ideia esclarecida pela S é o Desejo Independente Razões de Ação (DIRA). Eu traduziria o resumo da razão prática de S no p127 de MSW da seguinte forma: "Nós cedemos aos nossos desejos (necessidade geneticamente programada de alterar a química cerebral), que normalmente incluem Desire-Independent Reasons for Action (DIRA--i.e., desejos deslocados no espaço e no tempo), que produzem disposições para comportamentos que comumente resultam mais cedo ou mais tarde em movimentos musculares que servem ao nosso condicionamento físico inclusivo (maior sobrevivência para genes em nós mesmos e naqueles intimamente relacionados)." E eu reafirmaria sua descrição no p129 de como realizamos DIRA2 (ou seja, o jogo de idiomas da DIRA no Sistema 2) como "A resolução do paradoxo é que o DIRA1 inconsciente servindo a aptidão inclusiva de longo prazo gera o DIRA2 consciente que muitas vezes sobrepõe os desejos pessoais imediatos de curto prazo" Os agentes criam conscientemente as razões proximate da DIRA2, mas estas são extensões muito restritas do DIRA1 inconsciente (a causa final). Obama e o Papa desejam ajudar os pobres porque é "certo", mas a causa final é uma mudança em sua química cerebral que aumentou a aptidão inclusiva de seus ancestrais distantes (e também, por exemplo, o Supremacismo Neomarxista do Terceiro Mundo destruindo a América e o mundo).

A evolução por aptidão inclusiva programou as ações causais reflexivas inconscientes do S1, que muitas vezes dão origem ao pensamento consciente lento do S2, que produz razões para ações que muitas vezes resultam na ativação dos músculos do corpo e/ou da fala por S1 causando ações. O mecanismo geral é através tanto da neurotransmissão quanto por mudanças em neuromoduladores em áreas alvo do cérebro. A ilusão cognitiva global

(chamada por S 'A Ilusão Fenomenológica', por Pinker 'The Blank Slate' e por Tooby e Cosmides 'The Standard Social Science Model') é que s2 gerou a ação conscientemente por razões das quais estamos plenamente conscientes e no controle, mas qualquer pessoa familiarizada com a biologia moderna e psicologia pode ver que essa visão não é crível.

Assim, traduziria seu resumo da razão prática no p127 da seguinte forma: "Cedemos aos nossos desejos (necessidade de alterar a química cerebral), que normalmente incluem Desire –Independent Reasons for Action (DIRA- ou seja, desejos deslocados no espaço e no tempo, na maioria das vezes para altruísmo recíproco), que produzem disposições para comportamentos que comumente resultam mais cedo ou mais tarde em movimentos musculares que servem à nossa aptidão inclusiva (aumento da sobrevivência para genes em nós mesmos e nos intimamente relacionados)."

Ao contrário do comentário de S sobre p128 eu acho que, se adequadamente definido, dira são universais em animais mais altos e não é de todo único para os seres humanos (pense mãe galinha defendendo sua ninhada de uma raposa) se incluirmos os reflexos pré-linguísticos automatizados de S1 (ou seja, DIRA1), mas certamente a maior ordem DIRA de S2 ou DIRA2 que requerem linguagem são exclusivamente humanas. Isso me parece uma descrição alternativa e mais clara de sua "explicação" (como W sugeriu que estes são muito mais bem chamados de "descrição") no fundo do p129 do paradoxo de como podemos realizar voluntariamente DIRA2 (ou seja, os desejos S2 e suas extensões culturais). Ou seja, "A resolução do paradoxo é que o reconhecimento de razões independentes do desejo pode fundamentar o desejo e, assim, causar o desejo, embora não seja logicamente inevitável que eles façam e não empiricamente universais que fazem" pode ser traduzida como "A resolução do paradoxo é que o DIRA1 inconsciente servindo a forma física inclusiva de longo prazo gere o DIRA2 consciente que muitas vezes anula os desejos imediatos pessoais de curto prazo". Da mesma forma, para sua discussão sobre este assunto no p130-31 — é EP, RA, IF, S1 (Psicologia Evolutiva, Altruísmo Recíproco, Aptidão Inclusiva, Sistema 1) que fundamentam as disposições e ações subsequentes do S2.

No p140 ele pergunta por que não podemos obter deontics da biologia, mas é claro que devemos obtê-los da biologia, pois não há outra opção e a descrição acima mostra como isso acontece. Ao contrário de sua afirmação, as inclinações mais fortes do DO sempre prevalecem (por definição, caso contrário não é a mais forte), mas a desonética funciona porque a programação inata de RA e IF anulam desejos pessoais imediatos de curto prazo. Sua confusão de natureza e nutrição, de S1 e S2, estende-se às conclusões 2 e 3 no p143. Os agentes realmente criam as razões proximate da DIRA2, mas estas não são nada, mas, com poucas exceções, extensões muito restritas de DIRA1 (a causa final). Se ele realmente quer atribuir desontics às nossas decisões conscientes sozinho, então ele é vítima de 'A Ilusão Phenomenológica'(TPI), que ele tão lindamente demolido em seu papel clássico desse nome (veja a minha revisão do PNC). Como eu notei acima, há um enorme corpo de pesquisas recentes sobre cognição implícita expondo as ilusões cognitivas que compõem

nossa personalidade. O TPI não é apenas um erro filosófico inofensivo, mas um esquecimento universal à nossa biologia que produz a ilusão de que controlamos nossa vida, nossa sociedade e o mundo, e as consequências são quase certos colapsos da civilização industrial durante os próximos 150 anos.

Ele observa corretamente que a racionalidade humana não faz sentido sem a "lacuna" (na verdade, 3 lacunas que ele discutiu muitas vezes). Ou seja, sem livre arbítrio (ou seja, escolha) em algum sentido não trivial seria tudo inútil, e ele observou com razão que é inconcebível que a evolução possa criar e manter uma charada genética e energeticamente desnecessária. Mas, como quase todos os outros, ele não pode ver sua saída e assim mais uma vez ele sugere (p133) que a escolha pode ser uma ilusão. Pelo contrário, seguindo W, é bastante claro que a escolha faz parte de nossas ações reflexivas axiomáticas S1 e não pode ser questionada sem contradição, pois s1 é a base para o questionamento. Você não pode, no caso normal, duvidar que está lendo esta página, pois sua consciência sobre ela é a base para duvidar.

Agora vamos revisar brevemente o livro mais recente de Searle, "Seeing Things As They Are" (STATA-2015). Veja a crítica completa para mais comentários.

Como se espera de qualquer filosofia, estamos em apuros imediatamente, pois na página 4 temos os termos "percepção" e 'objeto' como se fossem usados em algum sentido normal, mas estamos fazendo filosofia, então vamos ser ondulantes entre jogos de idiomas sem chance de manter nossos jogos do dia a dia distintos dos vários filosóficos. Mais umavez, você pode ler alguns dos "Neurociência e Filosofia" de Bennett e Hacker ou "Fundações Filosóficas da Neurociência" para ter uma noção disso. Infelizmente, como quase todos os filósofos, Searle (S) ainda não adotou a estrutura de dois sistemas, por isso é muito mais difícil manter as coisas em linha reta do que precisa ser.

No p6, Acreditar e Afirmar fazem parte do sistema 2 que é linguístico, deliberativo, lento, sem tempo preciso de ocorrência, e 'está chovendo' é sua Condição pública de Satisfação (COS2) (transitiva de Wittgenstein) —ou seja, é proposicional e representacional e não um estado mental e só podemos intelecto descrevê-lo em termos de razões, enquanto a Experiência Visual (VisExp) é o sistema 1 e assim requer (para inteligibilidade, para sanidade) que ele está chovendo (é COS1) e tem um tempo determinado de ocorrência, é rápido (tipicamente abaixo de 500mseg), não testável (somente ou intransitivo de Wittgenstein), e não público, automático e não linguístico, ou seja, não proposicional e apresentacional e apenas indescritível em termos de causas de um estado mental. Apesar disso no p7 depois de esmagar o terrível (mas ainda bastante popular) termo "atitude proposicional", ele diz que a percepção tem conteúdo proposicional, mas concordo com W que s1 é apenas verdade e, portanto, não pode ser proposicional em nada parecido com o sentido de S2 onde as proposições são públicas statements (COS) que são verdadeiras ou falsas.

No p12 tenha em mente que ele está descrevendo a automaticidade do Sistema 1 (S1), e então ele observa que para descrever o mundo só podemos repetir a descrição, que W observou como mostrando os limites da linguagem. A última frase para o final do parágrafo no meio do p13 precisa traduzir (como a maioria da filosofia!) de modo que para "A experiência subjetiva tem um conteúdo, que os filósofos chamam de conteúdo intencional e a especificação do conteúdo intencional é a mesma que a descrição do estado das coisas que o conteúdo intencional lhe apresenta etc." Eu diria : "Percepções são estados mentais do Sistema 1 que só podem ser descritos na linguagem pública do Sistema 2." E quando ele termina notando novamente a equivalência de uma descrição de acreditar com a de uma descrição de nossa percepção, ele está repetindo o que W observou há muito tempo, e que é devido ao fato de que S1 não é linguístico e que descrever, acreditar, saber, esperar, etc. são todos os modos psicológicos ou intencionais diferentes ou jogos linguísticos jogados com as mesmas palavras.

No p23 ele se refere a "experiências" privadas, mas as palavras são S2 e descrevem eventos públicos, então o que garante o nosso uso da palavra para "experiências privadas" (ou seja, S1) só pode ser suas manifestações públicas (S2) — ou seja, linguagem que todos usamos para descrever atos públicos, como mesmo para mim eu não posso ter nenhuma maneira de anexar a linguagem a algo interno. Este é, naturalmente, o argumento de W contra a possibilidade de uma língua privada. Ele também menciona várias vezes que alucinações de X são as mesmas que verX, mas qual pode ser o teste para isso, exceto que estamos inclinados a usar as mesmas palavras? Neste caso, eles são os mesmos por definição, então este argumento soa oco.

No topo p35, ele novamente ataca corretamente o uso de 'atitude proposicional' que não é uma atitude para uma frase, mas uma atitude (disposição) para seu COS público, ou seja, para o fato ou veridemaker. Então ele diz: "Por exemplo, se eu vejo um homem na minha frente, o conteúdo é que há um homem na minha frente. O objeto é o próprio homem. Se estou tendo uma alucinação correspondente, a experiência perceptiva tem um conteúdo, mas nenhum objeto. O conteúdo pode ser exatamente o mesmo nos dois casos, mas a presença de um conteúdo não implica a presença de um objeto." A maneira como vejo isso é que o 'objeto' está normalmente no mundo e cria o estado mental (S1) e se colocarmos isso em palavras torna-se S2 com COS2 (ou seja, um fazedor de verdade pública) e isso implica o objeto público, mas para uma alucinação (ou estimulação cerebral direta et c.) o 'objeto' é apenas o estado mental semelhante resultante da ativação cerebral.

Como W nos mostrou, o grande erro não é entender a percepção, mas sobre entender a linguagem — todos os problemas da filosofia propriamente ditas são exatamente os mesmos — falhaem em olhar cuidadosamente como a linguagem funciona em um contexto específico, de modo a produzir COS claro.

No meio do p61 vemos as confusões que surgem aqui e em todos os lugares quando não mantemos S1 e S2 separados. Ou não devemos nos referir a representações no S1 ou

devemos pelo menos chamá-las de R1 e perceber que elas não têm COS público — ou seja, nenhum COS2.

No p63, a não desvinculabilidade significa apenas que é uma função automática causada de S1 e não uma função fundamentada e voluntária de S2. Essa discussão continua na próxima página, mas é claro que é relevante para todo o livro e para toda a filosofia, e é tão lamentável que Searle, e quase todos nas ciências comportamentais, não possa entrar no século 21 e usar a terminologia de dois sistemas que torna tantas questões opacas muito clear. Da mesma forma, com o fracasso em entender que é sempre apenas uma questão científica ou filosófica e se filosófico então qual jogo de linguagem vai ser jogado e o que o COS está no contexto em questão.

No p64, ele diz que a "experiência" está em sua cabeça, mas esse é apenas o problema — como W deixou tão claro que não há linguagem privada e como Bennett e Hacker levam toda a comunidade neurociência para tarefa, em uso normal a 'experiência' só pode ser um fenômeno público para o qual compartilhamos critérios, mas qual é o teste para eu ter uma experiência na minha cabeça? Nomínimo, há uma ambiguidade aqui que levará aos outros. Muitos acham que isso não importa, muitos pensam que importam. Algo acontece no cérebro, mas isso é uma questão neurofisiológica científica e certamente por "experiência" ou por "eu vi um coelho" nunca significa a neurofisiologia. Claramente isso não é uma questão para a investigação científica, mas uma das palavras intelecto.

No p65 indexado, não destacável e apresentacional são apenas jargão mais filosófico usado em vez do Sistema 1 por pessoas que não adotaram a estrutura de dois sistemas para descrever o comportamento (ou seja, quase todos). Da mesma forma, para as páginas a seguir, se percebermos que "objetos e estados de coisas", "experiências visuais", "totalmente determinadas" etc., são apenas jogos de linguagem onde temos que decidir o que são os COS e que se tivermos em mente as propriedades de S1 e S2 tudo isso se torna bastante claro e Searle e todos os outros poderiam parar de "lutar para expressá-lo". Assim (p69) 'a realidade é determinada' significa apenas que as percepções são S1 e assim estados mentais, aqui e agora, automáticos, causais, intével (somente verdadeiros, ou seja, sem testes públicos) etc. enquanto crenças, como todas as disposições são S2 e por isso não estados mentais, não têm um tempo definido, têm razões e não causas, são testados com COS etc.

No p70 ele observa que as intenções em ação de percepção (IA1 em meus termos) fazem parte dos atos reflexivos de S1 (A1 em meus termos) que podem ter origem em atos S2 que se tornaram reflexivos (S2A na minha terminologia).

No fundo do p74 na p75, 500 msec é frequentemente tomado como a linha divisória aproximada entre ver (S1) e ver como (S2), o que significa que s1 passa o percept para centros cortical mais altos de S2 onde eles podem ser deliberados e expressos na linguagem.

No p100-101 o "campo visual subjetivo" é S2 e "campo visual objetivo" é S1 e "nada é visto" em S2 significa que não jogamos o jogo linguístico de ver no mesmo sentido que para S1 e de fato filosofia e uma boa parte da ciência (por exemplo, física) seria diferente se as pessoas percebessem que estavam jogando jogos de idiomas e não fazendo ciência.

No p107 'percepção é transparente' porque a linguagem é S2 e S1 não tem linguagem, pois é automática e reflexiva, então ao dizer o que vi, ou para descrever o que vi, só posso dizer "vi um gato". Mais uma vez W apontou isso há muito tempo como mostrando os limites da linguagem.

P110 meio precisa ser traduzido de 'SearleSpeak' para 'Two Systems Speak' para que como a intencionalidade visual apresentação é uma subespécie de representação, e como toda representação está aspectos, as apresentações visuais sempre estarão presentes suas condições de satisfação alguns aspectos e não em outros. torna-se Porque os perceptistas do S1 apresentam seus dados ao S2, que tem COS público, podemos falar de S1 como se também tivesse COS público. No p111 a 'condição' refere-se ao COS público de S2, ou seja, os eventos que tornam a declaração verdadeira ou falsa e "ordem inferior" e "ordem superior" referem-se a S1 e S2.

No p112 a ação básica e a percepção básica são isomórficas porque a S1 alimenta seus dados para S2, o que só pode gerar ações alimentando-se de S1 para contrair músculos, e percepção de nível mais baixo (P1) e percepção de nível superior (P2) só pode ser descrita nos mesmos termos devido à haver apenas uma linguagem para descrever S1 e S2. No fundo p117 seria muito menos misterioso se ele adotasse a estrutura de dois sistemas, de modo que, em vez de "conexão interna" com condições de satisfação (meu COS1), uma percepção seria apenas notada como a automaticidade do S1 que causa um estado mental.

No p120 a questão é que as "cadeias causais" não têm poder explicativo porque os jogos linguísticos da "causa" só fazem sentido em S1 ou outros fenômenos não psicológicos da natureza, enquanto a semântica é S2 e só podemos falar inteligivelmente de razões para um comportamento humano mais elevado. Uma maneira de se manifestar é "o significado não está na cabeça" que nos enmeshes em outros jogos de idiomas.

No p121 dizer que é essencial para uma percepção (S1) de que tem COS1 ('a experiência') apenas descreve as condições do jogo de percepção da linguagem — é um estado mental causal automático (P1) quando estamos falando do Sistema 1.

Na p 122 eu penso "Primeiro, para que algo seja vermelho no mundo ontologicamente objetivo é que ele seja capaz de causar experiências visuais ontologicamente subjetivas como esta." não é coerente, pois não há nada a que possamos referir 'isso' por isso deve ser declarado como "Primeiro, para que algo seja vermelho é apenas para ele me inclinar a chamá-lo de 'vermelho' " — como de costume, o jargão não ajuda em tudo e o resto do parágrafo é desnecessário também.

No p123 a "disposição de fundo" é o estado mental automático, causal e mental de S1, e como eu, de acordo com W, DMS e outros já disse muitas vezes, estes não podem ser intelegivelmente chamados de "pressupostos", pois são inconscientemente ativados 'dobradiças' que são a base para pressupostos.

A seção VII e VIII (ou todo o livro ou a maioria do comportamento de ordem superior ou a maioria da filosofia no sentido estreito) poderiam ser intituladas "Os jogos de linguagem descrevendo a interação do causal, estados mentais transitórios automáticos e não linguísticos de S1 com o pensamento linguístico fundamentado, consciente e persistente de S2" e o fundo não é supposicional nem pode ser dado comocerto, mas é nossa psicologia axiomática somente verdadeira (as 'dobradiças' ou 'formas de agir' de "On Certainty" de W) que estão por trás de todos Suposições. Como é evidente pelos meus comentários, acho que toda a seção, sem a estrutura de dois sistemas e as percepções de W em OC, é confundida em supondo que apresenta uma "explicação" da percepção onde só pode descrever como a linguagem da percepção funciona em vários contextos. Só podemos descrever como a palavra "vermelho" é usada e esse é o fim dela e para a última frase desta seção podemos dizer que para algo ser uma "maçã vermelha" é apenas para que ela normalmente resulte nas mesmas palavras sendo usadas por todos.

Falando em dobradiças, é triste e um pouco estranho que Searle não tenha incorporado o que muitos ((por exemplo, DMS (Danielle Moyal-Sharrock) um eminente filósofo contemporâneo e especialista em W líder)) consideram como a maior descoberta na filosofia moderna — W está revolucionando da epistemologia em seu 'On Certainty', como ninguém pode mais fazer filosofia ou psicologia à maneira antiga sem olhar antiquado e confuso . E embora Searle quase inteiramente ignorou 'On Certainty' toda a sua carreira, em 2009 (ou seja, 6 anos antes da publicação deste livro) ele falou em um simpósio sobre ele realizado pela Sociedade Wittgenstein Britânica e organizado pelo DMS, então ele certamente está ciente da visão que revolucionouos mesmos temas que ele está discutindo aqui. Não acho que essa reunião tenha sido publicada, mas sua palestra pode ser baixada de Vimeo. Parece ser um caso de um cachorro velho que não consegue aprender novos truques. Embora ele provavelmente tenha sido pioneiro em um território mais novo na psicologia descritiva do comportamento de ordem superior do que qualquer um desde Wittgenstein (exceto talvez Peter Hacker cujos escritos são bastante densos e seus 3 volumes sobre a Natureza Humana muito recente), uma vez queele aprendeu um caminho ele tende a permanecer nele, como todos nós. Como todo mundo, ele usa o *repertório* da palavra francesa quando taqui é mais fácil de pronunciar e soletrar palavra inglesa 'repertório' e o estranho 'he/she' ou reverter sexista 'ela' quando se pode sempre usar 'eles' ou 'eles'. Apesar de sua maior inteligência e educação, os acadêmicos também são ovelhas e estão quase todos seguindo semialfabetizados de classe baixa não apenas em inglês ruim, mas no fascismo neomarxista da supremacia do terceiro mundo.

A Seção IX até o final do capítulo mostra novamente os jogos de linguagem muito opacos e desajeitados que se é forçado a descrever (não explicar como W deixou claro) as propriedades de S1 (ou seja, para jogar os jogos de idioma usados para descrever 'qualidades primárias') e como essas se dão em S2 (ou seja, qualidades secundárias), que então tem que alimentar de volta ao S1 para gerar ações. Também mostra os erros que se comete ao não compreender a visão única de Wittgenstein sobre a "epistemologia da dobradiça" apresentada em "On Certainty". Para mostrar o quanto isso é mais claro com a terminologia do sistema duplo eu teria que reescrever todo o capítulo (e grande parte do livro). Como eu reescrevi seções aqui várias vezes, e muitas vezes nas minhas críticas dos outros livros de Searle, eu só vou dar alguns breves exemplos.

A frase no p129 "A realidade não depende da experiência, mas por outro lado. O conceito da realidade em questão já envolve a capacidade causal de produzir certos tipos de experiências. Assim, a razão pela qual essas experiências apresentam objetos vermelhos é que o próprio fato de ser um objeto vermelho envolve uma capacidade de produzir esse tipo de experiência. Ser uma linha reta envolve a capacidade de produzir esse outro tipo de experiência. O resultado é que os organismos não podem ter essas experiências sem que pareça para eles que estão vendo um objeto vermelho ou uma linha reta, e que "parecer para eles" marca a intencionalidade intrínseca da experiência perceptiva." Pode ser renderizado como "S1 fornece a entrada para S2 e a maneira como usamos a palavra 'vermelho' mandatos é COS em cada contexto, então usar essas palavras de uma maneira particular é o que significa ver vermelho. No caso normal, não nos parece " que vemos vermelho, só vemos vermelho e usamos 'parecemos' para descrever casos em que estamos em dúvida."

No p130 "Nossa pergunta agora é: Existe uma conexão essencial entre o caráter das coisas no mundo e o caráter de nossa experiência?" pode ser traduzida como "Nossos jogos de língua pública (S2) são úteis (consistentes) na descrição da percepção (S1)?"

O primeiro parágrafo da Seção X 'A Estrada Retrógrada' é talvez o mais importante do livro, pois é fundamental que toda a filosofia entenda que não pode haver uma conexão precisa de 1:1 entre ou redução de S2 para S1 devido às muitas formas de descrever na linguagem um determinado evento (estado mental, ou seja, percept, memória etc.). Daí a aparente impossibilidade de capturar comportamentos (linguagem, pensamento) perfeitamente em algoritmos (a desesperança da 'IA forte') ou de extrapolar de um determinado padrão neuronal no cérebro para os atos multitudinários (jogos linguísticos - ou seja, palavras em contextos ilimitados) que usamos para descrevê-lo. A 'Estrada Retrógrada' é a linguagem (COS) do S2 usada para descrever o S1. Mais uma vez, acho que sua falha em usar a estrutura de dois sistemas torna isso bastante confuso se não opaco. Claro, ele compartilha essa falha com quase todos. Searle já comentou sobre isso antes e outros (por exemplo, Hacker, W em vários contextos), mas parece ter escapado da maioria dos filósofos e quase todos os cientistas.

Novamente, Searle perde o ponto na Seita XI e X12 – não vemos e não podemos 'parecer ver' vermelho ou 'parece' ter uma memória ou 'assumir' uma relação entre a experiência e a palavra, mas como em todas as percepções e memórias que constituem os estados mentais axiomáticos inatas do Sistema 1, só temos a experiência e "ela" só se torna "vermelha" etc., quando descrita em linguagem pública com essa palavra neste contexto pelo Sistema 2. Sabemos que é vermelho, pois este é uma dobradiça — um axioma de nossa psicologia que é nossa ação automática e é a base para suposições ou julgamentos ou pressupostos e não pode ser julgado, testado ou alterado intelecto. Um S W apontou tantas vezes, um erro em S1 é de um tipo totalmente diferente do que um em S2. Nenhuma explicação é possível — só podemos descrever como funciona e, portanto, não há possibilidade de obter uma "explicação" não trivial da nossa psicologia de alta ordem. Como sempre fez, Searle comete o erro comum e fatal de pensar que entende o comportamento (linguagem) melhor do que Wittgenstein. Depois de uma década lendo W, S e muitos outros eu acho que os "exemplos perspicuosos" de W, aforismos e dialogues geralmente fornecem maior iluminação do que as disquisições palavras de qualquer outra pessoa.

"Podemos não avançar qualquer tipo de teoria, não deve ser nada hipotético em nossas considerações. Devemos acabar com toda a explicação, e a descrição por si só deve tomar seu lugar. (PI 109).

No p135, uma maneira de descrever a percepção é que o evento ou objeto causa um padrão de ativação neuronal (estado mental) cujo COS1 auto-reflexivo é que vemos uma rosa vermelha na nossa frente, e em contextos apropriados para uma pessoa falante normal de inglês, isso nos leva a ativar contrações musculares que produzem as palavras "Vejo uma rosa vermelha" cujo COS2 é que há uma rosa vermelha lá. Ou simplesmente, o S1 produz S2 em contextos apropriados. Assim, no p136 podemos dizer que o S1 leva ao S2 que expressamos neste contexto pela palavra 'suave' que descreve (mas nunca 'explica') como funciona o jogo linguístico de 'suave' neste contexto e podemos traduzir "Para ações básicas e percepções básicas o conteúdo intencional está internamente relacionado às condições de satisfação, mesmo que seja caracterizado não intencionalmente, pois sendo o recurso F percebido consiste na capacidade de causar experiências. E no caso da ação, experiências desse tipo consistem em sua capacidade de causar esse tipo de movimento corporal." como "Percepções básicas (S1) podem levar automaticamente (internamente) a ações básicas de reflexo (A1) (ou seja, queimar um dedo leva a retirar o braço) que só então entra na conscientização para que possa ser refletida e descrita na linguagem (S2).

No p150, a questão é que o iníciar, como saber, julgar, pensar, é uma disposição S2 expressa em linguagem com COS público que são informativos (verdadeiros ou falsos), enquanto percepções não são informais (veja minha revisão do primeiro livro de Hutto e Myin) respostas automatizadas do S1 e não há uma maneira significativa de jogar um jogo de idiomas de inferir em S1. Árvores e tudo o que vemos é S1 por algumas centenas de msec ou mais e, em seguida, normalmente entram S2 onde eles têm linguagem anexada (forma

aspectual ou vendo como).

Em relação ao p151 et seq., é triste que Searle, como parte de sua falta de atenção ao w posterior, nunca parece se referir ao que é provavelmente a análise mais penetrante das palavras coloridas em "Observações sobre Cor", de W, que está faltando em quase todas as discussões sobre o assunto que vi. A única questão é como jogamos o jogo com palavras coloridas e com 'mesmo', 'diferente', 'experiência', etc. neste contexto linguístico público (declarações verdadeiras ou falsas — COS2) porque não há linguagem e nenhum significado em particular (S1). Portanto, não importa (exceto para neurocientistas) o que acontece nos estados mentais de S1, mas apenas o que dizemos sobre eles quando eles entram em S2. Está claro como o dia 7. 8 bilhões na Terra têm um padrão ligeiramente diferente de ativação neural cada vez que vêem vermelho e que não há possibilidade de uma correlação perfeita entre S1 e S2. Como notei acima, é absolutamente fundamental para todos os filósofos e cientistas deixarem isso claro.

Em relação ao cérebro em um tanque (p157), na medida em que interrompemos ou eliminamos as relações normais de S1 e S2, perdemos os jogos linguísticos da intencionalidade. O mesmo se aplica a máquinas inteligentes e W descreveu esta situação definitivamente há mais de 80 anos.

"Apenas de um ser vivo e o que se assemelha (se comporta como) um ser humano vivo pode-se dizer: tem sensações; ele vê; é cego; ouve; é surdo; é consciente ou inconsciente. (PI 281)

Capítulo 6: sim disjuntivismo (como quase todas as teses filosóficas) é incoerente e o fato de que este e outros absurdos florescem em seu próprio departamento e até mesmo entre alguns de seus ex-alunos que receberam notas máximas em suas aulas de Filosofia da Mente mostra talvez que, como a maioria, ele parou muito cedo em seus estudos Wittgenstein.

No p188, sim ver veridicamente e "saber" (ou seja, K1) são os mesmos, uma vez que s1 é apenas verdade- ou seja, é o rápido, axiomático, causicamente auto-reflexivo, estados mentais automáticos que só podem ser descritos com os jogos lentos e deliberativos de linguagem pública de S2.

No p204-5, a representação está sempre um aspecto, pois, como pensar, conhecer etc., é uma disposição do S2 com COS público, que é infinitamente variável.

Mais uma vez, acho que o uso do quadro de dois sistemas simplifica muito a discussão. Se alguém insiste em usar a 'representação' para 'apresentações' do S1, então deve-se dizer que o R1 tem COS1 que são estados mentais neurofisiológicos transitórios, e assim totalmente diferente do R2, que têm COS2 (formas aspectuais) que são estados de coisas públicos, linguisticamente expressíveis, e a noção de estados mentais inconscientes é

ilegítima, uma vez que tais jogos linguísticos não têm sentido claro.

Infelizmente, no p211 Searle, talvez pela décima vez em seus escritos (e infinitamente em suas palestras), diz que o "livre arbítero" pode ser ilusório, mas como W dos anos 30 anotado, não se pode negar coerentemente ou julgar as 'dobradiças' como a nossa escolha, nem que vemos, ouvimos, dormem, têm mãos etc., pois essas palavras expressam os verdadeiros axiomas de nossa psicologia, nossos comportamentos automáticos que são a base para a ação.

Na parte inferior p219 e 222 no topo — foi W em seu trabalho, culminando em 'On Certainty' que apontou que o comportamento não pode ter uma base probatório e que sua fundação é nossa certeza animal ou maneira de se comportar que é a base da dúvida e da certeza e não pode ser duvidada (t ele dobradiças de S1). Ele também observou muitas vezes que um "erro" em nossas percepções básicas (S1) que não tem COS público e não pode ser testado (ao contrário dos de S2), se for maior ou persistir, leva não a mais testes, mas à insanidade.

Fenomenalismo p227 topo: Veja meus extensos comentários sobre o excelente ensaio de Searle 'A Ilusão Fenomenológica' na minha revisão de 'Filosofia em um Novo Século'. Não há sequer qualquer mandado para se referir às experiências privadas como "fenômenos", "vendo" ou qualquer outra coisa. Como W nos mostrou famosamente, a linguagem só pode ser uma atividade pública testável (sem linguagem privada). E no p230 o problema não é que a "teoria" "parece" inadequada, mas que (como a maioria, se não todas as teorias filosóficas) é incoerente. Ele usa uma linguagem que não tem COS claro. Como W insistiu que tudo o que podemos fazer é descrever — são os cientistas que podem fazer teorias.

A questão é que este é o clássico Searle — soberba e provavelmente pelo menos tão bom quanto qualquer outro pode produzir, mas sem compreensão dos insights fundamentais do Wittgenstein posterior, e sem compreensão dos dois sistemas de estrutura de pensamento, que poderia ter tornou brilhante.

Eu novamente notei que W colocou uma resolução interessante para alguns desses "quebra-cabeças" sugerindo que alguns "fenômenos mentais" (ou seja, palavras para disposições que levam a atos públicos) podem ter origem em processos caóticos no cérebro e que não há nada correspondente a um traço de memória, nem a um único processo cerebral identificável como uma única intenção ou ação - que a cadeia causal termina sem deixar rastros, e que 'causa', 'evento' e 'tempo' deixam de ser aplicáveis (útil — tendo COS claro). Posteriormente, muitos fizeram sugestões semelhantes baseadas na física e nas ciências da complexidade e do caos. Deve-se lembrar, no entanto, que "caótico" no sentido moderno significa determinado pelas leis, mas não previsível, e que a ciência do caos não existia até muito tempo depois de sua morte. E novamente deixe-me notar que a teoria do caos provou ser indecível e incompleta (no sentido de Godel).

Todo o nosso comportamento (ou funcionamento cerebral se desejar) tem sua origem em nossa psicologia inata, então as "ciências humanas" da filosofia, sociologia, antropologia, ciência política, psicologia, história, literatura, religião, etc., e as "ciências duras" da física, matemática e biologia são uma mistura das questões do jogo de idiomas, que eu discuti aqui, com as reais científicas sobre o que os fatos empíricos são uma mistura das questões do jogo de idiomas, que eu discuti aqui, com as reais científicas sobre o que os fatos empíricos são os fatos empíricos reais sobre o que os fatos empíricos são. O cientismo está sempre presente e repito o que Wittgenstein nos disse há muito tempo.

"Os filósofos veem constantemente o método da ciência diante de seus olhos e são irresistivelmente tentados a fazer e responder perguntas da maneira como a ciência faz. Essa tendência é a verdadeira fonte da metafísica e leva o filósofo à escuridão completa." (BBB p18)

É minha afirmação que a tabela da intencionalidade (racionalidade, mente, pensamento, linguagem, personalidade etc.) que apresenta proeminentemente aqui descreve mais ou menos precisamente, ou pelo menos serve como um heurista para, como pensamos e nos comportamos, e por isso engloba não meramente filosofia e psicologia, mas tudo o resto (história, literatura, matemática, política etc.).

A chave para a sociedade é a biologia, e é alheia que está levando a maior parte do mundo a defender ideais utópicos suicidas que levam inexoravelmente ao Inferno na Terra. Descrevo isso em detalhes nos meus livros 'Suicidal Utopia Delusions in the 21st Century' 4th ed. (2019) e 'Suicide by Democracy: an Obituary for America and the World' 2nd ed. (2019) y muchas outras en Ingles e Portuguese.